



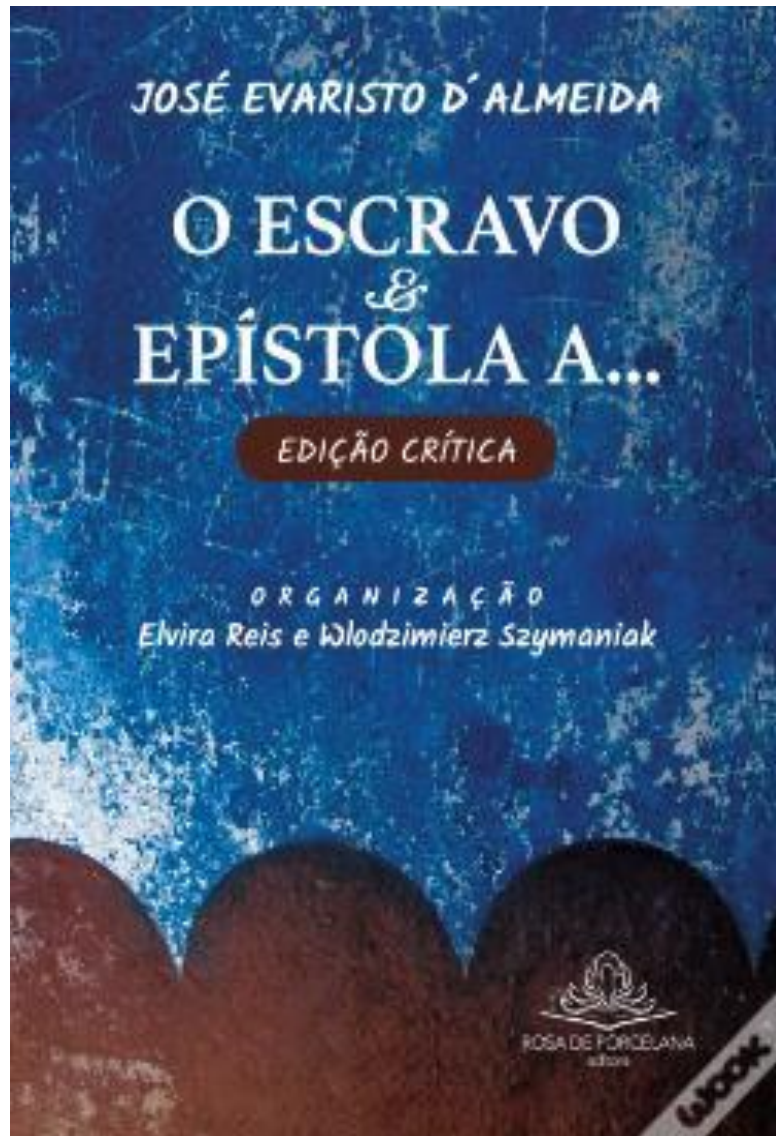
Universidade de Cabo Verde

Faculdade de Ciências Sociais, Humanas e Artes - São Vicente

Tema: A Identidade Cultural cabo-verdiana no romance *O Escravo*, de José Evaristo d'Almeida
Mestrado em Ensino de Língua Portuguesa, Língua Segunda / Língua Estrangeira

DISSERTAÇÃO

A Identidade Cultural cabo-verdiana no romance *O Escravo*,
de José Evaristo d'Almeida



ORIENTADORA

Profª. Doutora Maria de Fátima Fernandes

MESTRANDO

Jorge Gomes Andrade

Mindelo, dezembro 2020



Universidade de Cabo Verde

Faculdade de Ciências Sociais, Humanas e Artes - São Vicente

Tema: A Identidade Cultural cabo-verdiana no romance *O Escravo*, de José Evaristo d'Almeida

Mestrado em Ensino de Língua Portuguesa, Língua Segunda / Língua Estrangeira

TEMA

A Identidade Cultural cabo-verdiana no romance *O Escravo*,

de José Evaristo d'Almeida

ORIENTADORA

Prof^ª. Doutora Maria de Fátima Fernandes

MESTRANDO

Jorge Gomes Andrade

Trabalho científico apresentado à Universidade de Cabo Verde como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Ensino de Língua Portuguesa, Língua Segunda / Língua Estrangeira sob orientação da Prof^ª Doutora Maria de Fátima Fernandes.



Universidade de Cabo Verde
Faculdade de Ciências Sociais, Humanas e Artes - São Vicente
Tema: A Identidade Cultural cabo-verdiana no romance *O Escravo*, de José Evaristo d'Almeida
Mestrado em Ensino de Língua Portuguesa, Língua Segunda / Língua Estrangeira

DEDICATÓRIA

Numa mistura de três sentimentos (amor, amizade e gratidão)

Aos meus filhos: Hugo, Erick, Ricardo e ao meu netinho Djelany.

À memória dos meus estimados e eternos pais, Maria da Luz Gomes e Lino Vitória Andrade. Muito obrigado por me terem transformado num homem de luta, sacrifício e humano!

À memória dos verdadeiros e eternos amigos:

Armando Manuel Pires,

Manuel dos Santos Pasquinha,

Fernando e Nélon Lopes Santos.

Fácil adivinhar a vossa felicidade!

O trabalho é vosso!

Até breve!



Universidade de Cabo Verde

Faculdade de Ciências Sociais, Humanas e Artes - São Vicente

Tema: A Identidade Cultural cabo-verdiana no romance *O Escravo*, de José Evaristo d'Almeida
Mestrado em Ensino de Língua Portuguesa, Língua Segunda / Língua Estrangeira

AGRADECIMENTOS

- Do fundo do coração, agradeço à minha incansável Orientadora, Prof^a. Doutora Maria de Fátima Fernandes pelo conhecimento, pela energia positiva e, sobretudo, pela paciência. Sem o esforço e a persistência desta Senhora não teria sucesso neste trabalho.

- Ao Racionalismo Cristão, uma Doutrina sábia e dócil que me tem proporcionado a força, a vontade, a sabedoria e a humildade para enfrentar com coragem e determinação as adversidades da vida terrena.

- À minha família, que muito tem contribuído para que chegasse onde estou com educação, proteção e apoio incondicional.

- À Universidade de Cabo Verde - Faculdade de Ciências Sociais Humanas e Artes - São Vicente pelo apoio constante!

- À Cooperação Portuguesa e à Cátedra Eugénio Tavares, sem as quais não seria possível a concretização deste sonho. Continuemos juntos!

- Um agradecimento especial aos Professores que se deslocaram da Cidade da Praia para nos ministrar os seminários em São Vicente e que nos atendiam com carinho.

- Ao Coordenador do Mestrado Prof. Doutor José Esteves Rei, uma mantenha com morabeza do povo das ilhas!

- Aos meus colegas de Santo Antão: Ivone Sousa e Oceano da Luz, pelo companheirismo e amizade, aos de São Vicente pelo incentivo e carinho, bem como a todos aqueles que contribuíram para a minha elevação académica e humana!



Universidade de Cabo Verde
Faculdade de Ciências Sociais, Humanas e Artes - São Vicente
Tema: A Identidade Cultural cabo-verdiana no romance *O Escravo*, de José Evaristo d'Almeida
Mestrado em Ensino de Língua Portuguesa, Língua Segunda / Língua Estrangeira

EPÍGRAFE – *Força de Crecheu*¹

Ca tem nada na es bida
Más grande que amor.
Se Deus ca tem medida,
Amor inda é maior...
Amor inda é maior,
Maior que mar, que ceu:
Mas, entre otos crecheu,
De meu inda é maior.
Crecheu más sabe,
É quel que é de meu.
Ele é que é chabe
Que abrim nha ceu...
Crecheu, mas sabe
É quel
Queq' rem...
Se já 'n perdel,
Morte dja bem...
Ó força de crecheu,
Abri 'n nha asa em flor!
Dixa 'n alcança ceu
Pa'n bá oja Nós Senhor,
Pa'n bá pedil semente
De amor coma es de meu,
Pa'n bem da toda gente,
Pa todo conché céu!

Tavares E. 2017, pp. 118,119

¹ Este poema foi inspirado numa das histórias mais apaixonantes de amor da Ilha Brava em que foram protagonistas Hermano de Pina, (médico e amigo de Eugénio Tavares) Ana Quirino, (uma linda moça) e José, “um bom rapaz” que pertencia a uma família amiga do pai dela. Depois de terminados os estudos em Medicina, Hermano regressou a Brava para servir a sua gente, conheceu a menina e apaixonaram-se. Hermano foi rejeitado pela família da moça que escolheu José para casar. Consumado o ato, José emigrou para Estados Unidos deixando a moça em casa dos pais em segurança, e nunca mais voltou à Brava. Hermano de Pina, tempos depois, roubou-a e juntos viveram o amor contado por E. T. no poema *A Força de Crecheu*.

Fontes: Extrato de uma conferência com o título *O Amor em Eugénio Tavares* proferida por Carlota e Viriato de Barros na Hemeroteca da Câmara Municipal de Lisboa, em 29 de Março de 2005 acesso em https://www.eugeniotavares.org/docs/pt/noticias/amor_em_eugenio_tavares.html e Revista Artiletra / nov.2005.

Obs. A revista Artiletra /nov.2005 diz que a moça se chamava Mariana.



Universidade de Cabo Verde

Faculdade de Ciências Sociais, Humanas e Artes - São Vicente

Tema: A Identidade Cultural cabo-verdiana no romance *O Escravo*, de José Evaristo d'Almeida

Mestrado em Ensino de Língua Portuguesa, Língua Segunda / Língua Estrangeira

RESUMO

A dissertação que ora apresentamos como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Ensino de Língua Portuguesa, Língua Segunda / Língua Estrangeira, visa, primeiramente, inventariar e caracterizar os fatores identitários cabo-verdianos presentes no romance *O Escravo* de José Evaristo d'Almeida que contribuíram na formação da Identidade Cultural cabo-verdiana e, de seguida, formar uma pequena proposta de leitura da Literatura de denúncia ou de intervenção social.

Assim, a investigação destacou a morabeza, a mestiçagem biológica e cultural, resultando no aparecimento da Língua crioula e o mestiço, a escravatura e seus efeitos, a emigração, o amor, a criação de sentimentos, a classe feminina no romance *O Escravo*, as classes sociais na era da escravatura, o papel da igreja, as influências do romantismo na escrita do autor, bem como a recolha e análise de alguns textos literários cabo-verdianos. Quase todos os textos recolhidos continuam a abordar as temáticas tradicionais (a emigração, a insularidade, a seca, a fome, a solidão, a saudade, etc.), sendo a única exceção, o *Marginais* de Evel Rocha que rompe com o tradicionalismo e introduz outros temas relacionados com igualdade de género, a participação cívica, a orientação sexual, os preconceitos sociais, o abuso de autoridades, abandono escolar, a miséria, a prostituição, o abuso sexual de menores, a criminalidade urbana, a toxicodependência, a injustiça, entre outros.

Palavras-chave: Literatura, Escravatura, Mestiçagem, Cultura e Identidade.



Universidade de Cabo Verde

Faculdade de Ciências Sociais, Humanas e Artes - São Vicente

Tema: A Identidade Cultural cabo-verdiana no romance *O Escravo*, de José Evaristo d'Almeida
Mestrado em Ensino de Língua Portuguesa, Língua Segunda / Língua Estrangeira

ABSTRACT

The dissertation that we present as a partial requirement for obtaining a Master's Degree in Portuguese Language Teaching, Second Language / Foreign Language, aims, first, to record and characterize the Cape Verdean identity factors present in the novel *O Escravo (The Slave)* by José Evaristo d'Almeida who contributed to the formation of Cape Verdean Cultural Identity and then form a small proposal to read the Literature of denunciation or social intervention.

Thus, the investigation highlighted *morabeza* (hospitality), biological and cultural miscegenation, resulting in the appearance of the Creole language and the mestizo, slavery and its effects, emigration, love, the creation of feelings, the female class in the novel *O Escravo*, the social classes in the era of slavery, the role of the church, the influences of romanticism in the author's writing, as well as the collection and analysis of some Cape Verdean literary texts. Almost all of the collected texts continue to address traditional themes (emigration, insularity, drought, hunger, loneliness, longing, etc.), the only exception being *Marginais* by Evel Rocha that breaks with traditionalism and introduces other themes related to gender equality, civic participation, sexual orientation, social prejudice, abuse of authorities, school dropout, misery, prostitution, sexual abuse of minors, urban crime, drug addiction, injustice, among others.

Keywords: Literature, Slavery, Mestizo, Culture and Identity.



Universidade de Cabo Verde

Faculdade de Ciências Sociais, Humanas e Artes - São Vicente

Tema: A Identidade Cultural cabo-verdiana no romance *O Escravo*, de José Evaristo d'Almeida

Mestrado em Ensino de Língua Portuguesa, Língua Segunda / Língua Estrangeira

Índice geral

| | |
|---|--------|
| DEDICATÓRIA | III |
| AGRADECIMENTOS | IV |
| EPÍGRAFE – Força de Crecheu | V |
| RESUMO | VI |
| ABSTRACT..... | VII |
| CAPÍTULO I | - 1 - |
| 1.1-INTRODUÇÃO..... | - 1 - |
| 1.2 - JUSTIFICAÇÃO DO TEMA E SUA PERTINÊNCIA CIENTÍFICA | - 4 - |
| 1.3 - PROBLEMÁTICA DO ESTUDO..... | - 5 - |
| 1.4- OBJETIVOS E PERGUNTA DE PARTIDA | - 7 - |
| Objetivo geral: | - 7 - |
| Objetivos específicos: | - 7 - |
| Pergunta de partida: | - 8 - |
| 1.5 - SÍNTESE DA METODOLOGIA E ORGANIZAÇÃO | - 8 - |
| CAPÍTULO II..... | - 10 - |
| 2.1 - A IDENTIDADE..... | - 10 - |
| 2.2- A IDENTIDADE CULTURAL CABO-VERDIANA | - 14 - |
| 2.3 - A IDENTIDADE CULTURAL CABO-VERDIANA NO ROMANCE <i>O ESCRAVO</i> DE EVARISTO D´ALMEIDA: | - 18 - |
| Morabeza, hospitalidade e amabilidade | - 22 - |



Universidade de Cabo Verde

Faculdade de Ciências Sociais, Humanas e Artes - São Vicente

Tema: A Identidade Cultural cabo-verdiana no romance *O Escravo*, de José Evaristo d'Almeida

Mestrado em Ensino de Língua Portuguesa, Língua Segunda / Língua Estrangeira

| | |
|---|--------|
| Emigração cabo-verdiana : saudades, esperanças e sofrimentos | - 23 - |
| As classes sociais: o branco europeu, o negro africano e o mestiço cabo-verdiano | - 25 - |
| Miscigenação cultural e racial: formação da sociedade mestiça | - 26 - |
| As figuras femininas no romance | - 32 - |
| A construção de sentimentos..... | - 34 - |
| O romance <i>O Escravo</i> e a escravatura negra..... | - 36 - |
| A Língua Materna cabo-verdiana | - 39 - |
| A Igreja na formação da Identidade cabo-verdiana..... | - 44 - |
| O romance <i>O Escravo</i> no contexto literário português : o Romantismo..... | - 46 - |
| Resumo de outros fatores identitários cabo-verdianos no romance..... | - 50 - |
| | |
| CAPÍTULO III..... | - 56 - |
| | |
| 3.1- UMA PROPOSTA DE LEITURA DA LITERATURA DE DENÚNCIA OU DE INTERVENÇÃO SOCIAL EM CABO VERDE | - 56 - |
| 3.1.1-Pré-Claridade | - 57 - |
| Eugénio Tavares | - 57 - |
| 3.1.2-Claridade..... | - 59 - |
| <i>Chiquinho</i> de Baltasar Lopes da Silva..... | - 61 - |
| <i>Os Flagelados do Vento Leste</i> de Manuel Lopes | - 62 - |
| 3.1.3-Pós-Claridade ou Modernismo | - 64 - |
| <i>Marginais</i> de Evel Rocha..... | - 65 - |
| <i>Gritarei, Berrarei, Matarei - Não vou para Passárgada</i> de Ovídio Martins | - 66 - |
| <i>Portão das Companhias, Solidão, Lema e Regresso</i> de Onésimo Silveira | - 67 - |
| <i>Porton d'nos ilha</i> de Renato Cardoso : música..... | - 68 - |
| | |
| 4 - CONCLUSÃO..... | - 71 - |
| | |
| 5- BIBLIOGRAFIA | 75 |
| | |
| 6 – ANEXOS | 83 |
| 6.1- Anexo 01..... | 83 |
| A OBRA E O AUTOR: <i>O ESCRAVO</i> E JOSÉ EVARISTO D'ALMEIDA..... | 83 |



Universidade de Cabo Verde

Faculdade de Ciências Sociais, Humanas e Artes - São Vicente

Tema: A Identidade Cultural cabo-verdiana no romance *O Escravo*, de José Evaristo d'Almeida

Mestrado em Ensino de Língua Portuguesa, Língua Segunda / Língua Estrangeira

Índice de quadros

| | |
|--|--------|
| QUADRO 01: RESUMO DE OUTROS FATORES IDENTITÁRIOS CABO-VERDIANOS NO ROMANCE <i>O ESCRAVO</i> DE JOSÉ EVARISTO D'ALMEIDA | - 55 - |
|--|--------|

CAPÍTULO I

1.1-INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado tem como propósitos, numa primeira fase: identificar no romance *O Escravo* do português José Evaristo d'Almeida a presença de elementos característicos da Identidade Cultural de Cabo Verde (fatores identitários), caracterizar alguns desses elementos que contribuíram na formação dessa Identidade, nomeadamente, a mestiçagem biológica e cultural, à escravatura, à emigração, à morabeza crioula, entre outros e, numa segunda fase, propor uma pequena incursão na literatura cabo-verdiana de denúncia ou de intervenção social que, se por um lado continua com a “temática” iniciada por José Evaristo d'Almeida no romance *O Escravo*, por outro, demonstra a força, a coragem e a persistência do Homem cabo-verdiano na construção e preservação da sua própria Identidade Cultural ao longo dos tempos.

Os autores dessa literatura de intervenção social deixaram testemunhos inerentes à sua vivência (temáticas) como forma de contribuir para uma educação e formação cultural e cívica das gerações subsequentes e manter vivas as lutas travadas antigamente para sua sobrevivência. Esses textos selecionados para a “Proposta de leitura da literatura de denúncia ou de intervenção social em Cabo Verde” (capítulo III), incluindo o romance *O Escravo* e muitos outros não selecionados, representam marcas de um processo histórico que deve ser explorado nas aulas de Língua portuguesa, História e Cultura cabo-verdiana, no intuito de ajudar os alunos a desenvolverem competências linguísticas, literárias e histórico-culturais e terem senso crítico para exercício de uma plena cidadania ou seja formar alunos, jovens e homens não só instruídos como cidadãos responsáveis.

Assim, da análise do romance *O Escravo* (capítulo II), verificamos que ele retrata uma forte componente da memória cultural deste país que precisa ser lembrada e preservada. No mesmo pensamento destacamos, primeiramente, João Lopes Filho para quem “é importante que na memória de cada povo se ache perpetuado aquilo que, essencialmente, faz compreender como viveram, sentiram e pensaram os seus antepassados”². A referência de Lopes Filho vai de encontro à opinião de António Barbosa da Silva segundo a qual “um modo eficiente de encontrarmos a nossa Identidade

² (Filho, 1985, p. 89)

é analisarmos o nosso passado, o nosso fundo biológico, isto é, as nossas características hereditárias, os nossos legados e raízes culturais, etc.”³. Para Cláudia Bernardete Veiga de Almeida,

O romance *O Escravo* almeja forjar e delinear literalmente uma identidade cabo-verdiana. Isto porque através da análise do contexto histórico e literário do arquipélago, nota-se que a obra dialoga com temas que estavam em voga na literatura europeia, como os da escravidão e da raça.

Almeida C. B., 2009, p. 7

Nesta perspetiva, assenta também a opinião de Susanne Castrillon: “a produção literária de José Evaristo d'Almeida, *O Escravo*, permite vislumbrar as resistências escravas, por vezes invisíveis, bem como o modo de agir e pensar dos sujeitos cabo-verdianos naqueles contextos do século XIX”⁴. Ainda, para esta pesquisadora, este romance “é uma obra plantada no cenário sociocultural de Cabo Verde e evidencia o dia-a-dia das pessoas, em cenas perpassadas pela oralidade e pelo crivo das restrições impostas pela sociedade escravocrata”. De realçar que os diversos momentos da história de Cabo Verde bem como as personagens tipicamente cabo-verdianas, neste romance, retratam e conservam a nossa essência como povo, muitas vezes em confronto com as circunstâncias advenientes da própria natureza, do sistema colonialista, bem como das nossas opções ou parâmetros de vida ao longo dos tempos.

Em síntese, e citando novamente, Susanne Castrillon: “sabe-se que o lugar de movimentação da colonização é, por necessidade, gerador de conflitos. Tal circunstância constante de conflitualidade procede da situação colonial que, enquanto conjunto, espelha uma abstrusa confrontação entre o poder colonizador e os povos escravizados”⁵. Escreveremos mais adiante que essas e outras confrontações impulsionaram este país para criação do seu próprio modo de estar, viver e sentir os outros ou seja a sua própria Identidade Cultural.

Neste ponto, começamos por fazer uma breve resenha dos dois conceitos mais importantes que entram no corpo deste trabalho: a Cultura e a Identidade Cultural de um povo⁶: segundo Waway Kimbanda Rufin “o conceito de identidade é frequentemente associado á Cultura e que “atualmente as grandes discussões sobre identidade são ligadas á questão da Cultura”⁷.

³ (Silva A. B., 1990, p. 95)

⁴ (Castrillon S. , 2017, p. 2)

⁵ (Castrillon S. , 2017, p. 3)

⁶ No segundo capítulo aprofundaremos o estudo desses dois termos.

⁷ (Rufin, 2007, p. 131)

Sobre a origem da palavra “Cultura”, Liziane Monteiro afirma que ela “é etimologicamente derivada do latim (cuidados prestados ao campo ou ao gado) e que “deambulando por áreas como etnologia, sociologia, psicologia social, linguística, psicolinguística, chegou-se ao objeto próprio da antropologia”. Contudo, “antes do conceito antropológico de cultura, foi interpretada como algo que o indivíduo adquire com base na sabedoria e no trabalho intelectual”⁸.

Para a autora, “não existe um consenso em relação à definição clara da cultura, pois há vários pontos de vista desta conceção, desde à psicologia, à sociologia ou até à antropologia”. Cita exemplos da psicologia onde destacou Herskovits (1955) para quem a cultura “é a parte do meio feito pelo Homem”, Skinner (1981) a cultura como “um conjunto de listas de reforços”, Hofstede (1980) cultura como “um programa de computador que controla o comportamento” ou um “*software* da mente”.

Referindo-se à Cultura cabo-verdiana, o antropólogo João Lopes Filho acrescenta que ela “baseia-se na combinação de valores culturais cobrindo traços carateristicamente africanos como, também, vindos geminalmente da Europa. Este fato faz com que a respetiva Identidade Cultural seja complexa e (por isso mesmo) original”.⁹

Em suma, e apoiado nessas várias conceções, entendemos por Cultura um conjunto de comportamentos ou padrões ligados à maneira de pensar, de sentir e de agir que, sendo apreendidos e partilhados por uma pluralidade de pessoas, servem de forma objetiva e simbólica para organizar essas pessoas numa coletividade particular e distinta. Ainda, de acordo com Jorge Lima Andrade Silva¹⁰, a Cultura “só existe porque se cria e recria continuamente no e pelo tecido da interação da ação social de que é simultaneamente condição e consequência”. Referindo a Cultura e Identidade cultural cabo-verdiana, Lima afirma que,

[...] o povo cabo-verdiano possui uma Identidade Cultural própria, no sentido da especificidade coletiva, incluindo nela as caraterísticas peculiares de cada ilha do território nacional com tudo o que pressupõe conhecimento, crenças, arte, moral, leis, costumes e hábitos adquiridos e construídos pelo seu povo numa mesma linha ideológica.

*In nota justificativa do Projeto - Lei que institui o Dia Nacional da Cultura*¹¹

⁸ (Monteiro L. P., 2013, p. 4)

⁹ (Filho, 2003, p. 11)

¹⁰ Apresentador do Projeto-Lei, na Assembleia Nacional de Cabo Verde, sobre a criação do Dia Nacional da Cultura (18 de outubro), em homenagem á Eugénio Tavares.

¹¹ https://www.eugeniotavares.org/docs/pt/noticias/dia_nacional_cultura.html acesso em 4-2-2020, 23h,12 min

Para este apresentador do Projeto-Lei que institui o Dia Nacional da Cultura em homenagem ao poeta e trovador Eugénio Tavares: “desde o povoamento das ilhas, com o fenómeno da miscigenação, o povo de Cabo Verde vem dando importância a sua Identidade Cultural bem patente nas várias expressões, manifestações e efemérides culturais”.

Ainda, em relação à Identidade de um povo, António Perottia escreve que ela “é a maneira como os indivíduos e os grupos se revêm e se definem nas suas semelhanças e diferenças relativamente a outros e grupos”¹². Na opinião de Manuel Brito-Semedo,

o termo (Identidade) quando aplicado ao indivíduo, encerra dois sentidos. O primeiro diz respeito ao “conceito de identidade”, que tem sobretudo um significado de ordem psicológica. A identidade liga-se, assim, a percepção que cada indivíduo tem de si próprio, isto é, da sua própria consciência de existir enquanto pessoa na relação com outros indivíduos, com os quais formam um grupo social.

Brito-Semedo, 2006, p.28 e 29

Assim, para o autor da Tese de Doutoramento, *A Construção da Identidade Nacional - Análise da Imprensa entre 1877 e 1975*, esta percepção de identidade “não existe sem o reconhecimento recíproco entre o indivíduo e a sociedade”, ou seja, o segundo sentido. Desta forma, Brito-Semedo concluiu que, “a Identidade comporta um aspeto subjetivo (a percepção da auto-identificação e continuidade da própria existência do indivíduo no tempo e no espaço) e um aspeto relacional e coletivo (a percepção de que os outros lhe reconhecem essa identificação e continuidade)”¹³

1.2 - JUSTIFICAÇÃO DO TEMA E SUA PERTINÊNCIA CIENTÍFICA

A atitude face à escolha de um tema para a realização de um trabalho desta natureza é muito complexa, de modo que, na maioria das vezes ela se associa a um conjunto de fatores, tanto internos como externos ao pesquisador. Para além do aspeto didático-pedagógico tivemos que meditar na sua importância científica e determinar as contribuições teóricas da pesquisa bem como, a importância que o estudo poderá revelar no contexto educativo cabo-verdiano. Nesta ótica, e na perspectiva de dar uma contribuição para o estudo da Identidade Cultural cabo-verdiana ressaltamos, sumariamente, os seguintes argumentos para escolha do tema centrado no romance *O Escravo* de José Evaristo d'Almeida:

¹² (Brito-Semedo, 2006, p. 28)

¹³ (Brito-Semedo, 2006, p. 28 e 29)

- Oportunidade de facultar à população estudantil um instrumento de reflexão que possa ser um contributo para ajudar no entendimento da Identidade Cultural cabo-verdiana;
- Pela importância da Cultura em desenvolver no indivíduo capacidades essenciais para o seu crescimento, maturação e desenvolvimento mental e intelectual junto a sua sociedade, pois, para Fátima Bettencourt “a Cultura nasce no seio do povo e cresce com a evolução da sociedade”¹⁴.
- Valorização de um dos Clássicos da Literatura cabo-verdiana, considerado o primeiro romance que retrata a temática sociocultural deste país.

1.3 - PROBLEMÁTICA DO ESTUDO

A história cultural visa capacitar o indivíduo para o exercício da cidadania através do conhecimento e apropriação da sua cultura para que com ela possa vir a compreender o meio sociocultural em que se encontra. O papel cultural da história funciona como um instrumento de alfabetização cultural e humano e possibilita ao indivíduo fazer uma leitura sobre o mundo para melhor compreensão das trajetórias históricas e temporais, bem como o universo sociocultural que o rodeia e o determina como ser pertencente a uma dada região ou filosofia de vida. No dizer de Waway Kimbanda Rufin “o mundo humano é um mundo social, simbólico, histórico e, vale dizer, cultural”.

Ainda, na opinião do referido pesquisador:

A Cultura é uma voz plural, pois ela carrega uma pluralidade de facetas: o social (as relações, formas de divisão de classes e condições económicas), o político (o poder), o ideológico (educação, ciência e tecnologia, arte, folclore), a matéria (materialidade da vida: casa, meios de transporte, etc.), o espiritual (a cosmovisão), a maneira de se relacionar com o mundo sagrado, de se celebrar etc.

Rufin, 2007, pp. 132,133

A opinião de Rufin leva-nos à de Denys Cuche: “a noção de Cultura é inerente à reflexão das Ciências Sociais. Ela é necessária, de certa maneira, para pensar a unidade da humanidade na diversidade além dos termos biológicos”¹⁵. Ainda, para Denys Cuche, a Cultura refere-se à

¹⁴ (Bettencourt, 2015, p. 73)

¹⁵ (Cuche, 1999, p. 9)

capacidade do homem em adaptar-se ao seu meio, mas também adaptar esse meio ao próprio homem. Para a autora "a cultura torna possível a transformação da natureza num instrumento contra as explicações naturalizantes dos comportamentos humanos".

Deste modo, Cuche afirma que: "nada é puramente natural no homem" já que "mesmo as funções humanas ligadas às suas necessidades fisiológicas são informadas pela Cultura"¹⁶. Do mesmo lado, Cuche leva-nos a noção de Identidade Cultural que na sua opinião "É um conceito complexo de difícil definição e delimitação devido ao seu carácter flutuante e dinâmico"¹⁷.

Retomando à importância da escolha do objeto de estudo, diríamos que a pesquisa, assente no romance *O Escravo* de José Evaristo d'Almeida, reveste-se de importância, uma vez que a literatura de ficção é um lugar privilegiado onde o homem vive nas suas plenitudes imaginárias e reconstitui, através de personagens ou ações ficcionais que, confundindo-se ou não com a realidade (realidade social, cultural e política de uma época), transmite situações subjetivas que poderão contribuir para uma explicação dos caminhos que percorrem a Identidade Cultural de um determinado povo ou grupo.

Neste caso concreto, José Evaristo d'Almeida no romance *O Escravo*, usou a sua criatividade artística para reunir uma série de elementos que nos ajudam na configuração de uma parte do percurso do Povo cabo-verdiano abarcando vários aspetos da memória coletiva de Cabo Verde¹⁸. Para Denise de Oliveira, autora da dissertação *O papel da memória na formação da Identidade Cultural: diálogos entre possibilidades de Leitura*, "a literatura pode ser uma forma de confissão, um meio de expressar histórias as quais, ainda que nunca possam ocorrer de verdade, vivem no imaginário de seus autores"¹⁹.

É precisamente nesta linha que destacamos a opinião do poeta Onésimo Silveira na obra *Poemas do Tempo de Trevas - Saga - Hora Grande*: "a literatura é uma atividade social" e que uma obra literária "não se pode isolar no contexto religioso, político, cultural ou económico". Este autor de obras de ficção intervencionista defende que "o domínio da Literatura confere ao homem uma ideia de libertação"²⁰. Esta liberdade de criação artística levou o autor do romance *O Escravo* a desafiar todo o poder instituído na época para denunciar de uma forma romântica e realista a situação vivida na época tendo como objeto os próprios protagonistas

Finalizamos, citando Maria de Fátima Fernandes:

¹⁶(Cuche, 1999, pp. 9,10,11)

¹⁷ (Cuche, 1999, p. 196)

¹⁸ Literários, históricos, políticos, sociológicos ou psicológicos.

¹⁹ (Oliveira D. S., 2015, p. 27)

²⁰ (Silveira O. , 2008, p. 16)

No domínio das Ciências Sociais e Humanas e no quadro geral em que a literatura toma o homem como objeto do seu ser e do seu pensar, especialmente com o delinear do pensamento positivista, desde o século XVIII a dinâmica do pensamento moderno impôs como fundamento a necessidade de interrogar o ser do homem e / ou o homem enquanto ser, o seu lugar no universo, encarado como uma das marcas decisivas da racionalidade empírica realizada na história da cultura.

Fernandes, 2015, p. 85

Estas reflexões apontam-nos para as vantagens dos ficcionistas no trabalho de diversos géneros literários para a transmissão de mensagens numa linguagem criativa e subjetiva, que poderão contribuir para fortalecimento das capacidades culturais e humanas de qualquer indivíduo ou sociedade

1.4- OBJETIVOS E PERGUNTA DE PARTIDA

Para desenvolver a presente pesquisa houve necessidade de traçarmos alguns objetivos e uma pergunta de partida que permitem elaborar de forma clara e concisa o que pretendemos alcançar:

Objetivo geral:

- Demonstrar a existência da Identidade Cultural cabo-verdiana no romance *O Escravo*, de José Evaristo d'Almeida.

Objetivos específicos:

- Sintetizar os fatores identitários presentes no romance *O Escravo* destacando os pontos sensíveis como a escravatura, a miscigenação cultural e biológica, a contribuição da igreja e outros na formação da Identidade Cultural cabo-verdiana;

- Criar uma pequena proposta de leitura de literatura de denúncia ou de intervenção social com diversos géneros literários, para auxiliar os estudantes de literatura na leitura e análise deste tipo de literatura e contribuir para uma boa formação cultural e cívica do aluno.

Numa análise sequencial, trabalhamos o primeiro objetivo específico no segundo capítulo onde identificamos e caracterizamos os fatores identitários presentes no romance *O Escravo* e no terceiro capítulo criamos a proposta de literatura de denúncia com apoio em textos de intervenção social, alguns trabalhados no Ensino Secundário em Cabo Verde.

Pergunta de partida:

Face aos objetivos traçados, estabelecemos como pergunta de partida a seguinte:

- Que contribuição deu a história cultural vivida, em ficção, no romance *O Escravo*, pelos protagonistas (narrador e personagens) para a construção da Identidade Cultural cabo-verdiana?

1.5 - SÍNTESE DA METODOLOGIA E ORGANIZAÇÃO

A metodologia reveste-se de uma importância vital pois, fornece-nos os instrumentos necessários para a realização de qualquer trabalho científico. É neste sentido que, o trabalho, embebido numa limitação temporal e didática, e por ser uma pesquisa bibliográfica e documental, privilegiamos uma leitura do romance em questão para de seguida, com ajuda de outros documentos, formalizar e fundamentar as ideias e conceitos sobre o objeto de estudo: Identidade Cultural cabo-verdiana.

Por esses motivos, impusemos um trabalho de terreno à procura do máximo de fontes bibliográficas, mediante um levantamento de obras de especialistas, como: livros, trabalhos monográficos relacionados com o objeto, (teses, dissertações, monografias e artigos periódicos) capazes de fornecer o máximo de informações possível e ajudar na construção de uma ampla visão da matéria em estudo.

Com a recolha das informações a partir de leitura crítica dos diferentes trabalhos, e análise dos estilos dos seus autores no tratamento da matéria, para melhor definição de um modelo que satisfaça as nossas pretensões e as exigências da entidade formadora bem como as Linhas de Investigação que suportam tecnicamente o Mestrado, iniciámos a redação desta dissertação intitulada *A Identidade Cultural cabo-verdiana no romance o Escravo, de José Evaristo d'Almeida*.

No plano estrutural, este trabalho está organizado em três capítulos, cada um dos quais se desdobra em vários subcapítulos, para além de apresentar no fim, uma conclusão, as bibliografias utilizadas e um anexo com um resumo do romance *O Escravo* e o percurso de vida do seu autor. Assim, no primeiro capítulo debruçamos, sumariamente, sobre a explicação da pertinência científica do tema, aos objetivos e pergunta de partida, à problematização do estudo e uma síntese da metodologia e organização da dissertação.

No segundo capítulo fazemos uma ampla revisão bibliográfica sobre a Identidade Cultural cabo-verdiana centrada no romance *O Escravo* de José Evaristo d'Almeida onde inventariamos os

fatores identitários nele contidos e as suas contribuições na formação da Identidade Cultural deste povo. Diríamos que o romance deu uma forte contribuição para o entendimento da Identidade Cultural cabo-verdiana, com base, para além de outras, numa subalternização ou discriminação opressiva (escravatura e seus efeitos) que viriam impulsionar à uma consciência identitária e consequente afirmação / construção de uma história social ou de uma nova forma de viver, sentir e estar do povo cabo-verdiano.

Finalmente, no terceiro capítulo apresentamos uma pequena proposta de leitura com textos de denúncia ou de intervenção social em Cabo Verde que, na mesma linha do romance *O Escravo*, evidenciam os caminhos percorridos por esta Nação. Nesta proposta, não pretendemos fazer uma análise exaustiva ou aprofundada das obras, mas sim trabalhar alguns dos fatores identitários cabo-verdianos referidos nessa literatura. Escolhemos percorrer três épocas diferentes, ou seja, antes da Claridade, a Claridade e depois: Na época antes da Claridade, propomos três compilações de obras do poeta, jornalista e trovador Eugénio de Paula Tavares, um ícone da Literatura cabo-verdiana que muito contribui na formação da Identidade Cultural deste país, sendo considerado um expoente máximo da poesia em Língua Crioula. Foi classificado por Manuel Lopes como o “Camões de Cabo Verde” e que a sua obra é uma “epopeia sentimental” que retrata: “sonho, amor, desilusão, soluço, saudade, melancolia [...]”²¹.

De seguida, (Claridade) privilegiamos o romance *Chiquinho* de Baltasar Lopes uma das obras mais lida no Ensino Secundário em Cabo Verde e *Os Flagelados do Vento Leste* de Manuel Lopes, também um clássico da Literatura cabo-verdiana. Esses dois romances são retratos físicos e psicológicos desta época e evidenciam, para além de outros fatores: a alegria, o convívio, a esperança e a transformação psicossocial do homem quando chove, e ao revés, o desalento, a miséria e os conflitos sociais derivados da escassez das chuvas, do abandono das ilhas e outros condicionalismos que acompanharam o crescimento deste povo. Por último, (pós-Claridade ou modernismo), analisaremos sumariamente, o romance *Marginais* de Evel Rocha, uma obra recente onde as ações dos protagonistas são centralizadas na ilha do Sal, Cabo Verde; quatro poemas de Onésimo Silveira e um de Ovídio Martins, (poetas que ao longo dos tempos têm contribuído para afirmação da Nação cabo-verdiana através dos seus escritos); e, por último, a música *Porton d'nos ilha* de Renato Cardoso, uma das produções artística que retrata a vivência atribulada dos nossos antepassados, mas com esperança de um dia melhor.

²¹ (Lopes M. , 2017, p. 290)

CAPÍTULO II

Neste capítulo debruçamo-nos sobre alguns conceitos da Identidade de uma forma geral e em particular a Identidade Cultural cabo-verdiana, para, de seguida, entrarmos no tema central da dissertação - *A Identidade Cultural cabo-verdiana no romance O Escravo de José Evaristo d'Almeida*. Nesta obra de ficção inventariamos uma série de fatores identitários que, ao longo dos tempos, contribuíram na formação da Identidade Cultural deste país, como a morabeza e a hospitalidade demonstradas, principalmente pelas personagens mestiças do romance, a escravatura e seus efeitos, a miscigenação cultural e biológica com o aparecimento da classe mestiça representada pelas famílias de Cláudio Pimentel e de Miguel Coelho Gomes e a Língua Crioula, bem como a influência e o dilema da emigração cabo-verdiana, da Igreja na formação e moldagem do Homem cabo-verdiano. O contexto literário português da época (romantismo) e as influências deste na escrita de Evaristo d'Almeida fecham este segundo capítulo.

2.1 - A IDENTIDADE

Os vários conceitos analisados ajudam-nos a definir, a partida, Identidade como um conjunto de características próprias e distintas de um indivíduo, um grupo social, uma comunidade ou um povo. Ela permite que uma pessoa ou uma coletividade tome consciência ou percepção da sua existência, o que se dá através do seu corpo, dos seus saberes, das suas crenças, das suas habilidades, atitudes, comportamentos e ações.

Desta conceção reconstruída, recorreremos ao Waway Kimbanda Rufin, para quem “o conceito de Identidade, embora pareça compreensível, é bastante complexo e desafiador para qualquer pensador, antropólogo, filósofo, psicólogo, cientista da religião, teólogo, etc.”. Kimbanda reconhece a difícil tarefa de definir Identidade, porque, segundo ele, “é um dos conceitos mais frequentes e recorrentes, mas também entre os mais polissémicos e, portanto, mais confusos, controversos e inflacionados”. Kimbanda afirma ainda que, por causa do seu caráter polissémico, o conceito de Identidade acaba construindo simultaneamente um “conceito-recurso” e, ao mesmo tempo, um “conceito-armadilha” e por fim “um conceito suspeito”, pois ela (a Identidade) é “usada para iluminar argumentações científicas que evidenciam o papel estruturador dos mecanismos identitários a nível

de desenvolvimento da pessoa, até os usos ideológicos que sustentam as políticas delirantes de caráter destrutivo”²². Este autor argumenta também que

[...] um indivíduo (ou grupo) pode, ao mesmo tempo, viver a própria existência com pluralidade de Identidades: Identidade de género, de parentesco, de geração territorial, étnica, nacional, transnacional, económica, de classe ou de casta, de profissão ou de trabalho, Identidade escolar, de grupo, social, política, religiosa, desportiva [...]

Rufin, 2007, pp. 124-125

Para este estudioso, a Identidade do ser humano é constituída de duas formas distintas: “ser em si e ser para o outro”: A primeira relaciona-se com a “Identidade mesma” e a segunda com “o outro”. A primeira forma é também defendida por Maria Carolina da Cunha Pinto, segundo a qual, o termo identidade reporta para a “Identidade pessoal”, ou seja, a que se “centra no Eu, na autoconsciência, na personalidade e na autoestima”.

Esta identidade pessoal, no dizer de Cunha Pinto constitui, ainda, “o cunho interno e autopercepção da coerência contínua do Eu perante si mesmo”. Diante das mudanças que possam ocorrer na vida, o Eu, representa um “regulador central que mantém a constância e coerência que caracterizam a identidade pessoal de cada indivíduo”. Para a autora, a identidade pessoal encontra-se relacionada “com as características pessoais dos indivíduos mais ou menos constantes. “Esta identidade é transmitida pelo próprio indivíduo, é reflexiva e incorporada”. Ela argumenta que, para além da identidade pessoal existem as identidades sociais e as culturais. As sociais derivam dos contextos sociais a que o indivíduo pertence e no qual decorre a interação social e as culturais resultam do contacto com culturas ou contextos culturais assimétricos²³.

Na mesma linha, Stuart Hall fundamenta que os procedimentos de formatação da identidade social e cultural estão em permanentes mutações: “a identidade é algo formado ao longo do tempo através de processos inconscientes existentes na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo imaginário ou fantasiado sobre a sua unidade. Ela permanece incompleta, está sempre em processo de formação”²⁴. Este autor dá, de seguida, um caráter subjetivo a formação da identidade no indivíduo e diz que, quando o indivíduo pensa nos traços que o identificam e o individualizam, precisa recorrer aos que lhe posicionam como parte dos sistemas sociais e históricos. Neste sentido,

²² (Rufin, 2007, p. 124)

²³ (Pinto, 2017, p. 59)

²⁴ (Hall, 2006, p. 38)

e não sendo possível a unanimidade em conceitos da identidade, Hall afirma que os homens tornam-se “sujeitos culturais”²⁵.

Este autor defende, também, no livro *Da diáspora: Identidade e mediações culturais*, que a Identidade Cultural é “sempre heterogênea resultante de transformações históricas específicas”²⁶. Ele afirma que havia um caráter de mudança na modernidade e que as sociedades modernas são, “sociedades de mudanças constantes, rápidas e permanentes”. Desta forma o indivíduo posicionar-se-á de acordo com a identidade que melhor lhe convier, ou seja, aquela com que ele mais se identificar. Segundo Stuart Hall, as identidades são contraditórias em três paradigmas diferentes:

- . As contradições atuam tanto dentro como fora da cabeça de cada indivíduo;
- . Nenhuma identidade é singular;
- . A identificação não é automática, porém pode ser ganha ou perdida.

Ainda, de acordo com Hall, “vivemos atualmente numa crise de identidade que é decorrente do amplo processo de mudanças ocorridas nas sociedades modernas”. Tais mudanças se caracterizam, “pelo deslocamento das estruturas e processos centrais dessas sociedades, abalando os antigos quadros de referência que proporcionavam aos indivíduos uma estabilidade no mundo social, ou seja, “a modernidade propícia a fragmentação da identidade”²⁷.

Em relação à Identidade Cultural de um povo, Hall argumenta que, “uma Identidade Cultural enfatiza aspectos relacionados a nossa pertença a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas, regionais e / ou nacionais”. Nesta linha de Stuart Hall, transcrevemos a citação de Daniela Diana: “determinados fatores de identidade são decisivos para que um grupo faça parte de uma cultura”, e que o conceito de Identidade está “ligado ao de diversidade cultural”²⁸. Isso significa que o indivíduo pertencente a um determinado grupo se identifica com os fatores que determinam a cultura do grupo.

Podemos concluir, apoiado nos autores citados, que a Identidade de um povo é uma criação permanente e mutável de um ser humano dentro de uma determinada cultura. Valdambrini Mariconi, acrescenta que:

A Identidade é construída durante todo o decorrer da vida, e ela é passível de mudanças de acordo com os momentos e fases que cada um vive. Porém, isso não significa que de repente eu esquecerei minha Identidade e me tornarei totalmente diferente, como se com a renovação eu estivesse começando sempre do “ponto zero” da vida. Penso que conforme vamos amadurecendo mudamos os gostos, os jeitos e a forma de ver o mundo, mas isso não apaga o que já se passou.

²⁵ (Hall, 2006, p. 38)

²⁶ (Hall, 2003, p. 243)

²⁷ (Hall, 2006, p. 215)

²⁸ Daniela Diana - <https://www.todamateria.com.br/> Antropologia. Identidade Cultural 10 /11/2019 pelas 20h 32 min

Mariconi, 2014, p.15

Ainda, no dizer de Mariconi: “conforme vamos vivendo e mudando a nossa Identidade, vamos acrescentando coisas novas até formar o ser por completo, ou seja, a essência humana que temos em nós”. Em suma, a Identidade de um povo é uma questão complexa porquanto, o seu estudo envolve um tratamento em várias vertentes das ciências sociais, bem assim, ao sentido da coletividade como defende Anthony Smith, na sua teoria, ao nomear como “aspectos fundamentais da Identidade Nacional a partilha de características comuns, que se referem a um território histórico ou terra de origem, mitos e memórias históricas, uma cultura de massa, direitos e deveres legais, uma economia comum e mobilidade territorial”²⁹.

Finalizamos este subcapítulo com a opinião de Maria de Fátima Fernandes, que dissertou sobre os *Percursos Identitários e Estéticos na Literatura Cabo-verdiana Contemporânea de João Varela, Corsino Fortes e José Luís Tavares*, segundo a qual “sobre a questão da identidade importa refletir em larga escala sobre o dilema que a associa a uma nacionalidade (literária), traduzindo entre o reconhecimento das marcas (temáticas, linguísticas e ideológicas)”³⁰. Ainda, a autora afirma que,

A identidade traduz a fidelidade àquilo com que o indivíduo se identifica, embora se aceite que possam ocorrer oscilações próprias ao equilíbrio do todo, envolvendo por isso uma predisposição para a reconstrução e recriação por parte de um indivíduo, das quais a mesma definição dá conta. Tratando de um processo que integra várias componentes (históricas e sociais, individuais e coletivas), o seu caráter dinâmico tem justificado uma análise mais centrada nos processos de identificação que assinalam lutas constantes que, de forma relacional e transversal, transformam indivíduos em sujeitos

Fernandes M. F., 2006, p. 151

Nisto que, o romance *O Escravo*, José Evaristo d'Almeida nos remete para uma configuração identitária com maior ênfase na vertente literária e antropológica onde se destacam, para além da identidade pessoal a cultural, como elementos centrais da narrativa. Outros temas são tratados no romance que nos proporcionam e nos ajudam na reconfiguração de uma Identidade Cultural própria do povo cabo-verdiano pelas quais explicamos nos seguintes subtítulos desta dissertação.

²⁹ (Brito-Semedo, 2006, p. 29).

³⁰ (Fernandes M. F., 2006, p. 133)

2.2- A IDENTIDADE CULTURAL CABO -VERDIANA

Sendo Santiago a primeira ilha a ser povoada, diremos que, nesta ilha, nasceram o Homem e as primeiras manifestações da Cultura crioula, resultantes do primeiro encontro dos europeus com os negros advindos para a escravatura e não só. Da miscigenação verificada não apenas quanto ao aspeto físico, mas também sociocultural, resultou num novo produto - O Homem cabo-verdiano. Portanto, a partir da Cidade Velha - Ribeira Grande de Santiago - nasceram uma Identidade e uma personalidade que definiram e moldaram este novo Homem das ilhas.

Essa faceta da cabo-verdianidade foi demonstrada no romance *O Escravo*, do português José Evaristo d'Almeida onde a figura central é um escravo negro (João) que, neste período da história do arquipélago, incorpora a personagem de um homem cabo-verdiano nas ilhas, interpretando, segundo José Luís Hopffer Almada³¹: o “primeiro grito da Negritude cabo-verdiana”³², Um grito que, de acordo com este autor, se eleva contra a “prepotência e a coisificação” do homem negro e oscila entre a afirmação das suas capacidades de educação e de aprendizagem, das aquisições civilizacionais da humanidade e o seu direito a conduzir de forma autónoma o seu próprio destino e modo de vida. É desta forma que começou a germinação dos elementos que vieram sedimentar, no tempo e no espaço, a Identidade Cultural cabo-verdiana.

A respeito dessa Identidade, Ana Cardoso escreve que ela “estrutura-se a partir do processo de miscigenação”. No entanto, segundo esta pesquisadora, “há que ter em conta o espaço dentro do qual os cabo-verdianos se forjaram e atuaram”, ou seja, a “insularidade, em que o mar se torna num elemento fortemente estruturante das maneiras de ser e de estar, as condições naturais adversas e a pertença deste espaço insular ao continente africano”³³. Este espaço onde se constrói a Identidade cabo-verdiana, pode ser caracterizado, na opinião da autora, por uma espécie de “etnoscape”, uma vez que, houve necessidade de reinventar a apropriação deste com “grupos migrantes (africanos e europeus), reagrupados em novas localidades a reconstruir as suas histórias e a reconfigurar os seus novos projetos étnicos”.

³¹ (Almada J. L., 2008, p. 33)

³² “A Negritude tem a sua origem nos movimentos culturais protagonizados por negros, brancos e mestiços que, desde as décadas de 10, 20, 30 (século XIX), vinham lutando por renascimento negro (busca e revalorização das raízes culturais africanas, crioulas e populares) principalmente em três países das Américas, Haiti, Cuba e Estados Unidos da América, mas também um pouco por todo o lado. A ideia de renascimento, indigenismo e negrismo surge como consequência das luzes e do romantismo, que levaram à abolição da escravatura e finalmente à possibilidade de, após a Revolução Francesa de 1789, os povos, supostamente, poderem assumir a liberdade e a igualdade”

In <http://ww3.aeje.pt/avcultura/HJCO/Alternativas01/Pag00009.htm>-aceso aceso em 13/11/2019, 1h e 20 min

³³ (Cardoso, 2005, p. 31)

Esta nova configuração sociocultural foi inicialmente, caracterizada por uma desigualdade entre os vários elementos que a compõem, ou seja, da África, em maioria, vieram vários grupos étnicos (escravos e não escravos) de nações e etnias diferentes. (Recorde-se que este continente é estratificado em etnias, cada uma com o seu modo de vida, sua cultura, seu espaço, sua língua, seus costumes e suas histórias de vida.). Da Europa, em minoria, vieram povos com modos de vida e costumes similares pois, pertenciam quase à mesma região.

Para demonstrar as influências culturais dos primeiros na formação da Identidade Cultural cabo-verdiana, Cardoso acrescenta que, “as populações africanas foram retiradas do seu *habitat* natural e exportadas para Cabo Verde em situação de rotura ambiental, cultural e social, tendo sido espalhadas indiscriminadamente pelas diferentes ilhas”. Ainda, de acordo com a autora, esses povos “perderam alguns dos seus laços clássicos e de linhagem, as suas estruturas familiares e os seus poderes tradicionais, sendo forçados a renunciar muitos dos seus rituais”³⁴.

Mesmo em situação de desvantagem em termos de poder, o elemento negro conseguiu fazer prevalecer muitos dos traços culturais trazidos do continente, confrontando com a tentativa da imposição da cultura do colonizador. Do mesmo modo, e fundamentando em Mesquitela Lima, esta autora, mostra essa resistência, especificidade e originalidade da Cultura e da Identidade cabo-verdianas na seguinte passagem:

Cabo Verde é geograficamente africano, mas, do ponto de vista da cultura não é, nem África, nem Europa, nem América, é Cabo Verde, tem a sua cultura e identidade próprias. Isso é demonstração que o Homem cabo-verdiano tem a sua própria Identidade cultural, uma construção secular que soube resistir às adversidades.

Cardoso, 2005, p. 23

A citação transcrita vai ao encontro desta afirmação de Onésimo Silveira: “a Identidade Cultural cabo-verdiana e a raiz da sua formação encontram-se vinculadas nas duas culturas distintas - a europeia e africana³⁵” e complementa com a de Gilberto Freire: “é necessário compreender que apesar de algumas hesitações entre os intelectuais cabo-verdianos em relação à especificidade da Cultura cabo-verdiana, é certa a existência de vínculos da sua cultura, com outras culturas ancestrais, nomeadamente a africana e a europeia”³⁶.

³⁴ (Cardoso, 2005, p. 22).

³⁵ (Silveira O. , 2015)

³⁶ (Freire, 1998) – [https // www: Casa grande e Senzala: formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal](https://www.casa-grande-e-senzala.org.br/) aceso em 28 agosto de 2019.

É desta forma que, categoricamente, Manuel Veiga afirma que “a cabo-verdianidade não é um mito, nem tão pouco, uma fantasia ou uma alienação [...] ela significa ser um povo, uma nação, ter um território livre e possuir uma cultura própria”. O cabo-verdiano, para este autor não é um africano puro no sentido cultural, porque não nasceu e viveu no continente e não é europeu pelas mesmas razões. Apareceu da fusão entre “os africanos do continente e os colonizadores europeus”³⁷.

Portanto, do contacto entre os elementos culturais africanos e europeus, criou-se algo que, no fundo, não é uma coisa nem outra, mas sim cabo-verdiano. A presença de povos com culturas muito diversas enriqueceu a forma de pensar, agir, sentir e de se exprimir dos cabo-verdianos, tendo resultado naquilo que é de fato uma conjugação desses elementos através da miscigenação biológica e cultural como procuramos demonstrar nesta dissertação.

Tanto estes citados autores como José M. Semedo e Maria Turano³⁸ realçam que a miscigenação em Cabo Verde ocorreu nos elementos culturais, do que resultou a Cultura Crioula, além de se manifestar na vertente raça, dando origem ao mestiço cabo-verdiano. Essa miscigenação tem suscitado diversas interpretações” no dizer de alguns autores / citações³⁹:

- Manuel Sarmiento Rodrigues, antigo Ministro das colónias portuguesas entre 1950 e 1955, refere que em Cabo Verde “a população é inteiramente civilizada, tendo assimilado a Cultura portuguesa. Persistem as diferenças, mas são cada vez menos acentuadas e todos têm a mesma cultura”⁴⁰.

- Na mesma linha do pensamento, Francisco Mascarenhas afirma que “os cabo-verdianos conseguiram através de dois ou três séculos, ser diferentes do europeu e do africano. “Lográmos uma identidade própria, rica expressiva e dinâmica” e que os cabo-verdianos conseguiram criar-se algo próprio, muito embora haja influências antissociais e físicas da Europa e da África: “conseguiram fazer-se uma mistura e criar algo próprio que é efetivamente dos cabo-verdianos e que acabou por os diferenciar, quer do continente europeu, quer do africano”.

Por conseguinte, esses autores defendem que, apesar do contacto e da base da formação da Cultura cabo-verdiana estar intrinsecamente ligados ao passado da sua formação, esta se afirma com as suas especificidades, permitindo o reconhecimento nela as normas e padrões orientadores da Nação cabo-verdiana. A cultura dominante, neste caso a portuguesa, acabou por ser assimilada em grande

³⁷ (Veiga, 1997, pp. 58-65)

³⁸ (Semedo & Turano, 1997, p. 83)

³⁹ www.portaldoconhecimento.gov.cv

⁴⁰ (Madeira J. P., 2015, p. 87)

parte, tendo simultaneamente, sobrevividas as manifestações culturais africanas, como a tabanca, o funaná e o batuque, manifestações estas que foram proibidas no século XIX e que a propósito, se configuraram na obra *O Escravo* de Evaristo d'Almeida como manifestações artísticas e de expressão livre da alma crioula.

Retomando novamente, a questão dos contornos da formação da sociedade, Cultura e Identidade cabo-verdianas, citando António B. da Silva, segundo o qual a sociedade cabo-verdiana passou por altos e baixos para a construção de um ideal único que o identificasse como povo, tendo sofrido numa espécie de “psicologia da opressão dos colonizadores”. Segundo este autor, a psicologia da opressão consistia na “imposição de ideias de ordem várias pelo opressor ao oprimido a fim de o primeiro poder exercer controlo sobre o último” e exemplifica na seguinte passagem:

[...] o colonizador português, como todos os opressores e imperialistas de todos os tempos e “cores” adotou uma certa maneira de conhecer e valorizar tudo o que é africano em relação aos seus próprios padrões culturais europeus. Assim ele valorizou positivamente tudo o que em África ele reconheceu como algo natural essencialmente material, objeto de comércio e contributo de riqueza. Mas, desvalorizou tudo o que se relaciona com as pessoas e cultura do homem africano.

Silva A. B., 1990, p.72

António B. da Silva finaliza, dizendo que, a religião, a arte, as danças, os costumes africanos foram destruídos pelos colonizadores europeus sob a falsa presunção de que eram “desprovidos de qualquer valor cultural” e eram “manifestações satânicas de barbaridade”⁴¹. Essa imposição fez com que, o Cabo-verdiano, cedo começasse a resistir, reivindicando a sua própria identidade. Essa resistência à opressão do colonizador, no dizer de Manuel Veiga expressava-se, principalmente, através da fala cabo-verdiana - o Crioulo, das vozes entoando mornas, das cantigas de trabalho, dos repiques do batuque, da euforia do funaná dançando, dos poemas engajados, dos contos “*dibokaditardi*” que, junto as manifestações coletivas como a tabanca, se somaram a resistência organizada que desencadeou levantamentos que conduziram até a luta de libertação nacional e consequente Independência de Cabo Verde.

Na afirmação de Brito-Semedo, ao longo do processo de formação da Nação cabo-verdiana foi determinante para que, muito cedo, surgisse o sentimento e a consciência de uma Identidade nacional como expressão de uma Cultura, caracterizando o Cabo-verdiano como tal e o distingue enquanto povo e ainda “é a tomada de consciência em relação a outros grupos humanos que leva o

⁴¹ (Silva A. B., 1990, p. 73)

Cabo-verdiano a valorizar a sua Identidade e a desenvolver uma contestação cultural face ao domínio colonial”⁴². Essa contestação ajudou na formação, também, de “uma Identidade Literária” que teve os seus altos e baixos devido a mencionada opressão / censura, acabando por ter o seu apogeu ou relançamento a partir da década de trinta do século XX (1936) com o aparecimento da Revista *Clareza* em São Vicente.

Finalizamos com a constatação de que, em Cabo Verde, não abundando estudos científicos de cariz antropológica e sociológica sobre os elementos que entram na reorganização da sua Identidade Cultural, cabem alguns conceituados estudiosos como Gabriel Mariano⁴³, Manuel Ferreira⁴⁴, Baltasar Lopes⁴⁵, João Lopes Filhos⁴⁶, Onésimo Silveira⁴⁷, João Paulo Madeira⁴⁸, Maria de Fátima Fernandes⁴⁹, Félix Monteiro⁵⁰, Dulce Duarte⁵¹, Manuel Brito-Semedo⁵², Evaristo d'Almeida com o romance *O Escravo*, entre outros, apresentarem estudos ou testemunhos que nos ajudam na clarificação da unicidade da Identidade Cultural cabo-verdiana.

2.3 - A IDENTIDADE CULTURAL CABO-VERDIANA NO ROMANCE

O ESCRAVO DE EVARISTO D'ALMEIDA

Na apresentação da edição crítica do romance *O Escravo*, com o título “A vida de um romance”, Wlodzimierz, J. Szymaniak, escreve que a edição do romance *O Escravo*, “pretende contribuir para um melhor conhecimento e compreensão da obra, visto não só como um documento artístico literário, mas como fonte de conhecimento histórico”. Este estudioso referiu ainda que “o romance apresenta possibilidades de várias leituras, desde da centralidade nas personagens até às questões de índole “históricas e culturais”⁵³. Nesta mesma linha, a Pesquisadora e Professora de

⁴² (Brito-Semedo, 2006, p. 34)

⁴³ (Mariano, 1973)

⁴⁴ (Ferreira, 1985)

⁴⁵ (Lopes B. , 1956)

⁴⁶ (Filho, 1985, p. 4)

⁴⁷ (Silveira O. , 2015)

⁴⁸ (Madeira J. P., 2015)

⁴⁹ (Fernandes M. F., 2006)

⁵⁰ (Monteiro F. , 1958)

⁵¹ (Duarte D. A., 1985)

⁵² (Brito-Semedo, 2006)

⁵³ (J.Szymaniak W. , 2016, p. 13)

Literatura, Maria de Fátima Fernandes realça, no prefácio da edição da Livraria Pedro Cardoso, que o romance *O Escravo*,

constitui uma referência ímpar nos percursos da Literatura cabo-verdiana, fazendo jus à sua aparição primeira em 1856, em Lisboa, sendo ele um valioso produto de manifestação da cabo-verdianidade, se tomarmos consensualmente a definição desse conceito como uma síntese da expressão da alma crioula e do todo cultural cabo-verdiano, José Evaristo d'Almeida deixou plasmado na intervenção dos personagens uma consciência identitária forte. O seu discurso, entre o comprometido com a escrita e o de neutralidade manifesta tanto a consciência identitária como a consciência literária [...]

Fernandes M. F., 2016

Ainda para Maria de Fátima Fernandes “o autor soube sentir Cabo Verde, e registar nas experiências narradas o sentir-se cabo-verdiano, soube escrever sobre a realidade social e cultural cabo-verdiana e demarcar-se do quadro de uma então «literatura colonial» e da «literatura ultramarina» de viés europeizante”⁵⁴. Também na opinião de Susanne Castrillon, “o romance *O Escravo* coloca no âmbito da estética romântica iniciada em Portugal com Camões (1825) de Almeida Garrett e no Brasil, com Suspiros poéticos e saudades (1836), de Gonçalves de Magalhães”⁵⁵. Neste sentido, e dada a sua importância, o romance merece uma atenção privilegiada para o enriquecimento e fortalecimento do leitor moderno em questões relacionadas com Identidade Cultural de Cabo Verde.

Essas opiniões, fundamentadas pelos autores nos seus textos, ajudam-nos a clarificar a contribuição do romance *O Escravo* para explicação das raízes identitárias cabo-verdianas. Neste romance o autor faz uma abordagem geral dos hábitos e costumes do arquipélago de Cabo Verde, nomeadamente: descreve a época em que narra a ação, partindo de personagens inseridas na sociedade local, de forma a transmitir a imagem de uma situação real. Esta intervenção do autor / narrador assenta-se em dois planos: por um lado, coloca as personagens a contar as suas próprias histórias sem interferência direta e, por outro, deixa transparecer que participa na história como mais uma personagem. Deste modo, Susanne Castrillon afirma que: “o narrador é, nesta perspectiva, um sujeito nomeado, qualificado por uma instância superior, que lhe dá a voz e o poder de conduzir o discurso”. Ainda, sobre a atuação do autor / narrador do romance Elsa S. Rodrigues acrescenta que José Evaristo d'Almeida:

atuou de modo bastante ousado em parâmetros da Literatura portuguesa de seu tempo, ao realizar frontal ataque à atuação do europeu em África, posto que centrado na figura do português branco, a

⁵⁴ (Fernandes M. F., (Prefácio), 2016).

⁵⁵ (Castrillon S. M., 2010, p. 93)

partir de um texto no qual 'conjugam-se elementos românticos muito caraterísticos das obras de ficção da época como também elementos realistas

Rodrigues E. S., 1997, pp. 433-438

Apesar do emprego desses elementos realistas, referidos por Elsa S. Rodrigues, constatamos que a obra é essencialmente romântica, o que pode ser observado principalmente na forma em que autor faz a descrição da paisagem do sítio B, da receção do Lopes em casa de Cláudio Pimentel, dos sentimentos amorosos entre as personagens bem como a exaltação da figura de herói (João), ou heroínas (Maria, Luiza e Júlia). No fim do romance retratou cenas românticas no lugar - *Ao pé da Calabaceira*. Embora ali, como descreveremos mais adiante, tivesse acontecido a tragédia final, ou seja, o fim do ciclo para o herói principal da narrativa, “foi neste espaço que o Lopes, fugindo com Maria, trava uma luta mortal com o João e este acaba por morrer”⁵⁶. Neste espaço aconteceu a última cena de caris romântico: “as palavras sentidas da despedida de João em direção a Maria e o único e último beijo de Maria ao João”⁵⁷.

Concluimos que, do etnocentrismo⁵⁸ europeu de um lado, simbolizado pelo olhar desprestigiante do europeu em relação as culturas africanas e, de outro lado, a resistência dos africanos, nasceu algo prematuramente, que veio solidificar no tempo e no espaço, resultando numa simbiose perfeita, ou seja configurou a Identidade Cultural cabo-verdiana. Trajano Filho⁵⁹ diz que essa configuração surgiu também da necessidade de manter contacto e relações comerciais com os povos de origem árabe, indiana e europeia que se aproximavam da região. Segundo o autor citado, quando os europeus se aproximavam das costas “os povos costeiros já haviam elaborado um modo de lidar com fluxos de gente, bens e valores através das instituições e padrões culturais que tornavam possível a incorporação de estrangeiros e a manutenção de múltiplas identidades no território”.

Para além desses, citamos também o espaço físico cabo-verdiano como outro fator caraterístico para o aparecimento da Identidade cabo-verdiana. Daí compreende-se o aparecimento,

⁵⁶ (Évora, 2006, p. 46)

⁵⁷ (Almeida J. E., nov.2016, p. 236)

⁵⁸Para Robert Rowland “O etnocentrismo é uma doença cultural que ataca a faculdade de discernimento e o comportamento em face de outras culturas diferentes da própria e leva, necessariamente, ao preconceito cultural e social. A cultura de pertença surge de facto ligada a termos de comparação mais ou menos censuráveis: É rude, bárbaro, insensível, aquilo que é praticado pelos outros” (Rowland, 1986, p. 10)

⁵⁹Mundo em circulação. Perspetivas sobre Cabo Verde in <https://studentunicvedu-mysharepoint.com>, aceso em 5 set.2009, 15h 58 min.

na Literatura nacional, de um tema recorrente: A insularidade. Neste sentido Pollyana dos Santos Silva Costa diz que:

A sociedade ilhota de Cabo Verde confronta-se, desde seu início, com uma realidade de isolamento geográfico, ao mesmo tempo em que se depara com a constante interação de diversas culturas, devido à sua posição intercontinental e à sua importância no comércio de escravos entre os séculos XV e XVII”.

Costa, 2008, p. 77

No imaginário do isolamento, destacamos, primeiramente, o poeta Jorge Barbosa para quem “a ilha é uma prisão / Ilhas tão desolada rodeada do mar”⁶⁰, para de seguida, na mesma linha, o “inconformista” e poeta Onésimo Silveira no poema *Lema*: “Atrás dos ferros da prisão / É preciso levantar os braços algemados / Contra a prepotência / É preciso lutar pelo pão das crianças sem pão”⁶¹.

Enquanto o primeiro apela a uma consciencialização para os problemas que passam os povos, o segundo pede, de forma enérgica, uma revolução conjunta com vista a resolver, de imediato a situação de abandono, fome, isolamento, miséria e medo dos cabo-verdianos.

Essa situação suavizada pela morna de jota Monte “Es dez grãozinho di terra / ki Deus espadjá na mei di mar/ És é di nos és ká tomado na guerra / É Kabo Verde, terra kerida” fez com esta terra criasse uma forma de ultrapassar barreiras e construir uma ideológica de “nostalgia”, de simplicidade, de morabeza e hospitalidade, hoje considerada postal de Cabo Verde e que é exprimida pelos poetas através das suas mais variadas produções literárias bem como na forma de receção da personagem Lopes em casa de Cláudio Pimentel no romance *O Escravo* de José Evaristo d'Almeida.

⁶⁰ (Brito-Semedo, 2006, p. 59)

⁶¹ (Silveira O. , 2008, p. 135)

- Morabeza, hospitalidade e amabilidade

São termos sinónimos que caracterizam um sentimento profundo do Homem cabo-verdiano em variados vertentes: espírito acolhedor, convivência sadia, alegria flutuante de amor, paz interior e respeito aos outros, mesmo estando em dificuldades de várias ordens. Segundo João Paulo Madeira, a morabeza “é o termo conhecido no dia-a-dia que melhor descreve a forma cordial de se relacionar com o outro, fazendo do arquipélago um caso particular de estudos”. Ainda, de acordo com o autor, esta maneira de ser, estar e receber “do povo cabo-verdiano permitiu-lhe que, perante diferenças e similaridades entre as ilhas, cultivasse um espírito cordial e de amabilidade para com o outro”. Esta característica do cabo-verdiano é, segundo este, “um dos fatores de estabilidade e de consolidação da democracia neste país e, conseqüentemente, uma das marcas mais expressivas da Cultura deste povo”⁶².

Esta realidade criada pelo Cabo-verdiano fez com que ele procurasse manter uma relação de proximidade e receber, com disponibilidade natural e de forma amável, pessoas de outras localidades, ilhas e nacionalidades para com ele conviver sem reservas ou preconceitos. São provas da conservação de uma característica da nossa Identidade Cultural que pendura até à atualidade. Mesmo com problemas, desde sempre, as autoridades coloniais e não só eram recebidas com tambores, palmas, tocatinas e concentração de pessoas que os acompanhavam no cortejo até aos palácios. A forma como a família de Cláudio Pimentel, em *O Escravo* (Mulher e filha) recebeu o Lopes - um desconhecido em sua casa, colocando-o “à-vontade”⁶³, mostrando-lhe os cantos da casa e a zona com alegria, simpatia, dando todo o conforto ao visitante, demonstra este lado bom do Cabo-verdiano que o distingue de outros povos.

Do visitante não se desconfia de nada, na eminência de um respeito mútuo, por isso, fez-se a honra da casa a bela mulata Maria, passeando com o Lopes nos jardins e noutros lugares exóticos para que este “estrangeiro” se sentisse confortável. Em todo o III capítulo do romance, o narrador explica os pormenores dessa amabilidade e hospitalidade nos países africanos deixando entender que o tratamento dado aos visitantes nesses países é diferente do dado nos europeus. Por fim, o narrador do romance demonstra que conhece essas características do Cabo-verdiano ao referir:

⁶² (Madeira J. P., 2016, p. 2)

⁶³ (Almeida J. E., nov.2016, pp. 104-105)

Quem não tiver visitado as plagas africanas, achará, talvez, pouco verosímil esta hospitalidade – toda beduína – concebida por uma senhora a um estrangeiro, cujo fundo ela ainda não conhece bem. Mas nós – que escrevemos num país africano – podemos – por experiência própria – afiançar que o acontecimento com Lopes é menos do que costuma praticar-se aqui.

Almeida J. E., nov.2016, p.108

- Emigração cabo-verdiana: saudades, esperanças e sofrimentos

Um dos fatores identitários que mais contribui para a moldagem da Identidade cabo-verdiana é a emigração cabo-verdiana, tanto a livre como a forçada. No dizer de Brito-Semedo “o cabo-verdiano habituou-se desde muito cedo com a chegada e a partida de pessoas de outras paragens, e até com a sua própria partida em busca de melhores condições de vida”⁶⁴, fatos que lhes permitiram inventar esta forma sublime de estar, viver e sentir o outro ou seja a saudade e esperança.

Em *O Escravo* a partida do pai da Maria para Bissau, na esperança de dar uma vida melhor a família, deixou a filha e a mulher destronadas. Segundo o autor / narrador do romance “Era a primeira vez que se ausentava de casa, e por consequência, fácil é de imaginar as abundantes lágrimas que semelhante partida faria derrubar”. Para a Mariana (esposa) era “uma verdadeira desgraça” pois, “nunca tinha pensado na possibilidade de uma separação”. Por sua vez, Maria, (filha) encarou essa partida de “modo doloroso”, pois já tinha perdido o irmão na tenra idade e agora vê partir o pai.⁶⁵

Em muitas passagens no romance o narrador deixa transparecer a saudade que a família sentia pela ausência do esposo e pai. Nessas situações a Mariana e a Maria tentavam disfarçar consolando-se mutuamente, segundo o narrador:

Eram duas almas, que se combinavam a ponto de não haver entre elas mais que um desejo, mais que uma vontade. E quando ideias sinistras produzidas pela ausência do esposo, e pai, vinham enuviar aquelas fronteiras – tipos de bondade e candura – qual delas mais se empenhava em dissipar a melancolia da que primeiro a manifestar: – trocavam-se então frases consoladoras – e ambas diligenciavam esconder as lágrimas, a fim de que estas mãos fossem orvalhar e dar vigor à saudade que ambas nutriam.

Almeida J. E., nov.2016, p.99

Essa maneira de ser do Cabo-verdiano foi retratada também por Eugénio Tavares em poesias / mornas como: *Despedida, Partindo, Sonho, Saudade, Esperança, Mar Eterno - Canção ao Mar,*

⁶⁴ (Brito-Semedo, 2006, p. 306)

⁶⁵ (Almeida J. E., nov.2016, p. 108)

Mal de amor, Força de Crecheu, Morna de Despedida, A emigração,⁶⁶ [...] e muitas outras produções em Português e em Crioulo, ilustrando amor, saudades, partida, mulher, sofrimento, esperança, etc.

Exemplificamos com a primeira quadra da mornas “*A emigração*”⁶⁷, onde Eugénio Tavares retrata através de adjetivos fortes o sentimento de tristeza e sofrimento ao ver partir o seu povo para São Tomé e outras partes do Globo. Num breve comentário sobre a *Morna de Despedida* de Eugénio Tavares, José Alves e Baltasar Lopes afirmam que:

Esta morna foi composta por Eugénio Tavares para a despedida dos emigrantes que partiam para a América do Norte em 1917 aproximadamente. Não admira este motivo da despedida em compositores das “mornas” em Cabo Verde terra de emigração e de partir, mesmo que a viagem seja de fôlego curto, de uma ilha para outra. [...]. Também como subsídio para a temática desta composição popular, cremos descortinar nos seus espécimes conhecidos vários ciclos, dos quais há a destacar o ciclo da despedida, o ciclo das secas, o ciclo do amor, o ciclo da troça risonha, o ciclo da cordialidade, o ciclo dos emigrados

Lopes & Reis, 2017, p. 222

Se Eugénio Tavares, um dos poetas escolhidos para o terceiro capítulo, refere a *Partida* dos cabo-verdianos, Onésimo Silveira fala no seu *Regresso*⁶⁸. Este acontecia com os homens a voltar à terra sem nada, doentes e as vezes, só em desejos, pois muitos acabavam por nem conseguir regressar à terra-mãe. Silveira trabalhou como meteorologista em São Tomé e viveu de perto o drama dos cabo-verdianos como o da personagem Tigusto, criada por este: um homem de Santo Antão que, devido à seca, foi obrigado a vender tudo e aventurar-se para São Tomé, ou mesmo as histórias de Bia de Canda e Nhanha Santa que falam da triste vivência das mulheres nas roças de São Tomé. Enfim, a emigração cabo-verdiana faz parte da Identidade deste povo que sempre sonhou com uma vida melhor, nem sempre transformado em realidade como escrevem os poetas e historiadores cabo-verdianos.

⁶⁶ (Tavares E. , 2017, pp. 13, 15, 16, 40, 116 e 122)

⁶⁷ “Como é triste e é desolador, / Ver partir, aos magotes, esta gente, / Entregue ao seu destino, indiferente / A tanto sofrimento, tanta dor!” (Tavares E. , 2017, p. 40)

⁶⁸“O espetáculo porém é banal e só aos pobres / Esses órfãos que voltam ao regaço hostil da terra madrasta / A arrastar os farrapos do seu corpo consumido nas roças de São Tomé” (Silveira O. , 2008, p. 80).

- O branco europeu, o negro africano e o mestiço cabo-verdiano

O branco europeu, o negro africano e o mestiço cabo-verdiano quando socialmente descritos no romance apresentam estatutos diferentes, sendo por um lado, evidenciada a valentia e a força física do negro africano, a sensualidade, beleza, a morabeza e a inteligência do mulato cabo-verdiano, e por outro, a agressividade e a forma desumana de tratamento do branco europeu para com o negro africano: Para Bartolomeu Varela, “o homem branco era sempre apresentado como um ser superior e o africano (negro) um inferior”⁶⁹. O branco europeu era visto por ele mesmo como “um ser com maior inteligência, saber e poder”. Aos olhos dos outros era uma figura má e gananciosa como eram os casos de Jerónimo Pimentel e Lopes⁷⁰.

Também, na opinião de Elvira Reis, o branco dificultava o conhecimento aos negros com exceção da Maria que ensinava o João, embora esta não seja branca. O João por seu lado, “critica esse pensamento medíocre e desprezível que o branco divulgava, visando tão-somente os seus interesses mesquinhos e pessoais”⁷¹. Nas descrições do narrador de *O Escravo* percebe-se a intenção desta classe social de explorar a colônia, saquear e fugir para a Metrópole com toda a sua riqueza.

Novamente, o professor Varela afirma que “as crianças africanas adquiriam um complexo de inferioridade ao entrarem na escola primária. Aprendiam a temer o homem branco e a terem vergonha de serem africanos”⁷². Nesta mesma linha, Elvira Reis afirma que “preto, no romance, simboliza a ausência de esperança, de luz e de realização futura. A desgraça que pairava sobre o João era um fatalismo, desde sempre, determinado pela condição de escravo, cuja cor do seu rosto não permitia esconder”⁷³. Para esta professora, referindo-se ao João: “ainda que a sua mente fosse iluminada pelo conhecimento, tão amavelmente transmitida por sua eterna amada Maria, o seu destino estava condenado a escuridão por causa da sua cor preta”. João, o herói negro, foi representante da persistência, garra e a vontade de superação do negro (três fatores identitários que mais têm sido tratados na literatura cabo-verdiana, principalmente a partir da Claridade).

Na procura da mãe biológica, esses atributos do João fizeram com que superasse o cansaço, a fome e a sede durante os árduos e penosos dias no percurso, como ficou demonstrado nesta passagem do romance *O Escravo*:

⁶⁹ (Varela, 2011, p. 2)

⁷⁰ (Almeida J. E., nov.2016, p. 145 e 220)

⁷¹ (Reis, nov.2016, p. 33)

⁷² (Varela, 2011, p. 2)

⁷³ (Reis, nov.2016, p. 33)

Percorreu todo o monte, mas não encontrou sinal algum de habitação; e ele subira, subira até chegar ao pináculo do morro. A natureza forte do escravo sedia ao cansaço – vacilaram-lhe os joelhos e ele sentou-se exclamando: minha mãe! Minha mãe! Não me será dado saber onde estás?

Almeida J. E., nov.2016, p. 191

O narrador procurou contornar toda a conotação negativa que pudesse ser atribuída ao mestiço cabo-verdiano. Sendo uma categoria social em construção, foi associada à beleza física e espiritual, à dignidade, ao trabalho, à sabedoria e à conservação dos costumes e tradições. Considerada como a classe do bem, concentra principalmente na família de Cláudio Pimentel e na de Miguel Coelho Gomes embora esta última tenha passado despercebida em todos os estudos científicos consultados, pois, resultou de um recuo no tempo da narrativa para contagem de uma história. Símbolo maior deste grupo está na Maria que demonstra um respeito enorme perante a escravatura negra. No entanto, deixou transparecer preconceitos ou receios pelos brancos, ao rejeitar, categoricamente, as pretensões do Lopes. Os leitores atentos ficarão com dúvidas em relação à postura do mestiço Cláudio Pimentel pois, não reconheceu a mãe biológica - a escrava Júlia - nem o irmão negro - o João. No próximo subcapítulo descrevemos os contornos da formação desta nova classe social.

- Miscigenação cultural e racial: formação da sociedade mestiça

Da interação cultural e biológica entre os grupos humanos presentes no arquipélago de Cabo Verde, surge o mestiço, resultante da interpenetração de dois grupos étnicos que, segundo António M. Ramos “obedece à necessidade de obviar à escassez do capital humano”⁷⁴. Daí, a miscigenação em grande parte, sendo que os filhos resultantes da união de senhores e escravas viriam a constituir o recurso necessário de mão-de-obra para a lavoura e, posteriormente, a classe dominante, como ficou demonstrada no fim da narrativa de José Evaristo d'Almeida com a família mestiça de Cláudio Pimentel. Em consequência de todo este processo surge, portanto, este elemento novo que passou a assumir uma forma de estar, de viver e de expressar diferente dos colonos e dos escravos.

No dizer de João P. Madeira “O mestiço assume paulatinamente na esfera pública cabo-verdiana um reconhecimento político e cultural e, apoiando-se no escritor cabo-verdiano Pedro S. Lobo, afirma que “na Cultura, sociologicamente, Cabo Verde já não é África, embora etnicamente não seja Europa. Acrescenta ainda que “o povoamento e a colonização de Cabo Verde puseram em contacto dois elementos raciais totalmente diferentes: [...] fundiram-se em secular interpenetração.

⁷⁴ (Ramos A. M., 2009, p. 16)

A fusão decorreu sem sobressaltos nem violências, dando lugar, por uma contínua miscigenação, a um tipo humano de maior interesse antropossociológico⁷⁵.

Portanto, o mestiço é o resultado da miscigenação biológica que marcou indubitavelmente o período da colonização neste arquipélago. Na afirmação de Gilberto Freyre, o português foi-se misturando gostosamente com mulheres de cor logo ao primeiro contacto e multiplicando-se em filhos mestiços que uns milhares apenas de machos atrevidos conseguiram firmar-se na posse de terras vastíssimas e competir com povos grandes e numerosos na extensão do domínio colonial e na eficácia de ação colonizadoras⁷⁶.

Neste ponto, David H. Almada considera que a miscigenação mostrou-se indispensável na própria projeção do colonizador, afirmando que “o recurso, não apenas às populações nativas, aos escravos mas, mais do que isso, à miscigenação, aparecia como uma ‘*conditio sine qua nom*’ de todo o processo expansionista português”⁷⁷. Assim sendo, o processo de mestiçagem para este autor, deverá ser encarado sob dois ângulos: o africano e o europeu, acompanhados de uma certa interdependência cultural que conduziu à formação da Cultura cabo-verdiana e, de fato foram aqui lançadas as bases para a construção de uma nova sociedade denominado “sociedade mestiça cabo-verdiana⁷⁷”.

Nisto, na sua narrativa ficcional, José Evaristo d'Almeida deixa transparecer uma valorização do Homem da terra (Mestiço) na formação da Identidade de Cabo Verde através da postura e ações de Maria, Cláudio e Mariana, mas, na opinião de António Manuel Ramos, essa valorização não teve o impacto, pelo menos, antes da década de 50 do séc. XX, na esfera académica e científica:

Apesar de ser reconhecida a contribuição da mestiçagem no enriquecimento do património genético e cultural do homem contemporâneo, constata-se que não é consensual o ajuizamento sobre o novo tipo de homem que surgiu do cruzamento de “raças” e de culturas. Durante muito tempo, nos meios académicos e científicos, onde se teorizavam sobre o conceito de raça promoveu-se a superioridade da tão proclamada raça branca, relativamente às restantes tidas como inferiores e incapazes de atingirem *per se*, um estado civilizacional comparável ao da raça branca, legitimando assim, a sua subordinação sobre as outras raças. Tais teorias tiveram grande impacto na afirmação e na consolidação da ideologia nazista, com todos os seus equívocos grosseiros fundamentais.

Ramos, 2009, p. 20

No entanto, e de acordo com o citado autor, “assistimos hoje a uma mudança fundamental na apreciação do valor humano e social do mestiço, iniciada ainda nos primeiros anos da década de 50 do século XX com as declarações da UNESCO” e também com “publicação de trabalhos científicos,

⁷⁵ (Madeira J. P., 2015, p. 58 e 59)

⁷⁶ (Freire, 2003, p. 70)

⁷⁷ (Almada D. H., 2006, p. 68)

opostos àqueles defendidos por certas correntes académicas da época que, imbuídos de preconceitos, aconselhavam as raças puras”. Este estudioso escreve que “cientistas como Gilberto Freyre, Claude Lévi Strauss e Ashley Montagu, tiveram um papel de grande relevo na desmistificação da suposta inferioridade do mestiço, ao negar cientificidade ao conceito de raça”⁷⁸.

Deste “contacto gostoso” mencionado anteriormente e descrito por Gilberto Freire em *Casa-Grande e Senzala* nasceu e massificou o mestiço que, depois de uma relativa marginalização, começou a preocupar as autoridades portuguesas. Face a isso ordenaram o envio para Cabo Verde, de “mulheres brancas, que até então – início do séc. XVII – eram degredadas para o Brasil, numa tentativa de estancar e possivelmente aniquilar a raça mestiça”⁷⁹.

Essa situação reverteu-se com o passar dos tempos pois, segundo o autor antes citado:

O reconhecimento e a inversão da política de perseguição do mestiço pelo colonizador foram fatores importantes na ascensão social do mulato em Cabo Verde, onde o concubinato – prática comum na época, facilitada pelas Leis portuguesas, que permitiam o reconhecimento dos filhos ilegítimos, talvez como forma de compensação pelo aumento da massa populacional, indispensável no ambicioso Projeto de colonização de extensas áreas – foi decisivo na extensão do mestiço.

Ramos, 2009, pp. 22,23,24

Com estes impulsos, o mestiço alcançou um reconhecimento e um patamar de prestígio em Cabo verde, tanto na esfera económica e social como política, fundamentos decisivos para a viragem da própria pirâmide social cabo-verdiana onde esses começaram a dividir os poderes com os brancos europeus passando, no dizer de João Paulo Madeira, “a ser um importante elemento na divulgação e afirmação da Identidade Cultural cabo-verdiana”⁸⁰. No mesmo sentido, Onésimo Silveira acrescenta que “a construção de uma sociedade com homens livres propunha uma mudança no plano sociológico e uma nova reformulação, aparentemente, da esfera social cabo-verdiana”. Este afirma ainda que,

Com a mudança de relação de forças na Europa em desfavor de Portugal, a partir de meados do século XVIII, e o fim do monopólio comercial de escravos, ocorreu uma rutura súbita e precoce da sociedade escravocrata e a crise económica consequente determinou uma alteração radical nas relações entre os senhores e os escravos: a grande propriedade desmembra-se e muitos escravos passam a forros e agricultores no quadro de uma agricultura de subsistência. Os antigos senhores da terra veem-se diminuídos o estatuto e poderes o que contribui para fomentasse uma interdependência e uma afinidade de interesses, de razões e de sangue.

⁷⁸ (Freire, 2003, p. 70)

⁷⁹ Em nota de rodapé nº13, apoiado em António Carreira, Nelo Canuto de Pina escreve na sua tese de Doutoramento que “Perante a preocupação com o crescente número de mulatos na sociedade cabo-verdiana, o rei determinou em carta de 20 de outubro de 1620 que as mulheres brancas fossem degredadas” e também a Sena Barcelos que diz a respeito: “Por carta d’El Rei de 20 de outubro se mandou que para Cabo Verde se degredassem as mulheres, que se costumam degredar para o Brasil, a fim de que se extinga, quanto possível, a raça de mulatos” (Pina N. C. 2017, p.13)

⁸⁰ In João Paulo Madeira - O Processo de Construção da Identidade e do Estado da Nação em Cabo Verde / Revista Vozes dos Vales da UFVJM - Minas Gerais. Nº6 pag.10. Ano de 2014.

In Manifesto Político sobre a Regionalização, (pág.4) – P. T. S⁸¹.
Apresentada por Onésimo Silveira

Na esfera desta mobilidade social e de interesses mútuos que vai nascer o mestiço, como vimos, resultante deste cruzamento de brancos e negros e consequente a primeira “sociedade crioula nos trópicos” ou seja “os negros deixaram de ser africanos, os brancos deixaram de ser europeus, judeus ou castelhanos e passaram a ser todos Cabo-verdianos. Essa simbiose é a alma e a essência de Cabo Verde”⁸², cita Onésimo Silveira. Outros fatores impulsionadores para este processo foram também, para além das fomes cíclicas, as revoltas, o abandono do arquipélago, as secas, o sofrimento e o isolamento que cristalizaram a chamada “alma crioula” e fez-se nascer um modo de vida diferente, forma de estar, conviver e sentir diferentes de outros povos bem como o declínio do tráfico de escravo e consequentemente, o processo abolicionista que deu origem ao fim da escravatura e o nascimento do Homem crioulo. Em suma, Onésimo Silveira acrescenta que, [...] “ao por em ação o processo contínuo de miscigenação de sangue e cultural, consagra o predomínio do mestiço e confere especificidade as novas formas de convivência social a nível coletivo e individual” e também “o inverso da perda gradual da concentração do poder nas mãos da minoria branca é a ascensão económica do negro e do mulato, cujo corolário é a aristocratização social”⁸³

José Evaristo d'Almeida era um português reinol cujas origens, data de nascimento e morte continuam pouco esclarecedoras. Viveu estas movimentações internas e externas de Cabo Verde que resultariam na moldagem do Homem cabo-verdiano. Ao proporcionar o trágico desaparecimento físico dos escravos negros (João, Luiza e Júlia) e permanecendo viva a família mulata de Cláudio Pimentel (Maria, Mariana e Cláudio), por um lado, demonstrou que a sociedade cabo-verdiana passou a ser formada maioritariamente por esta última classe como a sua valorização com o declínio da escravatura e a sua elevação na hierarquia colonial.

Portanto, finalizado o romance desta forma trágica e romântica, as únicas personagens que sabemos verdadeiramente o seu destino são as mestiças: Maria, Cláudio Pimentel e Mariana, que representam, em diferentes ângulos de estudos, a nova classe que se formou em Cabo Verde, embora outra família mestiça é mencionada: a de Miguel Coelho Gomes. O autor de *O Escravo* demonstrou um afastamento da classe mestiça da ganância e “sede de poder”, tendo a sua aproximação aos valores tradicionais, ao trabalho árduo, á honestidade, á hospitalidade e ao sacrifício. Como salientamos anteriormente, na eminência de ressaltar os atributos positivos desta nova classe, o autor / narrador

⁸¹Partido do Trabalho e da Solidariedade (s.d).

⁸² (Silveira O. , 2005, p. 33)

⁸³ (Silveira O. , 2015, p. 23)

descreveu de forma objetiva pouquíssimos defeitos na classe mestiça. Vejamos, com base nas descrições do narrador, a caracterização feita às duas famílias mestiças: a de Cláudio Pimentel e a de Miguel Coelho Gomes:

- na primeira, destaca-se Maria - a filha de Pimentel. Para além da beleza física, esta personagem com características românticas, deixa transparecer uma imagem de bondade, de hospitalidade, de caráter e de respeito, na construção da nova mulher cabo-verdiana neste olhar futurista de José Evaristo d'Almeida. Ela demonstrou uma forte personalidade, orgulho e firmeza nas palavras e nos atos ao declinar o convite do português Lopes para namorar, numa clara valorização da mulher mestiça:

Basta senhor – disse semelhante linguagem no começo – não da nossa amizade, como dissestes – mas sim do nosso conhecimento, depõe muito pouco em vosso favor. Julgares que a mulata se sentira orgulhosa por merecer as finezas de um branco. Entendestes que bastava uma palavra de amor, uma manifestação, um indício de estima para que ela caísse rendida aos pés agradecendo-vos, talvez, a honra que lhe fazíeis de descer até ela. Enganastes-vos: nas veias de mulata gira no sangue mais nobre, mais puro que o vosso; e em seu coração [...]

Almeida J. E., nov.2016, p. 113

No mesmo sentido, Maria mostrou o seu lado humano na valorização daquilo que os outros tratavam de forma desprezível e desumana – o escravo João. Figura central da nova sociedade que então se formou, Maria é retratada no romance como “dotada de uma compreensão fácil – de uma penetração de causar inveja aos mais talentosos – possuía – além dos lisonjeiros dotes físicos – um coração de têmpera sumamente delicada”⁸⁴. Apaixonada pela natureza, principalmente pelas flores, Maria dedicava-se muito à educação do João, e ajudava em casa, pois, o pai se encontrava ausente na Guiné. “Dera-lhe a natureza uma daquelas almas, fortes na dor, sensíveis na compaixão, modestas na alegria”⁸⁵. Essas dores que, segundo Evaristo d'Almeida, demonstrou com a morte do irmão logo no início da narrativa e no fim com a morte do João. No final do romance apresentou uma faceta da religiosidade, pois chamou por “Deus” ao ver João caído em sofrimento, como veremos mais adiante no ponto dedicado à contribuição da igreja para formação da Identidade cabo-verdiana. Esta figura só não conseguiu romper com a barreira social que a impedia de declarar amor ao João pois, o mostrou somente na hora da morte deste.

- De seguida, passamos ao Cláudio Pimentel - o pai. Para o narrador, o Cláudio era um bom pai e um bom marido, sempre atento à família, à educação da filha Maria e à transmissão de valores

⁸⁴ (Almeida J. E., nov.2016, p. 97)

⁸⁵ (Almeida J. E., nov.2016, p. 97)

tradicionais. Era um militar de confiança, cedo promovido a capitão, um cargo de enorme prestígio na sociedade de então. Nascido na ilha de Santo Antão, muito educado e respeitado por todos, como nos conta no seguinte trecho do romance *O Escravo*: “Havia nas Companhias um sargente indígena a quem seus camaradas muito respeitavam, em razão do seu irrepreensível comportamento e súbita instrução de que dispunha”⁸⁶. Emigrou para Bissau a fim de dar uma vida melhor à família, mas mantinha em contacto com esta através de cartas. Numa dessas cartas trocada com Maria revelou-se um homem com grandes sentimentos: “Maria - me dissestes - o amor é uma necessidade da vida”⁸⁷. A única conotação negativa, descrita anteriormente, é não ter explicado à família que era filho de uma escrava e que tinha um irmão escravo.

Finalizamos a descrição da família de Cláudio Pimentel com a Mariana, a mãe de Maria. Nascida na ilha de São Nicolau, é caracterizada como uma boa mãe que, mesmo tendo pouca ação na narrativa apresenta-se muito dedicada à família tendo sofrido muito com ausência do marido, à semelhança de muitas das mulheres de antigamente, cujos maridos saíam de Cabo Verde à procura de uma vida melhor para a família. Na seguinte passagem mostra-se a sua fidelidade à família, à educação da filha, às saudades, bem como os cuidados na preservação dos bons costumes:

E quando as ideias sinistras produzidas pela ausência do esposo, e pai, vinham enuviar aquelas fronteiras - tipos de bondade e candura – qual delas mais se empenhava [...] trocavam então frases consoladoras - e ambas diligenciavam esconder as lágrimas, a fim de que estas não fossem orvalhar e dar vigor à saudade que nutria.

Almeida J. E., nov.2016, p.99

No final da narrativa, e em situação de puro desespero pediu socorro ao João para salvar Maria das garras do Lopes demonstrando o seu amor incondicional à sua filha e companheira de todas as horas.

Quanto à segunda família, constatamos que ela foi mencionada na história acontecida um “século atrás” em relação ao resto da narrativa. A preocupação do narrador em dizer que “um caso acontecido há mais de um século” é para afastar toda a conotação negativa que a família Cláudio Pimentel possa ser alvo numa futura comparação com a de Miguel Coelho Gomes que se caracterizava pelo conservadorismo de alguns valores muito antigos como demonstramos no seguinte resumo: um rico lavrador da Boa Entrada ilha de Santiago escolheu marido à sua filha, sem consentimento desta, como prezavam os pais daquela época. Aconteceu que este casamento não resultou visto a moça não ser virgem, acabando por fugir com o amante. Na festa estavam gente forra, escravos e outros

⁸⁶ (Almeida J. E., nov.2016, p. 96)

⁸⁷ (Almeida J. E., nov.2016, p. 166)

convidados, atitude que mostra uma aproximação da raça mestiça aos escravos, apesar de haver uma pequena separação dos convidados⁸⁸.

- As figuras femininas no romance

As figuras femininas cabo-verdiana foram, ao longo dos tempos, dissertadas de diversas formas na literatura deste país. Desde da associação à beleza, sensualidade, coragem, trabalho árduo, sofrimentos bruxaria / feitiçaria, prostituição etc. Para Elvira Reis,

a mestiçagem cabo-verdiana teve a sua origem em processos repulsivos de tratamento e exploração da mulher negra que merecem ser conhecidos, para que se possa reconhecer e valorizar a tenacidade da mulher enquanto promotora da vida e protetora da espécie humana [...]

Reis, 2017, p. 1

Esse grupo contribuiu de forma decisiva para construção da Identidade deste país. No romance *O Escravo* as mulheres são representadas, com mais representatividade, por Júlia, Maria, Luiza, Mariana, Margarida e Cacilda:

- A Júlia era uma escrava, proveniente da Costa Ocidental africana. Mãe de Cláudio Pimentel⁸⁹ (mulato) e de João (negro). Figura que representa todos os abusos sofridos pela classe feminina na era da escravatura. Ela é símbolo do sofrimento natural e humano e rejeitada por toda a sociedade, mesmo dos seus companheiros escravos. Numa breve passassem por Santo Antão, em situação de desespero, não conseguiu, de imediato, regressar à ilha de Santiago e nem encontrou auxílio nos que mais esperava – os companheiros escravos da ilha – tendo ficado em choque:

Cheguei a esta ilha, onde não conhecia ninguém: que fazer pois? Esmolei! Fui pedir o óbolo da caridade à uma taberna onde estavam reunidos alguns escravos. Ao aproximar-me, um deles disse para os companheiros: olhem, olhem aquela é decerto uma feiticeira! E todos, em vez de me atenderem, fizeram-me figas⁹⁰, repetindo a *mim não*

Almeida J. E., nov.2016, p. 207

Carregou uma carga pesada de ódio e de vingança por toda a vida. Ótima contadeira de histórias no batuque tendo, através destas, comovido muita gente. Do bem só se deixou transparecer o amor que possui pelo João por ser gerado de um amor com o escravo Luís, por quem possuía um

⁸⁸ (Almeida J. E., nov.2016, p. 133)

⁸⁹ O Cláudio é filho da Júlia e o branco Jerónimo Pimentel que a estuprou brutalmente aos treze anos tendo feito a adolescente mãe. O estupro deixou sequelas que a sacrificaram pela vida toda, pois ela não estava preparada para tal.

⁹⁰ Cruzamento dos dedos, acompanhado por uma ladainha para afugentar para muito longe as bruxas más.

relacionamento antes de ser assassinado por Jerónimo Pimentel. Júlia demonstra ser uma pessoa respeitada no seio dos outros escravos pois foi “usada” por Lopes para convencê-los a não oporem a revolta na cidade, já que a família Pimentel, a quem nutria um ódio doentio, iria ser atingida pelos revoltosos. De pedinte a feiticeira, passou por humilhação até a sua morte trágica sem cumprir a sua vingança com o Jerónimo Pimentel. De referir que a Júlia não era, a partida, uma bruxa / feiticeira. A prática da bruxaria⁹¹ ou feitiçaria foi associada à sua beleza, pois era uma preta deformada pelos maltratos físicos e psicológicos - uma figura horrorosa. Júlia revelou que foi “obrigada” a assumir essa bruxaria / feitiçaria⁹² para o seu bem, pois era uma forma de sobrevivência como retratou na seguinte passagem:

E esses que me fugiam quando cheguei vieram posteriormente consultar-me sobre o seu futuro; e apesar do muito que me esforçava para convencê-los que eu não era feiticeira, eles não me queriam, e antes sim me instavam para que lhes predissesse o seu porvir [...] em poucos meses me vi cercada de uma clientela considerável, a qual tinha o cuidado de me trazer o milho, os cocos, as bananas e muitos outros frutos que me fizeram esquecer dos pobres cacres.

Almeida J. E., nov.2016, p. 208

- Maria⁹³ (mulata) é o símbolo da mulher cabo-verdiana, imagem da pureza, beleza e sensualidade em oposição à sua avó Júlia. Furou a ordem social da época para prestigiar a vida humana, dando o tio (não sabia se João o era) a dignidade e o prestígio que eram impensáveis nessa época para um escravo.

- Luiza, escrava, nascida nas ilhas de Cabo Verde, também retrata a imagem da escravatura negra com diferença de não ter sofrido muito pois, era sua dona a família Pimentel que tratava bem os escravos. Ela amava João e sofria por ver que este amava a sua dona Maria. Apresentada num diálogo com o seu companheiro João, Luiza comportava-se como uma pessoa boa, embora tenha colaborado involuntariamente para o início da desgraça do João⁹⁴, culminando com o seu fim trágico. Nessa época já dominava melhor que os homens o idioma Crioulo, no dizer do narrador, embora este revela-se incapaz de traduzir todas as suas expressões em Crioulo. Disfarçou, aparentemente, o sentimento amoroso que nutria por João, para lhe consolar: [...] “Luiza esqueceu-

⁹¹Para além da bruxaria, existiam mais crenças populares que são retratadas no romance. Uma dessas refere ao Pico d'Antónia na ilha de Santiago que destinava a molestar os europeus: “Mas se sóis europeus fugi dele; porque o luto que o vedes trajar indica a aproximação do tempo em que ele cobre o tributo das vidas que devem pagar-lhe os europeus residentes na ilha em que ele domina: e quem sabe se, nesse ano, será a vossa uma das vidas escolhidas?” (Almeida J. E., nov.2016, p. 193)

⁹² Existiam dois tipos de bruxas / feiticeiras: as boas que faziam remédios e afugentavam os maus espíritos e as más que matavam, aleijavam ou comiam as crianças e adultos. Essa prática aliada as credices e superstições são as que mais sofreram com a modernidade pois, hoje pouca gente acredita nas credices antigas como “finado ou almas do outro mundo, Gongons, katxoronas, Kanêlinhas, Boi d'boka d'lume ou mesmo na Guarda kabésa”.

⁹³ No ponto anterior mostramos, com mais pormenores, como a Maria, a Mariana e a Margarida são descritas no romance.

⁹⁴ Ajudou João a entrar no quarto da Maria em troca este aceitaria ir ao batuque para ver a sua dança. Nesta invasão do quarto João recebeu a alforria e iniciou a decadência do herói.

se de cuidar si para levar só o consolo das palavras aquela alma, que parecia suportar neste mundo todas as penas do inferno [...]”⁹⁵. Possuía talento para a dança o que a fazia uma boa dançarina no torno. Ela esforçava-se muito na tentativa de seduzir o João e causando ciúme em outros escravos:

[...] era sempre diante de João, que Luiza - fazendo valer toda a graça com que a dotara a natureza – ia desenvolver o seu talento artístico nos requebros do torno. Esta preferência, tão claramente manifestada havia promovido o ciúme em alguns dos escravos que competiam na posse de Luiza

Almeida J. E., nov.2016, p. 120

Apesar de todo o talento demonstrado, não conseguiu atingir o seu objetivo porque João tinha um amor platónico para Maria: “Só João ignorava a paixão de que era o objeto; Porque, naquelas reuniões noturnas existia dele só a matéria que o espírito adejava em torno de Maria”⁹⁶.

- Mariana representa uma “mãe sofredora, pela ausência do marido”, educada e dedicada à família.

- Margarida era filha de um casal de ricos: “formosa, fresca, folgazã e divertida” são os adjetivos que, inicialmente o narrador descreve esta moça que recebeu uma educação religiosa da mãe. Foi-lhe imposto pelos pais um casamento indesejado com um homem rico. Esta atitude transformou-a numa moça “triste que era mesmo um dó vê-la” relata o narrador da história⁹⁷.

- Cacilda (escrava) - Mesmo com pouca aparição no romance, esta figura é uma pessoa respeitada tendo por missão organizar festas no batuque para os seus companheiros escravos e não só.

Em suma, diremos que o romance *O Escravo* possui uma forte centralidade na classe feminina que coaduna em várias simbologias sentimentais: começa na Maria como símbolo de romantismo e humanismo, a Júlia de sofrimento e ódio, Luiza e Cacilda representando também a escravatura negra e outras como Mariana e Margarida que representam educação e transmissão de valores tradicionais.

- A construção de sentimentos

Dissemos anteriormente que, toda a narração de José Evaristo d'Almeida em *O Escravo* é condicionada pelos sentimentos das personagens. Notamos sentimentos de gratidão, ternura, tristeza, saudades, pena [...] representados por Maria, Luiza, João, Mariana, Cláudio e Margarida (classe do bem) e sentimentos de ódio e vinganças em Lopes e Júlia (representam a classe do mal). Encontramos

⁹⁵ (Almeida J. E., nov.2016, p. 120)

⁹⁶ (Almeida J. E., nov.2016, p. 120)

⁹⁷ (Almeida J. E., nov.2016, p. 133 e 134)

outros sentimentos como os de amor (a parte romântica do romance) protagonizado por Maria, João, Júlia ou Luiza e também de ciúme, raiva (perda da honra por parte família de Margarida), soberba ou gastos exagerados, preconceitos raciais e o misto de sentimentos provocado pelos triângulos amoroso ou sentimentais:

- Os primeiros sentimentos são demonstrados no diálogo entre João e Maria (pág.93), nas palavras de Maria⁹⁸ dirigidas ao João (pág. 94), na tristeza de Luiza (pág. 118), bem como na reação do João ao receber a alforria (pág.181) ou mesmo na paixão doentia do João por Maria e a da Luiza pelo João. Destacamos o ódio ou vingança da Júlia perante os brancos, principalmente, a família Pimentel e a do Lopes perante o poder.

O sentimento de vingança de Júlia seria derivado dos maltratos que recebera ao longo da vida e o do Lopes derivado da ganância e da tentativa do enriquecimento fácil ou mesmo motivado pelo rebaixamento em Portugal que foi alvo antes da sua chegada á Cabo Verde. De salientar que, mesmo com esta “vontade imperiosa de vingança” e de ter retratada essa angústia ao filho (João), Júlia, reservando o papel de mãe, não queria que este metesse na aventura de enfrentar o poderio dos brancos.

Outros sentimentos se notam como os de ciúme e raiva. O primeiro é manifestado, essencialmente por escravos, devido ao tratamento diferenciado dado ao João, “escravo privilegiado”, tanto por parte da Maria como da Luiza. (págs.120 e 148). O segundo é seu protagonista a família de Margarida que ficou destroçada e desonrada por esta não provar que era virgem, após o casamento indesejado com Manuel Dias Eannes, assim o noivo acabou por regressar a sua precedência. (pág136)

De seguida, destacamos os sentimentos provocados por soberba e preconceitos raciais bem como os efeitos dos triângulos amorosos ou sentimentais: a soberba, associada, muitas vezes, a pessoas com algum poder económico, é caracterizada por esbanjamento de recursos ou algum comportamento inadequado. Ficou demonstrada, segundo o narrador de *O Escravo*, na atitude de Miguel Coelho Gomes, um rico lavrador ao afugentar as pretensões de um amante pobre em casar com a filha ou mesmo nos gastos com o casamento destes: “Parece que as tenções do rapaz eram boas, e que se não fosse pobre teria pedido a pequena; mas a muita soberba de Gomes atemorizava o amante, o qual não se aventurava fazer um pedido, cuja rejeição de antemão previa, [...]”⁹⁹

⁹⁸ Os sentimentos da Maria dividiam-se entre o amor que nutria pelos pais, pelo seu jardim e pela instrução que dava ao seu escravo João. (pág.98)

⁹⁹ (Almeida J. E., nov.2016, p. 133)

De salientar que, apesar de o romance ser centrado no tema da escravatura e ao longo desta dissertação procurarmos demonstrar, com base na história de Cabo Verde, que os escravos sofriam de preconceitos raciais, a verdade é que, raras algumas passagens, isso não foi muito bem explorado pelo narrador do romance *O Escravo*. Vejamos algumas situações: Lopes, (português branco) ao interessar-se pela Maria, (mestiça), não foi inibido pela cor da pele desta. Maria, por seu lado, ao declinar-se, categoricamente, o convite para namoro com Lopes e associado ao tratamento dado ao escravo João mostrou que se sentia muito mais preconceito pelos brancos do que ao contrário poderia prever. Luiza e Júlia, escravas negras, interessaram-se por João e Luís, escravos negros, embora essas duas tenham razões diferentes para as suas escolhas¹⁰⁰.

Finalizamos este subcapítulo com o misto de sentimentos protagonizados por quatro triângulos amorosos, todos diferentes: Lopes X Maria X João / Maria X João X Luísa / Luís X Júlia X Jerónimo Pimentel e Manuel Dias Annes X Margarida X Amante.

Nesses triângulos amorosos prevalecem o “amor platónico” do João por Maria, o de infância da Luiza por João, o verdadeiro de Júlia por Luís e o da Margarida pelo Amante pobre e vice-versa. Também registamos “o amor carnal, egoísta e criminoso”¹⁰¹ de Lopes por Maria e o imposto, por questões tradicionais, de Manuel Dias Annes por Margarida.

- O romance *O Escravo* e a escravatura negra

Para abordagem deste subcapítulo propomos, primeiramente, uma breve incursão pela descoberta de Cabo Verde e a necessidade do povoamento das ilhas por parte do Governo português. Assim, segundo Senna Barcelos “a descoberta deste país deu-se no século XV, mais precisamente no ano de 1460 por navegadores portugueses”¹⁰². A colonização portuguesa começou logo após essa descoberta, pelo início do povoamento da ilha de Santiago, seguido da ilha do Fogo, com negros vindos da Costa ocidental africana e alguns europeus.

Para incentivar a colonização e povoamento de Cabo Verde, a Corte Portuguesa, concedeu-se primeiro uma carta de doação onde o Rei D. Afonso V doa ao seu irmão D. Fernando o conjunto das ilhas descobertas. Seguiu-se a de 1466 que estabelecia privilégios aos moradores de Santiago no comércio de escravos na Costa da Guiné. A par do algodão, do pano e dos gados, nessa altura, o

¹⁰⁰ Para a primeira escrava, João era o seu amor de infância e companheiro de trabalho durante muitos anos e a segunda tinha um ódio doentio pelos brancos, não aceitaria nunca escolher um branco para viver.

¹⁰¹ (Veiga, 2016, p. 75 e 78)

¹⁰² Barcellos, 2003. (Vol.I, II, III e IV)

comércio de escravos constituía a base económica para as ilhas de Cabo Verde com epicentro na Ribeira Grande (Cidade velha) e posteriormente, São Filipe, Fogo. Na Ilha de Santiago, (Cidade Velha) funcionava como “entreposto comercial” no comércio triangular de escravos¹⁰³ entre África, América e Europa.

Os portugueses chegaram às ilhas de Cabo Verde por volta de 1460 e o arquipélago seria transformado “num hipermercado a céu aberto de compra e venda de escravos”, diz o historiador Charles Akibodé. Esses seres humanos que hostilizados de forma desumana na captura, transportes, tratamento e vendidos como mercadorias não detinham nenhum direito, resumindo as suas funções no servir dos seus senhores, á obediência e aos cruéis castigos que estavam sujeitos, o que criavam um certo ódio entre eles e os seus senhores como aconteceu com Júlia, personagem do romance *O Escravo*, anteriormente descrita. Evaristo d'Almeida no romance *O Escravo* quis transparecer este sofrimento ao criar personagens como Júlia, Luís João, Luiza, Cacilda (escravos) Jerónimo Pimentel, Bispo Pimentel, Lopes (brancos) entre outras, que dão sua própria voz e ações, denunciam e tentando combater esses atropelos. Refira-se que, segundo João Lopes Filho¹⁰⁴, apesar de, durante o séc. XII, viver-se um declínio económico no arquipélago devido á vários fatores¹⁰⁵ este negócio de escravos só desapareceu quando foi abolida à escravatura num processo “muito moroso e conflituoso”¹⁰⁶.

No romance, as ideias abolicionistas começaram a ser transmitidas pelo narrador logo no início da narração com a valorização de um escravo negro por parte de uma mestiça, passando por não condenação das atitudes de uma personagem negra (Júlia) e a conseqüente reprovação das de um branco (Lopes), pelo sinal de convivência entre os escravos e os mestiços bem como na escolha dos convidados para o casamento de Margarida com Manuel Dias Annes descritas anteriormente.

Outras evidências do processo abolicionista, no romance *O Escravo*, foram demonstradas nas duas cartas de alforrias oferecidas à Júlia e ao João, dois escravos libertos por e em situações diferentes: a primeira, a pedido do Bispo Pimentel, Júlia recebeu a carta de alforria e aceitou-a tendo em conta a situação de tortura e maus tratos em que estava sendo infringida pelo seu senhor Jerónimo Pimentel - uma personagem má em relação aos escravos. A segunda foi a que a Maria concedeu ao João. Este não a aceitou de imediato porque assim ficaria longe da sua amada Maria que a tratou muito bem e por mais, seria difícil a sua integração na sociedade de então por causa da sua anterior

¹⁰³In<https://acervo.publico.pt/mundo/noticia/de-cabo-verde-a-angola-na-rota-da-escravatura-em-cinco-paises-> acesso em 15 Fev.2020

¹⁰⁴ (Filho, 2006, pp. 17-21)

¹⁰⁵Fatores como: a guerra dos corsários movido por franceses e ingleses, aos assaltos as principais povoações e às lutas entre os morgados e as autoridades, aliadas ás sucessivas secas que vieram fracassar um pouco este comércio triangular. essa situação de enfraquecimento económico não retirou a Cabo Verde o seu papel no tráfico e exploração de escravos

¹⁰⁶ (Filho, 2006, p. 23)

condição de escravo. Para ele, a liberdade era um castigo já que iria sofrer muito mais, pois, ao longo da vida teve um tratamento diferente.

Esse comportamento do João mostra que, mesmo com a liberdade, os escravos continuavam a ser vítimas de preconceitos raciais e a não ter ascensão e aceitação sociais. João desenha essa frustração pós-liberdade, em que para muitos escravos seria um passo para entrar na miséria: sem onde morar, sem alimentação e por fim marginalizados pela sociedade. No caso concreto, os motivos da negação iriam também mais pelo aspeto sentimental.

Com o processo abolicionista e consequente libertação de toda a escravatura a situação dos escravos começou-se a melhorar tendo em conta a nova ordem social. Nota-se que este processo aconteceu em todo o mundo segundo vários historiadores¹⁰⁷, desde da Revolução Americana (1776) e Francesa (1789), a abolição e proibição total da escravatura em Inglaterra (1773-1807), na Suécia (1813), na Holanda (1814), França (1815), Espanha (1817), Estados Unidos de América (1865), em Cuba onde essa abolição surgiu mais tarde ou seja em 1886 e no Brasil em 1888.

Para o Historiador João Lopes Filho “ao abolir o tráfico de escravos (1807) a Inglaterra arrastou Portugal para o centro do processo abolicionista”¹⁰⁸. Segundo Jeiza B. Tavares e Maria C. Maio, a Inglaterra “investiu na abolição da escravatura e no tráfico de escravos, pois apercebeu-se de que a África poderia constituir uma fonte fornecedora de matérias-primas e um excelente mercado para os seus produtos manufaturados”¹⁰⁹. Ainda, de acordo com essas autoras:

o combate pela abolição dos escravos levou várias décadas, com muitas denúncias sobre a brutalidade do tráfico e das horríveis condições de transporte, que provocavam a morte de muitos. Quem tinha uma oposição contrária à abolição eram os portugueses, os armadores, os marinheiros de barcos negreiros que justificavam que a manutenção dos escravos nas colónias tinha uma razão económica, pois constituíam a mão-de-obra para as plantações. Por isso, Portugal não aderiu logo à abolição do tráfico de escravos, porque, nesse período, uma boa parte da economia portuguesa dependia ainda desse comércio. Embora, em 1763, já se tivessem libertado os escravos nos arquipélagos da Madeira e dos Açores, só 1836 é aprovado o decreto abolicionista, que entra de fato em vigor em 1842¹¹⁰

Tavares & Maio, 2011, p.53

Fazendo fé nas prováveis datas apontadas da estadia de José Evaristo d'Almeida em Cabo Verde podemos afirmar que o autor do romance *O Escravo* viveu toda a turbulência dos últimos tempos do tráfico e da sua consequente abolição o que se demonstra pelo empenho em deixar

¹⁰⁷ (Rodrigues H. M., 1998, pp. 157-386); (Carreira, 2000, pp. 363-458); (Filho, 2006, pp. 23-111); (Furtado, 1993, pp. 41-58); (Barcellos, 2003, pp. vol.I, II, III e IV)e (Ferro, 1998, p. 23)

¹⁰⁸ (Filho, 2006, p. 35)

¹⁰⁹ (Tavares & Maio, 2011, p. 53)

¹¹⁰ Cláudio Alves Furtado diz que “apesar de o tráfico ter sido decretado em 1836 a abolição da escravatura em Cabo Verde só ocorrerá, efetivamente, 39 anos depois ou seja, em 1875”. (Furtado, 1993, p. 49)

transparecer essa imagem através da ficção e alusão a alguns acontecimentos (fatos) históricos como a revolta dos negros na ilha de São Domingos, o conflito entre os militares portugueses e os guineenses de Geba, etc.

A ação das personagens, criadas por José Evaristo no romance *O Escravo* deixa transparecer todo o tratamento desumano que o tráfico negreiro proporcionou à Humanidade em geral e em particular a Cabo Verde. Nenhum poder instituído nessa colónia (principalmente a igreja) padecia do tratamento infligidos a esses seres humanos ressaltando uma pequena intervenção do Bispo Pimentel na libertação da Júlia contra a vontade do sobrinho - Cláudio Pimentel (pág.203).

- A Língua Materna cabo-verdiana

A Língua Materna cabo-verdiana (o Crioulo) não é apenas um instrumento de comunicação, é também parte fundamental da Identidade cabo-verdiana, pois através dela que o povo cabo-verdiano exprime os seus sentimentos, as emoções, angústias, frustrações ou inquietações, desejos, maneira de estar e de sentir o mundo. De diversas formas e estilos, essa Língua-mãe eleva-se o país ao mundo com “nostalgia”, morabeza, simplicidade e ternura. Para Ísis Fernandes o termo Crioulo

surgiu no séc. XVI e tem sido definido de forma diferenciada por pesquisadores, o que pode justificar a existências de certas discrepâncias terminológicas e contrassensos entre as diferentes abordagens e definição”. Salienta-se que as polémicas em torno da conceção deste termo residem no fato de muitos linguístas não reconhecerem o Crioulo como uma Língua.”

Fernandes I. C., 2008, p. 17

Por esses e outros motivos, não será, à partida, tão fácil ter uma definição clara e consensual do “Crioulo” (Língua e povo!) dadas as enormes especificidades e subjetividades na sua conceção técnica e histórica. No que se refere aos dicionários¹¹¹ e sites consultados¹¹², o termo Crioulo é geralmente definido como “uma outra língua e que se torna língua materna”; “negro nascido no Brasil”; também “indivíduo que provém de países em que houve escravatura negra”, diz-se do “dialeto ou língua que resulta da evolução de uma língua de contacto entre colonizadores e povos autótones”; “Indivíduo que, embora descendente de europeus, nasceu em países originários da colonização europeia”; “Língua natural que resulta da mistura da língua autóctone em Cabo Verde” e “dialeto falado nas Ilhas”.

¹¹¹ In Dicionário da Língua Portuguesa (2004), Porto Editora.

¹¹²<https://certaspalavras.pt/qual-e-a-origem-da-lingua-cabo-verdiana/>

Para Manuel Veiga, o Crioulo de Cabo Verde “não pode ser um dialeto” tendo em conta a definição técnica que em linguística se dá ao termo “dialeto”. Para ele “todo o dialeto se caracteriza pela sua afinidade com a língua nacional e pelo seu âmbito sócio - geográfico restrito. A sua afinidade com a língua nacional faz com que ele seja “basicamente dependente daquela”. Entretanto o âmbito sócio – geográfico restrito faz com que ele seja prática linguística com certas características que lhes são próprias e peculiares”¹¹³.

Essa conceção técnica de Veiga, fundamentada no comunicado apresentado no Colóquio de 1979, (Iº Colóquio Linguístico sobre o Crioulo de Cabo Verde) leva-nos à conclusão de que um dialeto nunca pode ser uma língua nacional de um país e assim sendo a Língua cabo-verdiana como sendo a Língua Nacional, nunca pode ser um dialeto. Todavia, as explicações do linguista confrontam-se com as do narrador de *O Escravo* que, ao justificar a sua incapacidade nas traduções das falas das personagens em Crioulo, chamou Língua cabo-verdiana de um dialeto:

Tudo isto em crioulo: nós, porém não estamos senhores dessa linguagem a ponto de poder referir, no dialeto empregado pelos dois interlocutores, a conversação que vai ter lugar. Sentimo-lo pelo que respeita a Luiza; por quanto algumas das expressões dela não terão no português – que está ao nosso alcance – a força que no crioulo se lhes deve ligar.

Almeida J. E., nov.2016, pag.117

Essa incapacidade é revelada em outras passagens: “dissemos que lamentávamos não saber manejar a linguagem crioula quando tratamos de reproduzir as frases de Luiza; não nos acontece, porém, o mesmo no que respeita ao crioulo dos homens”¹¹⁴. Por isso, Manuel Veiga é crítico pelo fato de, na era da escravatura, o Crioulo ser considerado como “dialeto português falado em Cabo Verde”. De acordo com ele, isso demonstra um “certo complexo na assunção do Crioulo como uma língua plena como a portuguesa. Essa atitude residia na “mania” de colocar o português a um patamar de prestígio em relação a nossa língua”, finaliza Manuel Veiga.

Assim sendo, linguistas como Veiga ou Dulce Duarte defendem que o Crioulo é uma língua cuja formação se fez através de um processo de crioulização que teve lugar em tempos históricos e da qual se conhece as respetivas línguas de base. A conotação desta palavra como miscigenação originara as expressões “Língua crioula e Homem crioulo”. Nesta linha de ideias tanto o Homem cabo-verdiano como a sua Língua denominam-se para eles de “Crioulos”.¹¹⁵ E Manuel Veiga, um dos

¹¹³ (Veiga, 2000, pp. 63-66)

¹¹⁴ (Almeida J. E., nov.2016, p. 132)

¹¹⁵ (Veiga, 2004)e (Duarte M. D., 2003)

defensores da afirmação do universo linguístico do Crioulo cabo-verdiano, resumiu o nascimento dessa língua, a evolução e a maturação em quatro períodos distintos:

- Período Esclavagista;
- Período Nativista,
- Período Crioulista;
- Período Universalista.

Esses períodos descritos por Veiga mostram as fases de crescimento do Homem cabo-verdiano:

- O Período esclavagista (séc. XV a XIX) coincide com o nascimento da forma explicada anteriormente, ou seja, o nascimento e crescimento repentino do Crioulo que ameaçava a sobrevivência da Língua portuguesa, tendo as autoridades coloniais começado a pressão para impedir o desenvolvimento e maturação deste. A pressão, segundo esse autor, seria como “fertilizante que fortificou ainda mais as bases da resistência secular dando origem ao segundo período.

- O “nativista” (primórdios do séc. XX) que foi impulsionado por diversos acontecimentos, tantos em Portugal como em Cabo Verde a destacar: a entrada no Governo Português dos Republicanos, um regime que deixou marcas profundas nesse país e nas colónias, por este dominado nas primeiras décadas do séc. XX. Outro estímulo para o nativismo é o início do aparecimento de uma classe letrada em Cabo Verde fruto da implementação das primeiras escolas no país. Nessa linha de ideias destacamos a importante contribuição do Seminário Liceu - de São Nicolau na consciencialização e formação de uma elite que viria ser a “força impulsionadora inicial do nacionalismo cabo-verdiano dando um impacto muito grande para que cedo se aparecesse o Movimento Claridade (1936).¹¹⁶

Mais uma vez o Crioulo era desferido dos maiores ataques, classificando-o, segundo Veiga, como: “idioma perverso, corrupto, imperfeito, ridícula, composto monstruoso de antigo português e das línguas da Guiné, miscelânea sem regras de gramática e que constitui um atentado à unidade do império”¹¹⁷. Para David H. Almada, nesta fase, “os nossos poetas vão exercer uma defesa romântica com a utilização da Língua crioula nas suas composições, mesmo não tendo regras escritas”¹¹⁸. Essa defesa intransigente começou a dar corpo a uma resistência que nunca mais viria a baixar as armas. Nesta linha encontramos intelectuais que desenvolveram trabalhos de relevo, a saber:

¹¹⁶ (Brito-Semedo, 2006)

¹¹⁷ (Veiga, 2000, p. 81)

¹¹⁸ (Almada D. H., 2006)

- A. de Paula Brito, que foi o primeiro a apresentar uma proposta do alfabeto sistematizado, bem como os primeiros rudimentos da gramática do crioulo na 1ª metade do século XX. Neste mesmo passo, destacamos Napoleão Fernandes, com o seu *Léxico do Dialeto Crioulo de Cabo Verde*, Pedro Cardoso, poeta e escritor cabo-verdiano, com “*Noções Elementares de Gramática*”.

Eugénio Tavares¹¹⁹, compositor e poeta cabo-verdiano, com as suas mornas, levantaram bem alto a bandeira do Crioulo, mas ainda num mar muito agitado, onde a norma e o padrão linguístico, eram ditados única e exclusivamente pela gramática do colonizador. É assim que nascerá o terceiro período, precisamente a partir do nascimento da Claridade.

- O período “crioulista” que teve o seu lema centrado na promoção e a valorização do Crioulo cabo-verdiano. Tendo seu apogeu na revista Claridade (1936), fundada por Baltasar Lopes, Manuel Lopes, Jorge Barbosa entre outros, onde se destacam José Lopes, Eugénio Tavares e Pedro Cardoso como representantes, respetivamente da sedução clássica crioula e pan-africanista. Ideologicamente, a linha orientadora do grupo “Claridade” seria, “fincar os pés no chão” (ou seja, falar da terra que o germinou), explorar as raízes profundas da Identidade do Homem cabo-verdiano a partir de Cabo Verde, por isso o seu forte engajamento na Língua Nacional, como um dos fatores identitários mais relevante, fazia sentido.

Essa fase passará pela recuperação de tradições e músicas populares ou mesmo pela utilização literária do idioma falado nas Ilhas, o “Crioulo”. Tal atitude, nesse tempo, em tais circunstâncias, teria assumido, a forma de um protesto, desafio ou uma demonstração de força de uma língua enraizada na mente dos cabo-verdianos. Destacamos nesse período a publicação de dois trabalhos científicos muito importantes: *O Dialeto Crioulo de Cabo Verde*”, de Baltazar Lopes e *Cabo Verde: Contribuição para o Estudo do Dialeto falado no seu Arquipélago*, de Maria Dulce de Oliveira Almada. (décadas de 1950 e de 1960).

- O universalista é o último período descrito pelo linguista cabo-verdiano, aquele que coincide com as grandes mudanças a nível nacionais e internacionais e culminaram com a independência de Cabo Verde. De entre essas mudanças destacamos os movimentos literários e outros acontecimentos que sucederam a Claridade: o nascimento em 1956 do PAIGC, o início da Luta Armada de Libertação Nacional nas matas da Guiné Bissau, o enceramento compulsivo da Casa dos Estudantes do Império em Portugal, o Golpe de Estado em Portugal e muitos outros.

¹¹⁹ Com patrocínio do Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas a Biblioteca Nacional de Cabo Verde reeditou em 2017 grande parte do espólio de Eugénio Tavares em três volumes: 1º-*Poesia Contos Teatro*; 2º - *Viagens Tormentas Cartas Postais* e o 3º- *Pelos Jornais*.

Retomando o nosso objeto de estudo - romance *O Escravo* de José Evaristo d'Almeida – onde o narrador faz diversas referências, direta e indiretamente, a Língua crioula durante várias passagens o que premeia a sua valorização e uma clara demonstração tanto do valor literário como da importância na afirmação identitária desta no arquipélago: (diálogo entre João e Luíza)

- Quem é bô? (Quem és tu?).

Ninguém lhe respondeu; repetiu a pergunta, e uma voz de mulher proferiu um “é mim” (sou eu) quase imperfectível.

- Mim quem? - replicou João aproximou-se.

- A mim Luísa.

-Tu?... Mas que fazes aqui a estas horas? Porque deixaste o quarto da senhora?

Porém, tu choras? Que é isto Luísa, quem motiva seu gosto?

Almeida J. E., nov.2016, p.117

Outro exemplo do emprego do idioma cabo-verdiano no romance aconteceu na cena do batuque. Aqui não há qualquer expressão citada em Crioulo, mas a explicação do narrador de que o diálogo ter-se-ia passado em Crioulo mostra essa utilização, principalmente pelos escravos: “Ó Cacilda, os teus convidados demoram-se bem. Isto disse em crioulo fundo a voz áspera de um escravo, com evidentes sinais de enfado¹²⁰”. Numa outra passagem o narrador mostra a diferenciação da utilização do Crioulo entre os homens e mulheres, sendo elas com maior performance no seu manuseamento:

O crioulo passado por femininos lábios toma uma expressão doce, agradável, terna e própria a revelar o mimo, a ingenuidade e a meiguice da alma; porém, nas bocas masculinas, ela – não só perde toda a graça – senão que se torna ridícula, se acaso – com a afetação – o homem buscar dar-lhe uma suavidade, que, ainda assim, ele não pode prestar-lhe [...]

Almeida J. E., nov.2016, p.132.

Nesses trechos de conversa não se nota a utilização da Língua crioula pelos brancos, mas vê-se que eles a entendiam bem, embora, como disse anteriormente, tivessem dificuldades na sua total tradução para a língua portuguesa.

¹²⁰ (Almeida J. E., nov.2016, p. 131 e 132)

- A Igreja na formação da Identidade cabo-verdiana

De acordo com Maria J. Rodrigues, a Igreja esteve presente desde o nascimento de Cabo Verde, ou seja, acompanhou a descoberta e o progressivo povoamento das ilhas e todo o evoluir histórico por que passara, edificando igrejas¹²¹, capelas e nomeando missionários para acompanhar, evangelizar e converter população¹²². Igualmente, para Jeiza B. Tavares e Maria C. Maio, “os representantes do poder político, os senhores das terras e os comerciantes eram crentes devotos do catolicismo” e também “a população urbana era na quase totalidade católica, os escravos tinham sido convertidos em praticantes e os restantes estavam doutrinados”¹²³.

António Brásio citado por Maria de Jesus Nobre Rodrigues afirma que, [...] “à medida que as ilhas iam sendo povoadas, a assistência religiosa, embora quase sempre precária, não deixou de acompanhar o povoamento”¹²⁴. Segundo a autora “foi a ilha de Santiago o espaço onde, por razões óbvias, terá iniciada a política evangelizadora, ainda na segunda metade do séc. XV”. Fato comprovado partindo da opinião de Maria E. Santos e Maria J. Soares:

[...] entre as novas sedes de poder eclesiástico, contava-se Santiago de Cabo Verde. A primeira de uma série de bulas que sai da chancelaria papal no sentido de legislar esta nova situação é precisamente a bula *Pro Excellentí Praeeminenta*, de Clemente VII. Esta cria a nova Diocese sob o título de Santiago, com assento no pequeno burgo da Ribeira Grande.

Santos & Soares, 1997, p. 62

Ainda, a mesma autora referiu que, “com o decorrer do tempo, Ribeira Grande tinha adquirido um certo número de características urbanas essenciais que levaram o rei D. João III a solicitar ao Papa a criação da Diocese de Santiago, com sede nesta cidade” e que com essa criação (Bispado para Cabo Verde), Ribeira Grande é elevada a categoria de cidade. Com a Diocese viriam novas estruturas urbanas, nomeadamente, a Sé e um conjunto de edifícios adjacentes, e um “corpo de clérigos e dignidades, cuja criação era inerente” e citando Maria Santos Emília e Maria João Soares: “Cabo Verde vê o seu peso político-administrativo reforçado, através da sua dotação com mais uma cobertura institucional, que abria à população deste jovem burgo novas vias de comunicação com as

¹²¹Citando Neusa M. de Barros Amarante “Muito cedo para garantir a presença do cristianismo nas ilhas iniciaram as construções dos edifícios religiosos, Igrejas e Capelas nas diferentes ilhas. Em 1508 encontrava-se construída a Igreja de Espírito Santo, na Ribeira Grande e posteriormente edificou-se a Igreja de S. Felipe. Em 1526, edificou-se a capela-mor da Igreja de Nossa Senhora da vila de S. Maria (Amarante, 2006, p. 21).

¹²² (Rodrigues M. J., 2006, p. 7)

¹²³ (Tavares & Maio, 2011, p. 51)

¹²⁴ (Rodrigues M. J., 2006, pp. 8,9).

autoridades políticas e eclesiásticas reinóis.”¹²⁵. Tudo isso, segundo as autoras, “terá reflexo em todas as ilhas do arquipélago uma vez que a Diocese introduziu uma nova dinâmica no enquadramento religioso das populações”. De salientar que os escravos “eram obrigatoriamente batizados para a sua salvação da alma”¹²⁶.

Nesse período, aos olhos dos portugueses e outros europeus, os homens que habitavam nas Ilhas de Cabo Verde “encontravam-se num estado de selvajaria, entregue as práticas gentílicas, herdadas dos antepassados negros, sem (ou quase sem) religião, indolente, pobre, preguiçoso, amigo de aguardente, imoral, e que não se sabe desenvolver, [...]”¹²⁷

Ainda, para este estudioso que fez um trabalho denominado “*Catolicismo cabo-verdiano: Retratos da vida religiosa dos cabo-verdianos nos textos portugueses (1784-1844)*”, os autores dos textos analisados classificavam os cabo-verdianos e outros povos africanos como povos “supersticiosos, retardados e incivilizados”. Para eles, os cabo-verdianos adotaram o catolicismo a realidade cabo-verdiana, “integrando os rituais cristãos católicos recebidos dos europeus e os elementos das religiões africanas, recebidos dos africanos, numa mesma cosmologia”. Por isso, segundo eles, os cabo-verdianos deviam receber com mais rapidez uma educação europeia com base nos princípios do catolicismo europeus com vista a sua “domesticação”.

Por outro lado, na expansão do catolicismo teve um papel fundamental, a instalação ou fundação do Seminário Liceu da ilha de S. Nicolau, por D. José Alves Feijó, bispo da Diocese, funcionando esta ilha como Sede do Poder Eclesiástico e Judicial desde 1866, fazendo passar por Cabo Verde muitos intelectuais vindos da Metrópole, seminaristas, padres etc.¹²⁸. Na expansão da fé católica pelas ilhas de Cabo Verde devemos salientar também o papel dos Jesuítas¹²⁹ que contribuíam para “catequese das crianças e dos escravos passando pela confissão dos pecados”. Ainda no campo social prestavam especial atenção ao consolo e pedindo esmola para os moradores, e combatendo “a feitiçaria e superstições”¹³⁰.

¹²⁵ (Rodrigues M., 2006, pp. 10)

¹²⁶ (Tavares & Maio, 2011, p. 51) e (Carreira, 2000, pp. 160-261)

¹²⁷ (Santos D., 2012, pp. 101-114)

¹²⁸ (Brito-Semedo, 2006, pp. 142-143).

¹²⁹“Os Jesuítas Iniciaram as suas missões em Cabo Verde em 1604 e permaneceram até 1642” (Amarante, 2006, p. 23)

¹³⁰ (Amarante, 2006, p. 23)

Nessa altura, os escravos que assimilavam melhor a cultura europeia e batizados¹³¹ eram os mais caros e denominados de “ladinos”¹³² pois, escutavam e executavam melhor as tarefas dos seus senhores. Os recém-chegados eram chamados de “boçais” pois, eram considerados selvagens¹³³.

No romance *O Escravo*, a Igreja não condenava a escravatura, tendo o Bispo Pimentel os seus escravos. A personagem Júlia, ao contar a sua própria história, revelou-se que o Bispo colaborou na sua libertação: “O Bispo fitou em mim um olhar de cólera; mas em breve seu rosto serenou-se [...] fez nascer no seu peito um sentimento de piedade” e prosseguiu na sentida narração com palavras do Bispo “ [...] Cristo sofreu mas, e contudo abençoou os seus algores”¹³⁴. Essas passagens mostram que o Bispo, mesmo sentindo pena da Júlia, aconselhou-a, indiretamente, a perdoar os seus “carrascos” como Jesus fez com aos seus.

Outro momento que mostra a forte herança do catolicismo em Cabo Verde é revelado pela grande religiosidade de Maria ao aclamar Deus num momento de aperto emocional e sentimental: “Maria ao observar a enorme ferida do escravo, soltou um grito de pungente aflição. Meu Deus! Meu Deus!”¹³⁵.

- O romance *O Escravo* no contexto literário português: o Romantismo

O Romantismo foi um movimento artístico, intelectual e filosófico que surgiu na Europa no final do século XVIII e, na maioria dos locais, atingiu seu ápice na metade do século XIX. Foi encarado como uma nova maneira de se expressar, enfrentando os problemas da vida e do pensamento. O comportamento romântico caracterizava-se pelo sonho, pelo devaneio, por uma atitude emotiva e subjetiva diante das coisas. Afinal, o pensamento romântico vai muito além do que podemos ver ou seja, procura desvendar o que estamos sentindo. Este movimento não conta, faz de conta, idealiza um universo melhor, defendendo a idéia da expressão do eu-lírico, onde prevalece o tom melancólico, falando de solidão e nostalgia, semelhantes ao sentimento transmitido pelas mormas

¹³¹ O não batismo dos escravos tanto podia incorrer numa penalização para os senhores como para os escravos uma vez que, os objetivos das autoridades passavam para além de “domesticar” esses seres humanos, numa atitude de desprezo, ter mais lucros nas suas vendas, como também expandir a religião, a cultura e os costumes da metrópole.

¹³² Escravos já instruídos na língua, nos costumes, na religião, nos serviços e obediência aos senhores.

¹³³ O João, protagonista do romance *O Escravo*, enquadra-se na categoria de “escravos ladinos” pois recebeu uma educação de base portuguesa dada por Maria. Já a Júlia, enquadra-se no grupo dos “boçais”, embora, aparentemente, apresenta-se com uma rica sabedoria popular.

¹³⁴ (Almeida J. E., nov.2016, p. 203)

¹³⁵ (Almeida J. E., nov.2016, p. 235)

do poeta e trovador, o mais carismático criador da morna cabo-verdiana, Eugénio Tavares, como escreveremos no capítulo III.

Na literatura, o movimento romântico era caracterizado por diversas formas de estilo, entre as quais o individualismo, o subjetivismo, o sentimento exacerbado, o egocentrismo, a idealização, o mediavalismo, a interação da natureza com o eu lírico e o contraste entre o grotesco e o sublime.

Na arte, ele acaba por se confundir com o Neoclassicismo sendo a diferença que, o romantismo observa o mundo exterior de forma subjetiva, no caso do Neoclassicismo, essa observação é objetiva. Na literatura, assistimos o nascimento do Romantismo em finais do século XVIII. No entanto, nas artes e na política, ele surgiu apenas na década de 1830, em grande parte devido a algumas condicionantes tais como a Guerra Peninsular, a fuga da Família Real para o Brasil e a independência do Brasil.

No princípio, o movimento romântico não passava de uma atitude, a vontade de contrariar os ideais racionalistas e iluministas por impor as suas próprias ideias, normalmente as liberais. Mas, com o passar do tempo, acabou por tornar-se num movimento que centrava a atenção das pessoas, no homem como sendo centro do mundo. O autor passa a ter liberdade para expressar as suas vontades e desejos, falar sobre dramas e amores trágicos, tornando tudo subjetivo e lírico.

De acordo José António Saraiva e Óscar Lopes, a época romântica em Portugal se subdivide em três estágios: Primeiro Romantismo (1825-1850); Ultrarromantismo (1850-1860) e Terceiro Romantismo (1860-1865).¹³⁶ No primeiro, o autor guiava-se pelo lirismo, pelo subjetivismo e pelo sonho. Procurou-se glorificar heróis do passado e contar histórias medievais que engrandeciam a nação. Além disso, o artista usava a mulher como musa inspiradora. A mulher ideal era um objeto que deveria ser observado, desejado, venerado, mas que nunca poderia ser tocado. Teve como principais marcas a publicação em 1825 – do poema *Camões*, de Almeida Garrett¹³⁷, o nacionalismo e a historicidade. No segundo estágio, o autor passa a ser tocado por um certo pessimismo, pela religiosidade e pelo naturalismo. A mulher deixa de ser intocável, passando a ser um objeto que pode

¹³⁶ (Saraiva & Lopes, 2001)

¹³⁷ Almeida Garrett. teve uma vida sentimental bastante atribulada em que se sobressai o seu romance adúltero com a viscondessa da Luz, a qual inspirou seus melhores poemas. Na poesia, assimilou os moldes clássicos e morreu sem tornar-se romântico autêntico, pois carecia do egocentrismo tão almejado pelos românticos, deixando sua fantasia no teatro e na prosa de ficção. Escreveu *Camões* (1825), *Dona Branca* (1826), *Folhas Caídas* (1853), *Viagens na minha terra* (1846), entre outros. Fontes:

- Unidade Curricular: Literatura Portuguesa/História da Literatura Portuguesa /Instituto Universitário de Educação /Curso de Complemento de Licenciatura em Ensino da língua Portuguesa & Estudos Cabo-verdianos - elaborada por Ana Eunice Araújo, 2012.

- https://www.ebiografia.com/almeida_garrett acesso em 19 de novembro de 2019, pelas 23h e 10 min.

- <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/viagens-na-minha-terra-resumo-da-obra-de-almeida-garret> acesso em 19 de novembro de 2019, pelas 23h e 56 min.

ser alcançado. No entanto, o autor nunca atinge a felicidade. Foi marcado pelo movimento revolucionário Maria da Fonte, regeneração, tédio, melancolia, morbidezas, temas fúnebres etc. Já no terceiro e último estágio, o autor passa a ser realista, fala sobre coisas reais e enfatiza os males da sociedade, muitas vezes de forma irónica, para dar a conhecer a todos as reais fragilidades da sociedade. A mulher ideal como musa inspiradora passa a ser alguém a quem o comum dos mortais poderá aceder.

Provavelmente, e tendo em conta a conjugação de datas e o estilo de escrita de José Evaristo d'Almeida, estes autores tenham exercido influências no estilo de escrita do autor de *O Escravo*, pois, e de acordo com Alberto Lopes, este escritor “monta uma intriga em torno de um amor impossível entre um escravo negro e a sua senhora mestiça concebido nos moldes do Romantismo da época”¹³⁸.

Alberto Lopes afirma ainda que, mesmo admitindo como possível a influência, de *Bug - Jargal*, de Victor Hugo (um romance de 1826), na afirmação do estilo romântico de Evaristo d'Almeida, não se pode contestar o pioneirismo romântico do autor de *O Escravo* no contexto das Literaturas de Língua portuguesa. José Evaristo ao escrever este romance deixa transparecer características românticas como o amor / paixão pela natureza através da descrição pormenorizada das paisagens, a denúncia dos problemas sociais da época, os sentimentos amorosos de todas as personagens, bem como a tragédia pela morte coletiva, ou do herói (João) ou mesmo a sobrevivência simbólica da heroína e bela (Maria).

Outra característica do Romantismo presente no romance *O Escravo*, é demonstrada na importância dada a natureza, pela descrição pormenorizada do “sítio de B” onde desenrola a maior parte das ações das personagens. As plantas introduzidas e a sua comparação com uma quinta europeia ou mesmo outros locais em Cabo Verde dão-nos uma imagem romântica nesta descrição de José Evaristo. Neste sítio, devido a essa descrição exótica e romântica feita por José Evaristo d'Almeida, levou a que Manuel Veiga o caracterizasse como “ Identidade ambiental no romance *O Escravo*”¹³⁹.

Realçamos outras características românticas presentes no romance *O Escravo* como a receção e visita guiada de apresentação da paisagem, feita por Maria, acompanhando do Lopes, bem como todo o perfume dos jardins. Esses últimos são símbolos do romantismo e associam-se á beleza, á alegria, á pureza da alma, á felicidades e ajudam os cabo-verdianos na sedimentação da sua morabeza e hospitalidade. Raras são as casas onde não se têm um jardim em Cabo Verde. Representam sítios

¹³⁸ (Lopes A. F., 2010, p. 11).

¹³⁹ (Veiga, 2006, p. 65).

onde as pessoas transmitem alegria e dão as boas-vindas aos visitantes e os recebem com cheiro agradável e natural. Era tão grande a importância dada aos jardins que, Maria, no início da narrativa ficou radiante ao ver João cobrir as florzinhas com folha de bananeira para evitar que as chuvas os matassem.

Como descrevemos anteriormente, o autor / narrador de *O Escravo* destacou alguns sítios românticos como a Cidade velha, o Pelourinho e muitos outros. O primeiro é outro sítio romântico descrito pelo narrador, de grande simbolismo espiritual e humano para o povo cabo-verdiano - berço da cabo-verdianidade. Neste espaço praticavam, para além de outras, as torturas aos escravos e a ladinação. Evaristo d'Almeida descreve o Pelourinho como sítio de castigos: “neste contexto o Pelourinho refere-se ao mercado. Mas, no início, designava um elevado tronco levantado quase sempre numa praça pública onde escravos e criminosos eram amarrados e chicoteados”¹⁴⁰.

Retomando aos traços do romantismo realçando que, para além da beleza do “sítio de B”, Cidade Velha ou o Pelourinho, o autor / narrador destacou o sítio “Ao pé da Calabaceira”, espaço / símbolo do romantismo, como referimos anteriormente, o mais importante de todos porque é aqui que o Lopes, fugindo com a bela Maria, trava uma luta mortal com o João (o herói) e este acaba por morrer”¹⁴¹. Neste espaço aconteceu, para além da tragédia, a última cena romântica testemunhada pelas palavras sentidas na despedida de João em direção a Maria e o único e último beijo de Maria ao João”¹⁴². Um beijo romântico, tipo da tragédia que colocou o fim de uma vida de sofrimento / paixão por amor proibido por questões raciais.

Outro traço do romantismo é a preferência pelo tema da Morte. Esta é simbolizada em três formas e momentos diferentes pelo narrador de *O Escravo*: primeira, por doença - a morte prematura do irmão da Maria deixou a família Pimentel mergulhada em sofrimento logo no início da narrativa (pág.97). Esta situação provocou a primeira mudança de planos na narrativa, já que o espaço afetivo deixado vazio em Maria passou a ser “ocupado” por João, por sinal, uma vítima do irmão. A segunda, morte por assassinato do escravo Luís (amante da escrava Júlia) demonstrou a crueldade com os escravos perpetuada pelos colonizadores. Por último, a da Júlia, João e Luísa, são três casos similares que constituem a chamada “morte coletiva”, uma característica da tragédia. A Júlia, aprisionada pelas recordações de sofrimento tanto psicológicos como físicos, encontrou na morte um alívio. João, por sua vez, viu salvo do sofrimento amoroso, mas pôde no último suspiro da vida realizar o seu sonho -

¹⁴⁰ (Almeida J. E., nov.2016, p. 154)

¹⁴¹ (Évora, 2006, p. 46)

¹⁴² (Almeida J. E., nov.2016, pp. 235, 236)

beijar a sua amada Maria. Quanto a Luiza morreu ao lado da sua paixão eterna, no desespero de poder ainda ver o seu desígnio realizado, mas cumpriu um último desejo - ser enterrado junto ao João.

- Resumo de outros fatores identitários cabo-verdianos no romance

| Fatores identitários cabo-verdianos | Cap. | Descrição segundo o romance <i>O Escravo</i> |
|--|------|--|
| <p>- Cartas</p> <p>Cartas são dos meios de comunicação mais antigos onde os familiares costumavam dar notícias, informações e “matar saudades” dos entes queridos.</p> <p>Era um motivo de alegria quando as cartas chegavam em casa pois, reunia a família e, em silêncio, ouvia atentamente, a sua leitura.</p> | III | <p>Cartas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ao chegar em casa da família Pimentel, o Lopes entregou a Mariana e Maria uma carta escrita por um amigo de Cláudio Pimentel em Portugal que tinha como destinatário o Cláudio (pág.105). Nesta carta vinha uma série de recomendações para o Cláudio (pág.106). Depois de lida em voz alta pela Maria, o Lopes foi aceite na casa com toda a “amizade” pelas duas em representação do marido e pai (pág.107). - Maria e o pai (Cláudio Pimentel) trocavam cartas familiares, não só para “matar as saudades” como para dar notícias. Numa dessas cartas, Maria contou ao pai a atitude de Lopes que colocou em perigo a sua honra e dignidade e o pai retribuiu-lhe falando sobre o valor do amor. |
| <p>- Sítios simbólicos, históricos e românticos</p> | I | <p>Sítios simbólicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Destacamos, a casa do Senhor Cláudio Pimentel no sítio B onde desenrolam-se as primeiras cenas do romance (pág.87) bem como uma casa na Vila da Praia (o batuque) onde os escravos se reuniam e faziam batuques, festas e divertiam ouvindo histórias. <p>Sítios históricos e românticos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ao pé da Calabaceira “Espaço símbolo do romantismo, talvez o mais importante de todos porque é aqui que o Lopes, fugindo com Maria, trava uma luta mortal com o João e este acaba por morrer”¹⁴³ (morte do herói-uma característica do romantismo). - Neste espaço aconteceu, para além da tragédia referida, a última cena romântica: as palavras sentidas da despedida de João em direção a Maria e o único e último beijo de Maria ao João (pág-236). - O herói morreu neste espaço com o sonho realizado no último suspiro de vida. |

¹⁴³ (Évora, 2006, p. 46).

| | | |
|--|-------------------------------|--|
| | <p>X e XI</p> | <p>- Sítios históricos:</p> <p>- São mencionados embora com pouca relevância: Cidade Velha, Ponta do Sol, Ribeira grande em Santo Antão com a Igreja Matriz, o Pelourinho em Santiago, Paços do Concelho na Vila da Praia, Santa Catarina, Fogo (pág.154).</p> <p>- Outros espaços: Monte Vermelho, Taverna do Tio Tesoura, Vargem da Companhia, Quartel, Fonte Ana, Achada de São Pedro, Monte Tagarro, Ponta da Boavista, Monte Faxo, Boa Entrada, Ponta Temerosa.</p> |
| <p>- Casas históricas:</p> <p>- Cabanas, furnas, choças, casas com jardins e terreiros.</p> <p>- Espaços Sociais</p> | <p>I</p> <p>III</p> <p>IX</p> | <p>Casas históricas: - A casa da família de Cláudio Pimentel assemelha-se a um sobrado¹⁴⁴ da época pelo seu papel na narrativa. (Pág.116)</p> <p>- As choças também foram habitações para os escravos como escreve Evaristo d'Almeida (pág.220)</p> <p>- Casa do Sr. Miguel Coelho Gomes onde realizou-se o casamento da Margarida com Manuel Dias Annes (pág.133)</p> <p>- Casa do Prefeito da Cidade (pág.214)</p> <p>Espaços Sociais:</p> <p>- O autor do romance <i>O Escravo</i> deixou transparecer a casa do Cláudio Pimentel como um espaço social para os não escravos embora, para Luiza e João este simbolizavam espaço de trabalho.</p> <p>- Aos escravos reservaram-se para além do batuque como espaço de reunião e convívios onde faziam as suas festas e contavam as suas histórias, as choças ou Funcos onde moravam. (pág.220). No batuque também frequentavam os não escravos. Foi ali que o Lopes ouviu uma história e de imediato planeou o ataque a cidade.</p> <p>- Outros espaços sociais são mencionados como Tabernas do Tio Tesoura (pág.154) e botequins que eram frequentados por militares e outros. Também temos espaços que não podem ser considerados, na totalidade, sociais, mas que desempenham um papel importante em alguns aspetos da narrativa: casa do Prefeito Manuel António Martins, a Igreja Matriz, os sítios de castigos, o pelourinho da Vila da Praia, a Cadeia, casa da Câmara, bem como a casa do Sr. Miguel Coelho Gomes. Esta, pelo</p> |

¹⁴⁴Sobrados - Na afirmação de Monique Weidmar, “Essas casas têm referência histórica, já que marcavam a diferença entre as classes sociais, tendo em conta, que as mesmas eram habitadas por pessoas mais abastadas de então”. Segundo a autora “eram habitações que serviam não só para demarcar classes sociais, mas também para indicar riqueza pessoal” e também “a maioria dessas casas está localizada na cidade de São Filipe, por sinal o primeiro nome dado a ilha do Fogo” In Sobrados - Uma herança histórica de Cabo Verde in <https://www.voaportugues.com/a/article-05-10-2011-sobradoscaperde-voanews-121566224/1260214.html> acesso em 8/4/2020.

| | | |
|--|---------------------|---|
| <p>- Histórias tradicionais</p> <p>Fazem parte das tradições orais cabo-verdianas. Antigamente, ocupavam muitas horas, principalmente, no período de tarde onde as pessoas descansavam nos jardins de casa. As histórias tinham um valor pedagógico, uma vez que, para além de transmitirem como viviam os antepassados, serviam como forma de educação baseada em boas maneiras e terminavam com uma lição ou ensinamento.</p> | <p>I</p> | <p>Histórias tradicionais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Na narrativa as principais personagens contam as suas próprias histórias de vida, (Maria, Luiza, João e Júlia). - As histórias tradicionais contadas por pessoas mais velhas, principalmente no batuque serviam para que transmitissem ensinamentos ou sabedorias populares aos mais novos como fez o velho Domingos ao contar a história intitulada GOMESEANNE (pág.132 e133). |
| <p>- A educação e as principais personagens (síntese)</p> | <p>II</p> <p>VI</p> | <p>Maria:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A sua atitude em toda a narrativa mostra que recebeu uma boa educação caseira dada pelos pais. <p>Cláudio:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O narrador descreve-o como bom pai e bom marido, sempre atento a família e a educação da filha (pág. 96). <p>Mariana:</p> <ul style="list-style-type: none"> - É classificada como uma boa mãe. Mesmo tendo pouca ação na narrativa apresenta zelosa á família. <p>Margarida:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apesar de ser confinada as quatro paredes da casa, com vigia da família, o narrador afirma que recebeu uma educação de freira, ou seja, de base religiosa. (pág.133) <p>João:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A instrução que Maria deu ao João tinha como base as boas maneiras europeias (págs.97 e 98). Esse demonstra uma capacidade inata e uma obediência a Maria e as outras pessoas. <p>Lopes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A sua ação na narrativa mostra que é uma pessoa, conflituosa, cruel e gananciosa. <p>Júlia:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atendendo a sua condição, assemelha-se a uma pessoa rebelde, provocada pelas circunstâncias ao longo da vida, mas, muito respeitada no seio dos escravos. |
| <p>- Bênção</p> <ul style="list-style-type: none"> - pedir bênção aos pais, familiares e pessoas mais velhas é um ritual que as pessoas das comunidades rurais tentam ainda preservar. | <p>II</p> | <p>Bênção:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Este ritual que consiste num gesto de beijar a mão dos familiares para que estes nos abençoem era e contínua a ser uma tradição cabo-verdiana. Simboliza o respeito e consideração para com os nossos familiares / queridos mais velhos. Assim fez Maria á mãe ao chegar á casa. (pág.99) |

| | | |
|--|----|--|
| <p>- Formas tradicionais de cumprimentar</p> | | <p>Formas tradicionais de cumprimentar:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O João, ao caminhar pelos montes a procura da sua mãe Júlia, parava constantemente, no caminho para cumprimentar as pessoas que o encontravam, num claro sinal de respeito e consideração. - Outros destaques: os cumprimentos entre os “vadios” que habitavam nas montanhas da ilha de Santiago (pp172 e 173). |
| <p>- As formas de pentear, vestir e calçar são as que sofreram mais modificações ao longo dos tempos fruto da globalização.</p> | II | <p>No romance o narrador fala em “lisar cabelo, roupão de chita, sapato de pelica preta” e meia de linha” (pág.101).</p> |
| <p>- Amizade</p> | V | <p>Apesar da diferenciação social, no romance deixa transparecer uma profunda amizade entre personagens como a de João, Maria e Luiza e entre outros escravos.</p> |
| <p>- Sinais da subalternização</p> | VI | <p>Casa com pouca luz, pouco decente, principalmente as choças e funcos onde habitavam os escravos mostram a dura realidade em que viviam a classe da escravatura.</p> |
| <p>Carta de alforria</p> <p>- João</p> <p>- Júlia</p> | | <p>- A carta de alforria teve sentimento divergente entre as personagens João e Júlia.</p> <p>João:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O autor / narrador quis demonstrar que, nem sempre a carta seria bem-sucedida ou tinha importância para os escravos pois, esta era vista pelo João como uma forma de o afastar da sua amada Maria pela qual viveu toda a vida “escravizado” por um amor impossível e previa dificuldades em adaptar a nova vida social por causa da sua anterior condição de escravo. <p>Júlia:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Para a Júlia, foi vista como um alívio aos maltratos que estava a ser infligida pelo seu senhor. |
| <p>- Gastronomia:</p> <p>- O Milho e outros produtos</p> <p>O milho é a base da alimentação em Cabo Verde. Tem um simbolismo e um significado de extrema importância para os cabo-verdianos. Todos os cabo-verdianos esperam pela vinda das chuvas para lavrar a terra na esperança de ter este bem precioso. Associados ao milho temos poemas, cantigas de sementeira, monda, afugentar pardais, corvos etc.</p> <p>Existem outros rituais como “dia de lua cheia ou dia de chuva”. Esses rituais com variações de ilha para ilha já perderam um pouco da sua</p> | VI | <p>O Milho:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A simbologia do milho para os cabo-verdianos está retratada no romance <i>O Escravo</i> onde, na mesa de um acontecimento muito importante, (casamento entre ricos) não faltava a cachupa, mesmo que seja destinada aos escravos e forros (pág.135). Associados ao milho temos vários pratos típicos, fatos históricos, utensílios de enorme simbolismo, cenas do quotidiano, animais daninhos e muitas peripécias / histórias como em guarda aos corvos e pardais, sementeira, monda e remonda, apanha e conserva do milho. Este servia até para pagar os trabalhos da feiticeira Júlia. <p>Outros produtos:</p> |

| | | |
|---|-------------|---|
| <p>originalidade, mas continuam vivas na memória identitária dos cabo-verdianos¹⁴⁷.</p> | | <p>- São mencionados: banana, mandioca, batata, feijão cocos... (pág. 126). Esses ocupam-se um lugar de destaque tal como o milho na gastronomia cabo-verdiana que, a par de outros fatores identitários sofreu algumas modificações ao longo dos tempos tanto pelas influências da emigração e do turismo, como dos meios de comunicação e da globalização.</p> |
| <p>A revolta do Lopes e suas tropas Antes de explicar a revolta perpetrada pelo Lopes, o narrador clarificou que tudo o que iria contar era verdade o que reforça a tese de que o romance <i>O Escravo</i> é um romance histórico: “E não cuide o leitor ser isto que pura ficção de romance; nem tão pouco creia haver poesia na descrição que temos feito: por quanto infelizmente tudo aconteceu como deixamos relatado” (pág.217).</p> | <p>XVII</p> | <p>A revolta do Lopes e suas tropas: - O Lopes com as suas tropas saquearam a cidade, levando dinheiro, joias e tudo que encontravam. De acordo com José Evaristo d'Almeida “o saque começou com todos os excessos de que é capaz a soldadesca desenfreada”. A alfândega foi arrombada, fazendas e dinheiro tudo caiu em poder dos “sublevados” (pág.218).</p> |

Quadro 01: Resumo de outros fatores identitários cabo-verdianos no romance *O Escravo* de José Evaristo d'Almeida
Fonte: Almeida J.E. 2016 (Edição crítica).

¹⁴⁷ (Osório O. , 1980, p. 19)

CAPÍTULO III

3.1- UMA PROPOSTA DE LEITURA DA LITERATURA DE DENÚNCIA OU DE INTERVENÇÃO SOCIAL EM CABO VERDE

Ao longo dos tempos, o Cabo-verdiano tem resistido ao sofrimento e as agruras da escravidão, da pobreza, da seca, da emigração livre e forçada, do isolamento, das desigualdades e preconceitos sociais, dos abusos de autoridades, do abandono das ilhas, da miséria, da prostituição entre outras, manifestadas em diversas formas de produção artístico-culturais “iniciadas” com a publicação do romance *O Escravo* de José Evaristo d'Almeida, passando por muitas outras produções artísticas-culturais ao longo dos tempos. Isto demonstra o pioneirismo de José Evaristo d'Almeida ao escrever este romance dando voz, como referimos anteriormente, aos próprios sofredores e assim, deixar marcas deste período e a demonstração da luta dos cabo-verdianos na construção e afirmação da sua própria Identidade. Esta obra de ficção de Evaristo d'Almeida, publicada pela primeira vez em 1856, permite fazer uma ligação entre o sofrimento do povo com a construção de uma sociedade e uma cultura próprias do Povo cabo-verdiano que Onésimo Silveira classificou, de forma irónica, como “uma experiência romântica nos trópicos liderados pelos portugueses”¹⁴⁸

Assim sendo, estas produções artísticas-culturais ajudam-nos a entender muitos acontecimentos ocorridos no passado e explicar os meambros da formação desta Nação. Após a análise de *O Escravo*, no capítulo anterior, escolhemos para este, alguns textos elucidativos para uma modéstia proposta, com a finalidade de, não só auxiliar os estudantes na sua leitura e compreensão, como ajudá-los no entendimento da trajetória de vida dos cabo-verdianos.

Para isso, fazemos uma pequena viagem¹⁴⁹ por essa literatura. Longe de uma análise aprofundada de géneros literários, propomos um breve olhar sobre essas obras / autores bem como os fatores identitários referidos nessa literatura, com ajuda de trabalhos científicos e ensaios de autores e académicos cabo-verdianos. Em síntese o percurso guiar-se-á por essas três etapas diferentes, priorizando os seguintes autores:

3.1.1 - Pré-Claridade¹⁵⁰ - Eugénio Tavares

¹⁴⁸ (Silveira O. , 2005, p. 4).

¹⁴⁹ A palavra “viagem” é tomada por empréstimo de Manuel Brito-Semedo. (Brito - Semedo, 1998, p. 3)

¹⁵⁰ Os Pré-Claridosos são denominados por Brito-Semedo como “Os Pais dos Claridosos” (Brito - Semedo, 1995, p. 17)

3.1.2 -Claridade¹⁵¹ - Baltasar Lopes e Manuel Lopes

3.1.3 - Modernismo - Evel Rocha, Ovídio Martins, Onésimo Silveira e Renato Cardoso

3.1.1- Pré-Claridade

O período Pré-Claridoso, que vai dos primórdios da literatura cabo-verdiana aos anos 30, é caracterizado por ser um discurso decalcado do português vernáculo, com José Lopes, Januário Leite, Guilherme Ernesto, por um lado, e por um discurso em crioulo castiço, com Eugénio Tavares e Pedro Cardoso, por outro. A literatura produzida por estes poetas, quase toda publicada no Almanaque de Lembranças luso-afro-brasileiros e nos jornais de Cabo Verde, não apresenta novidades linguísticas, pois é influenciada pelo romantismo e pelo simbolismo português, sendo a norma linguística seguida a de Portugal, quase nunca contaminada por qualquer interferência do Crioulo ou por aspetos novos que o português oral ia adquirindo.

Brito-Semedo, 1998, p.2

A citação transcrita remete-nos subjetivamente, para “esquecimento” do romance *O Escravo* que inaugurou este período literário, embora com características diferentes dos Pré-Claridosos que, segundo o referido ensaísta, escreviam também com influência do romantismo Português (3ª fase). Alguns acontecimentos empurraram o período Pré-Claridosos como: a Criação do Seminário Liceu de São Nicolau (1866), proclamação da República Portuguesa (1910), aparecimento da Typographia Nacional (1842) e publicação do Almanach Luso-Africano (S. Nicolau, 1894). Sendo os escritores mais destacados: Antónia Pusich (S. Nicolau. 1804-1883), Guilherme Dantas (Brava, 1848-1880), António Januário Leite (S. Antão 1865-1930), Eugénio Tavares (1867-1930), José Lopes da Silva (1872-1962) e Pedro Cardoso (1890-1942)¹⁵².

- Eugénio Tavares

Dos Pré-Claridosos elegemos Eugénio Tavares¹⁵³, com um pequeno olhar sobre as suas obras reunidas em três volumes: o primeiro de *Poesia, Contos, Teatro*; o segundo de textos recolhidos *Pelos Jornais* e o terceiro de *Viagens, Tormentas, Cartas e Postais*, todos com apresentação da Curadora

¹⁵¹ Segundo Brito-Semedo “O grito da “Independência literária” de Cabo Verde, lançado em março de 1936 com a publicação da Revista de Arte e Letras *Claridade*, foi o acontecimento mais importante de todos os tempos na vida cultural desse país” (Brito - Semedo, 1995, p. 54).

¹⁵² (Brito - Semedo, 1998, pp. 107-108)

¹⁵³ Eugénio Tavares é um ícone da vida cultural, política e social de Cabo Verde entre 1890 e 1930. Durante estas quatro décadas, ele se mostrou o nome mais importante em todas as áreas da cultura de seu povo, tendo-se tornado o seu maior intérprete até os dias de hoje. A sua obra é vasta e vai da poesia à música, da retórica à ficção, enveredando também pelo ensaio. Em sua poética, Eugénio Tavares busca da tradição crioula a morna, representante máxima da alma cabo-verdiana, aproximando o discurso literário da canção e da fala do povo. No entanto, ainda paira no ar, entre os cabo-verdianos, a evocação de Nhô Eugénio como um ente mítico, que alcançou o ápice do lirismo da mais representativa manifestação da identidade crioula. Eugénio de Paula Tavares nasceu na Ilha Brava, em 18 de outubro de 1867 e faleceu aos 63 anos, em 01 de junho de 1930, na mesma ilha. (Sobrinho, 2008, p. 1)

da Biblioteca Nacional, Maria de Fátima Fernandes, sendo a recolha, organização e introdução Isabel Lobo, Félix Monteiro e Manuela Ernestina Monteiro¹⁵⁴.

De acordo com a autora da apresentação, as três obras,

Nos oferecem a oportunidade de (re) equacionar o quanto a obra de Eugénio Tavares nos interpela a uma releitura atenta, ao mesmo tempo que se abre a possibilidade de se continuar a pesquisar, reunir e divulgar a obra de tão completo e complexo indivíduo e homem nacional [...]

Fernandes M. F., 2017, p. 5

O “poeta de amor” aclamado por muitos como um dos maiores ícones da Literatura cabo-verdiana, exprimia em duas línguas (a cabo-verdiana e a portuguesa) todo o sentimento do povo cabo-verdiano em variados géneros literários como demonstra nos três volumes reeditados pela Biblioteca Nacional de Cabo Verde.

Compositor de belas mornas, escritor de várias peças teatrais, contos, crónicas etc., este génio distingue pela simplicidade com que embeleza o imaginário dos cabo-verdianos, carregando-os de amor, de beleza, de sensualidade e de ternura¹⁵⁵, pela natureza, mulher e morabeza, mas também denunciando a emigração para São Tomé. Esta última foi por Eugénio Tavares comparada com a “escravidão” pois as autoridades e proprietários aproveitavam da situação da miséria e abandono para exploração da mão-de-obra barata nas roças de São Tomé. Não tendo por onde escolher, assolado pela seca e fome, o povo era “obrigado” a emigrar para São Tomé em condições desprestigiadas como nos contam nos seus poemas, para além de Eugénio Tavares¹⁵⁶: Gabriel Mariano¹⁵⁷, Onésimo Silveira¹⁵⁸, Ovídio Martins¹⁵⁹, Baltasar Lopes¹⁶⁰, Jorge Barbosa¹⁶¹, entre muitos outros.

Logo na primeira quadra do poema *A emigração*, Eugénio Tavares retrata através de adjetivos fortes o sentimento de dor, tristeza e sofrimento ao ver partir o seu povo para São Tomé, mas ao mesmo tempo, condena a atitude desse mesmo povo que não refletia antes da assinatura dos contratos

¹⁵⁴ Ainda encontramos textos /estudos sobre a obra de Eugénio Tavares de escritores e poetas como José Lopes da Silva, José Lopes, João José Nunes, Jorge Barbosa, Celestino Gomes, Artur Vieira, Francisco Lopes da Silva, João Manuel Nobre de Oliveira na coleção *Viagens Tormentas Cartas Postais* (pp. 270,274,280,282,286,291,295 e 300); encontramos estudos de Baltasar Lopes e José Alves dos Reis na coleção intitulada *Poesia Conto Teatro* (pp. 217, 222).

¹⁵⁵ *Mal de amor, Mar eterno, Hora di bai, Morna de aguada, Força de Crecheu, Despedida, Contam Nhá Crecheu, Morna de Nhá Santa Ana, Na, ó menino ná...* são exemplos da transmissão de amor. (Tavares E. , 2017, pp. 118,119,120)

¹⁵⁶ Poema “*A Emigração*” (Tavares E. , 2017, p. 40)

¹⁵⁷ (Mariano, Ladeira Grande, 1993) Gabriel Mariano publicou, para além de outros o “*Comissário ad hoc*” na década de 60 quando exercia funções de Procurador e Conservador na Cidade da Praia, Cabo Verde.

¹⁵⁸ (Silveira O. , 2008)

¹⁵⁹ (Martins O. , 1998)

¹⁶⁰ (Alcântara, 1991) “*O Grito, Mãe, Porão e Amigo* publicados com o pseudónimo de Osvaldo Alcântara são alguns exemplos de poemas que denunciavam a situação dos contratados para São Tomé.

¹⁶¹ (Barbosa, 1993)

para as roças, através da seguinte passagem: “Como é triste e é desolador/ Ver partir, aos magotes, esta gente / Entregue ao seu destino, indiferente / A tanto sofrimento, tanta dor”¹⁶².

De acordo com Isabel Lobo¹⁶³, Eugénio Tavares “é nome de referência na Literatura cabo-verdiana” e que a sua vasta produção literária predominante de uma linguagem marcante da época com influências do “romantismo e o classicismo renascentista”, permite hoje, a “compreensão mais consentânea de certos fenómenos sociais, cívicos e literários próprios dos finais do século XIX e início do século XX cabo-verdiano”¹⁶⁴.

Finalizamos com uma das influências românticas deste autor, retratada no poema *Força de Crecheu* (epígrafe desta dissertação) onde mostra que não há nada mais grande na vida do que o amor. O que o homem sente não tem limite, pois, o amor é maior de tudo: “céu, mar [...] mas entre os Crecheu / De meu ainda é maior”. É este amor saboroso que nos leva ao eterno, chave do céu “Crecheu más sabe, é quel que é de meu / El é que é chabe / que abri`n nha céu [...]”. Para Eugénio Tavares, o amor é tudo na vida, até Deus o amor é mais forte. No dizer de Baltasar Lopes e José Alves dos Reis, este poeta “compunha as suas mornas entre rapazes e raparigas [...] entre a alegria e o sol da mocidade. Espírito novo cor-de-rosa”¹⁶⁵

3.1.2- Claridade

A tradição literária cabo-verdiana tem como maior referencial, a publicação da revista *Claridade*¹⁶⁶, lançada em Mindelo, ilha de São Vicente, Cabo Verde em março de 1936. Solidificou alguns aspetos da Identidade deste país e acrescentou outros de real importância para afirmação de Cabo Verde no plano identitário como o “binómio chuva / seca como traço marcante da Identidade Nacional, sem esquecer a importância de outros temas como a emigração, os mitos, a língua materna etc.”¹⁶⁷. Segundo Paula Cândara,

este binómio (chuva / seca) era realisticamente trabalhado num ambiente de profunda tristeza de onde, por vezes, emergia a esperança longínqua das águas e a nostalgia dos navios que partiam na esperança de voltar á terra-mãe. Trata-se do espaço de

¹⁶² (Tavares E. , Poesia Contos Teatro, 2017, p. 40)

¹⁶³ Introdução ao primeiro volume das obras de Eugénio Tavares, feita por Isabel Lobo, escrita em 1996: *Poesia, Contos, Teatro*, pág.7

¹⁶⁴ (Tavares E. , Poesia Contos Teatro, 2017, p. 7)

¹⁶⁵ (Tavares E. , 2017, pp. 217, 222)

¹⁶⁶ A declaração estético - literário adotada pelos Claridosos “fincar os pés no chão” foi “ um decisivo grito de liberdade e de cabo-verdianidade” (Neves, 2010, p. 232)

¹⁶⁷ (Cândara, 2008, p. 16)

uma emigração causada, em primeira e última análise, por um clima que condiciona toda a sociedade.

Cândara, 2008, p. 16

Os fundadores deste importante veículo da Literatura do arquipélago na década de trinta de século XX foram os jovens intelectuais Baltasar Lopes da Silva, Manuel Lopes e Jorge Barbosa, que tiveram, como posteriores colaboradores poetas como João Lopes, Pedro Corsino de Azevedo Onésimo Silveira, Aguinaldo Fonseca, Arnaldo França, Corsino Fortes, Gabriel Mariano entre outros. Este movimento “tivera como propósito retratar Cabo Verde, não da forma mitológica, como faziam os poetas do século XIX, mas interpretando a realidade e o drama do povo das ilhas”¹⁶⁸. Para Manuel Ferreira, a revista *Claridade* era “moderna, em todos os seus aspetos, vincadamente nacionais” tendo como marca registada a intenção de romper com os modelos portugueses, e seguir em busca das raízes do povo cabo-verdiano. Assim, “rasga em direção ao futuro o caminho para a independência literária e cultural e, conseqüentemente, política de Cabo Verde”¹⁶⁹.

Ao escrever o romance *O Escravo*, misturando elementos românticos com elementos realistas Evaristo d'Almeida iniciou esta forma de denúncia literária que *Claridade* relançou a partir de 1936 com esta nova fase da história literária das ilhas de Cabo Verde. Nesta conjuntura, destacamos sem desprimor de muitas outras obras, os romances: *Chiquinho*¹⁷⁰ publicado pela primeira vez em 1947; *Flagelados do Vento Leste*¹⁷¹ com a primeira publicação em 1959; *Chuva Braba* publicada em 1956, os três livros de poesia de Jorge Barbosa (*Arquipélago, Ambiente e Caderno de um Ilhéu*¹⁷²) publicados em 1935, 1941 e 1956 respetivamente. Essas publicações, pelo seu conteúdo temático, são marcas do seguimento ideológico dos Claridosos, pois todos retratam de forma diferente a ideologia claridosa. Por isso, escolhemos para uma breve leitura, dois desses romances: *Chiquinho* de Baltasar Lopes da Silva e *Os Flagelados do Vento Leste* de Manuel Lopes. Pretendemos, com esses dois olhares, facilitar e despertar interesses nos professores, alunos e outros, principalmente, no 3º Ciclo do Ensino Secundária em Cabo Verde onde essas duas obras são estudadas:

¹⁶⁸ (Brito-Semedo, 1995, p. XVII)

¹⁶⁹ (Ferreira, 1985, p. 19)

¹⁷⁰ (Silva B. L., 1997)

¹⁷¹ (Lopes M., 2017 - 3ª edição)

¹⁷² (Barbosa, 1989)

- *Chiquinho* de Baltasar Lopes da Silva¹⁷³

O romance *Chiquinho* publicado pela primeira vez em 1947, descreve os costumes, as pessoas, as paisagens, e problemas sociais como as secas, fomes, abandonos etc., que assolavam Cabo Verde na primeira metade do século XX. É um romance que conta a história do povo cabo-verdiano e sobre o destino que muitos tiveram que seguir na tentativa de uma vida melhor.

Este romance é organizado em três partes, subdivididas em pequenos capítulos, sendo a primeira, “Infância”, com 31 pequenos capítulos, segunda parte, “São Vicente” com 25 e a terceira “As Águas” com 20. Todos de fácil leitura e compreensão, para que o leitor possa deslizar nas peripécias do jovem Chiquinho que conta, com alguma “nostalgia”¹⁷⁴ a sua vivência na infância e na idade adulta, bem como as suas relações e indefinições, o que fazem com que este romance seja um marco na história da Literatura e Identidade cabo-verdianas.

Começamos pela primeira parte do romance, onde o protagonista Chiquinho aprende as suas primeiras letras e convive com a sua família em São Nicolau, tendo como marcas assinaláveis a Escola de Caleijão e o Liceu Seminário da Vila da Ribeira Brava. Várias situações marcantes da vida do protagonista Chiquinho destacam-se: a situação da cólera, da ventona e as histórias sobre navios negreiros e escravos¹⁷⁵, (pág.28 e 29); o casamento, o batuque, as histórias de feitiçaria ou coisa ruim, o encanto de Ribeira da Prata, os bois no trapiche (pág.42 e 43), a visita do Chico Zepa, a emigrante (pág.47), a importância dos navios de baleeiros; a visita de Chiquinho à Totone Menga - o velho feiticeiro ou mágico (pág.50, 51 e 52); o amor¹⁷⁶ com ajuda de Mané Pretinho, Izé da Silva e Joca Cuscuz (pág.68), a seca, miséria, pedido de esmola e fome (pág.76 e 77). Esta parte finaliza com a partida de Chiquinho para São Vicente deixando para “trás os campos em que me criei e os companheiros da minha infância” (pág. 83).

¹⁷³O romance *Chiquinho*, pelo seu simbolismo ideológico - didático é considerado um clássico da Literatura cabo-verdiana, um dos romances mais lidos e conhecidos em Cabo Verde.

¹⁷⁴ Segundo o dicionário Língua Portuguesa 2004 “Nostalgia (s.f) significa “sentimento de tristeza motivado por profunda saudade, especialmente próprio de quem se sente estranho, longe da pátria ou do seu lar”. Em muitos trabalhos relacionados com o romance *Chiquinho* utilizam esta palavra.

¹⁷⁵ As passagens “Grande negreiro era Nhô Maninho Bento, capitão de navios de escravatura” (...) e “Nhô Quinquim Soares era outro senhor cruel com os escravos” deixam transparecer a participação de cabo-verdianos no processo de escravatura, mas também outras passagens como “o negro entrou feito leão no quarto do senhor e amarrou-o” indica a retribuição da violência, bem assim as revoltas dos escravos. (Silva B. L., 1997, p. 29)

¹⁷⁶“O amor era assunto que todos tratavam” Essa passagem (pág.67) demonstra uma enorme diferença desta época com a do romance *O Escravo* onde o amor era proibido pelas questões raciais.

Na segunda parte, Chiquinho continua os seus estudos no Liceu na ilha de São Vicente, onde inicia amizades novas e conhece o seu primeiro amor, irmã de Andrezinho - Nuninha. Chiquinho e os seus colegas de escola fundaram o Grémio, uma associação e um jornal que são parecidos com a Claridade, para discussão dos problemas que afligiam os cabo-verdianos. Evidenciam, nesta segunda parte, mais algumas situações importantes na vida de Chiquinho: a crise que assolou o Porto Grande com consequências drásticas para a Ilha de São Vicente, (pág.107); a visita do Governador¹⁷⁷, (pág.111,112 e113); bailes de carnaval, batuque, namoros, brigas e desejos de casamento de Chiquinho e Nuninha (pág.124,127); o aparecimento da Associação Operária Mindelense, (pág.136); os trabalhos feitos pelo Grémio nos Bairros: inquérito, (pág.145); Por último Chiquinho regressa de novo á São Nicolau, pois findou os estudos em São Vicente. Na bagagem, muito saber na esperança de encontrar uma terra diferente (pág.147).

Finalizamos com a terceira e última parte do romance, (pág.150). Chiquinho já está em São Nicolau, será professor no Morro Brás (pág.154) convivendo, novamente, com problemas como a seca, que resulta em muita fome e mortes em Cabo Verde. Ao chegar, Chiquinho deu-se com um “choque cultural” com a sua terra da infância, (pág.151, 152 e 153); o tio Joca tenta demovê-lo de seguir a carreira do professorado; fim do Grémio, (pág.185); levantamento de S. João dos lados de Ribeira da Caixa conduzido por Chico Zepa e a população gritando fome (pág.196, 197, 198); morte de Chic´Ana devido à fome, e seu enterro, são alguns acontecimentos marcantes nesta terceira parte da vida do jovem Chiquinho. No fim do romance, Chiquinho emigra para os Estados Unidos da América com a esperança de ter uma vida melhor.

- *Os Flagelados do Vento Leste* de Manuel Lopes¹⁷⁸

O romance *Os Flagelados do Vento Leste* é dividido em duas partes, sendo a primeira com os subtítulos: “Chuva”, “Lestadas” e “Flagelados” (pág.15, 57 e 95) e a segunda com: “Romance na montanha”, “Estrada” e “O Crime” (143,175 e 191), para além de um glossário e a lista de obras do autor. Fala também da seca, fomes, mortes e outros problemas sociais que assolavam as ilhas de Cabo

¹⁷⁷ Segundo o narrador de *Chiquinho* “S. Vicente tinha de fazer o governador uma recepção que o impressionasse bem”. (pag.113). Retrato da hospitalidade e morabeza dos cabo-verdianos em receber os visitantes mesmo tendo problemas que os afligiam naquele tempo. Este retrato antecipadamente tratado no romance o escravo de José Evaristo d'Almeida foi descrito no início do segundo capítulo desta Dissertação.

¹⁷⁸<https://www.wook.pt/livro/os-flagelados-do-vento-leste-manuel-lobes/19675375> acesso em 22-11-2019 - 23h25 min.
<https://expressodasilhas.cv/topico/flagelados-do-vento-leste> acesso em 20-11-2019. 16 h 28 min.
<https://brito-semedo.blogs.sapo.cv/52199.html> acesso em 22-11-2019, 18h 4 min.

Verde. Demonstra o terrível contraste entre os sonhos de felicidade e a triste realidade da luta pela vida desse povo. A obra perpassa a história do povo cabo-verdiano, de desespero e esperança, de querer ficar e ter que partir e toma posição na chamada luta de classes denunciando as desigualdades sociais. É uma obra que nos leva á uma profunda reflexão do como viviam os nossos povos e nos ajuda a tirar conclusões das nossas atuações diárias. Na opinião de Izabel Cristina Souza Gimenez

O autor desenha um painel da dura realidade a que são submetidos os habitantes das ilhas, vítimas dos fenómenos naturais (chuva / seca) e do confinamento insular. Os primeiros parágrafos do primeiro capítulo “Chuva” já denotam a dependência do homem em relação à natureza, ou seja, a expectativa mesclada à esperança de que o tempo possa mudar e a colheita seja farta. É um discurso revelador da constante tensão dos lavradores em uma luta secular pela sobrevivência.

Gimenez, 2013, p. 82

O autor deste romance, Manuel António dos Santos Lopes¹⁷⁹, nasceu na ilha de São Vicente, Cabo Verde, viveu algum tempo na Ilha de Santo Antão onde geriu uma propriedade agrícola e testemunhou o drama da dependência das chuvas para sobrevivência do povo cabo-verdiano, pois as ilhas eram muito dependentes da agricultura de sequeiro. Foi ficcionista, poeta e ensaísta, um dos fundadores da revista *Claridade*, contribuindo juntamente com os companheiros, para o desenvolvimento da moderna Literatura cabo-verdiana. As suas obras mais conhecidas são: *Chuva Braba* (romance, 1956), *O Galo que Cantou na Baía* (contos, 1959) e *Os Flagelados do Vento Leste*. Nesta última que, na voz de personagens tradicionais cabo-verdianas¹⁸⁰, denuncia a dura realidade em que viviam as gentes do campo seco em Santo Antão, representando uma imagem real de Cabo Verde de então. Centrando no meio ambiente árido e desolador, as personagens de *Os Flagelados do Vento Leste* labutam num mar de incertezas onde a chuva é o símbolo de colheita / fartura, alegria e esperança, sendo a seca o desespero, a morte de pessoas, gados e vegetação.

Por isso, o homem do campo tinha de resistir e ficar na terra a espera que viesse a bendita chuva ou partir, a procura de uma vida melhor, como fizeram muitos dos povos destas ilhas. Nessas duas situações o Cabo-verdiano corria riscos, pois, a chuva nem sempre é regular e a emigração nem sempre corre bem, por isso ficava no dilema “ter que partir ou querer ficar” ou “ter que ficar ou querer partir”. Por estes motivos e por seguir os ideais dos antepassados na persistência, o autor deixa transparecer que o Cabo-verdiano pode ser ou é considerado “um escravo da terra”. Aqui não há escravo social há sim uma espécie de “amor incondicional a terra” que escraviza o homem, no dizer de Ovídio Martins: “morremos e ressuscitamos todos os anos”.

¹⁷⁹ Nasceu em 23-12-1907 e faleceu 25-01-2005

¹⁸⁰ José da Cruz, João Felícia, Lela, Jó, Nhô Manuelinho, Leandro, Nhô Lourencinho, viúva Aninhas, Zepa, Mochinho, Concha, Chica, Na Tuda, Professora Maria Alice...

O drama no romance é tão elevado que uma das personagens, o José da Cruz, consegue suportar a morte de um filho (Jó) por falta de comida ou ter a coragem de expulsar outro (Leandro) de casa, por causa de pequenos furtos, mesmo com estes, contribuindo pelo sustento da família. Este último morreu, supostamente, por falta de assistência médica ou remorsos por não encontrar a esposa na gruta quando voltou do hospital. Dias antes, tinha sido agredido violentamente por populares, na tentativa de linchamento por uma alegada crime de assassinato.

Toda a luta das personagens desta narrativa é centrada, quase exclusivamente, na obtenção do pão de cada dia para sobrevivência e, neste caso, a agricultura de sequeiro a base do milho, desempenha um papel decisivo no imaginário destas personagens que representam o Povo cabo-verdiano. O milho (base da alimentação dos cabo-verdianos) chegou as ilhas vindo da América e facilmente se espalhou acompanhando a ocupação. É uma das colheitas mais proveitosas do arquipélago em ano de boa chuva. Este produto, segundo Fátima Bettencourt, possui uma “força e simbolismo na originalidade mestiça, pedra de esquina da segurança espiritual do cabo-verdiano”¹⁸¹.

Além do simbolismo do milho, corvo ou sementeira em pó, outras marcas da identidade cabo-verdiana são referidas no texto, como os casos da utilização da Língua cabo-verdiana, a morna, ou mesmo a gastronomia tradicional (papa-rolão, cachupa, camoca etc.).

3.1.3 - Pós-Claridade ou Modernismo

Escolhemos para a pós-Claridade ou Modernismo o romance “*Marginais*” de Evel Rocha, uma das obras de referência para quem quer estudar a moderna Literatura de intervenção cabo-verdiana; o livro de poesias *Gritarei, Berrarei, Matarei - Não vou para Passárgada* de Ovídio Martins com ênfase no poema *Flagelados do vento-leste* e quatro poemas de Onésimo Silveira: *Portão das Companhias, Solidão, Lema e Regresso*”. Terminamos com a música de Renato Cardoso *Porton d'nos ilha*, obra que trás esperança no nascimento de um mundo novo, de alegria, igualdade e oportunidade para todos para os cabo-verdianos.

¹⁸¹ (Betencurt, 2015, p. 74 e 78)

- *Marginais* de Evel Rocha

Uma obra literária onde o sujeito poético viaja nas asas da liberdade, da imaginação, da beleza e da criatividade literárias, facultadas pela clareira da ficção, que na vida real seria difícil penetrarem com tanta ousadia na intimidade da sociedade, levando os próprios sofrendores a denunciarem as suas dores e vivenciar as suas virtudes, seus defeitos e tabus escondidos “atrás dos ferros da prisão¹⁸²”.

Ponto assente que a ficção é um lugar predileto em que o homem pode viver nas suas plenitudes e denunciar através de personagens ou ações que, confundidas com as reais, transmitem uma forma de combater as atrocidades vividas ou sentidas por um povo. Precisamente, nesse parâmetro que assentam os narradores e as personagens de *Marginais* de Evel Rocha, deslizando em capítulos de fáceis leituras e compreensão, retratando aspetos da dureza da vida dos protagonistas, de forma clara e subjetiva.

A forma ficcional de conceitualização dos problemas sociais em *Marginais* evoca, de uma forma direta, os atropelos a liberdade, a honestidade e a generosidade, através do testemunho de quem vive e sente na pele a saga da incompreensão e da injustiça – o Sérgio Pitboy. Abundam no livro cenas¹⁸³ vistas e sentidas, chocantes e impiedosas, indo diretamente ao coração e a sensibilidade dos humanos, comovendo-nos e levando-nos a uma reflexão acerca da pertinência do livro para mudanças de mentalidades, ações e comportamentos no presente e no futuro.

Isso leva-nos a afirmar que os seres cultivadores de sementes de injustiças e desigualdades descritas nas duzentas e quinze páginas do romance *Marginais*, não estão fora das suas plenitudes mentais, pois na prática de um mal ao outro ser humano ou à sociedade em geral onde pertencem, retira-nos do lado bom da vida onde reinam o amor, a alegria, a confiança, e a dignidade. O Sérgio Pitboy - a personagem principal - reúne num percurso, variadíssimos assuntos, desde sociais, políticos, antropológicos e humanos que, darão nos próximos tempos, muitos trabalhos académicos, debates e mudanças de mentalidades. Essas preocupações suscitaram a nossa atenção e preocupação

¹⁸² Parafrazeando Onésimo Silveira no poema *Lema* (Silveira O. , 2008, p. 135)

¹⁸³ Há várias situações no livro que nos levam a meditar, uma vez que são visíveis no quotidiano do povo das ilhas desde da interpretação da imagem da capa, o título, pobreza (págs. 13,18...) abandono de criança (pag.12), drama da mãe solteira (pag.18), iniciação a violência com criação de grupos de delinquência - Pitboys (pags.29, 40, 127...) desigualdades sociais (pag.21), gravidez na adolescência (pag.25), aborto (pag.170), VBG (pag.28), Problemas com o turismo, tráfico de órgãos humanos (pag.30), delinquência, (pag.30...), castigos corporais (34), Fome (pags.23,24...). Desrespeito pela vida humana (pag.37), discriminação (37), infidelidades (38), abuso de autoridades, (pag.39), Escola como centro de desigualdade (pag.55), insucesso escolar (pag.82), Abuso sexual nas Esquadras Policiais (págs. 61, 203), Abuso do poder nos Tribunais (203), (...) (Rocha, 2010).

a quanto da leitura desta obra. Por fim, Sérgio quer dar voz a todos os excluídos, por isso procura descrever dois mundos: “aqui, procuro descrever os dois mundos onde vivi comprimido, o mundo da pobreza e o dos abastados, como alguns o chamam, mas para mim são o mundo dos exploradores e o dos explorados”¹⁸⁴.

- *Gritarei, Berrarei, Matarei - Não vou para Passárgada de Ovídio Martins*

Com valentia, coragem e determinação, o Homem cabo-verdiano conseguiu ultrapassar barreiras e construir uma Nação, um Povo, uma Cultura e uma Identidade. Assim foi transmitida por Ovídio Martins no livro de poesias em Língua portuguesa e em Crioulo de São Vicente, “*Gritarei, Berrarei, Matarei - Não vou para Passárgada*”. No dizer de Sidnei Schneider, “Ovídio Martins escrevia em português, mas de modo eventual em Crioulo de São Vicente, meio de expressão popular no plano das relações quotidianas, na literatura oral e nas mornas (canções típicas inseparáveis de danças)”¹⁸⁵. Na mesma linha, Onésimo Silveira e Humberto Bettencourt Santos, (prefaciadores da obra *Gritarei, Berrarei, Matarei - Não vou para Passárgada*) escreveram que “a poesia de Ovídio Martins é um canto de amor e de luta, ritmado por uma obsessão constante de libertação”¹⁸⁶. Destacamos, da obra poética o poema *Flagelados do Vento-leste*, como exemplo do exposto:

Flagelados do vento-leste

Nós somos os flagelados do vento-leste!
A nosso favor
não houve campanhas de solidariedade
não se abriram os lares para nos abrigar
e não houve braços estendidos fraternamente
para nós

Somos os flagelados do vento-leste!

O mar transmitiu-nos a sua perseverança
Aprendemos com o vento o bailar na desgraça
As cabras ensinaram-nos a comer pedras
para não perecermos

Somos os flagelados do vento-leste!
Morremos e ressuscitamos todos os anos
para desespero dos que nos impedem
a caminhada
Teimosamente continuamos de pé

¹⁸⁴ (Rocha, 2010, p. 13)

¹⁸⁵ (Schneider, 2007, p. 1)

¹⁸⁶ (Silveira & Santos, 1973)

num desafio aos deuses e aos homens
E as estiagens já não nos metem medo
porque descobrimos a origem das coisas
(quando pudermos! ...)

Somos os flagelados do vento-leste!

Os homens esqueceram-se de nos chamar irmãos
E as vozes solidárias que temos sempre

Escutado

São apenas

as vozes do mar

que nos salgou o sangue

as vozes do mar

que nos entranhou o ritmo do equilíbrio

e as vozes das nossas montanhas

estranhas e silenciosamente musicais

Nós somos os flagelados do vento-leste!

Martins O. , 1998, pp. 13,14

Usando a teimosia e a persistência, o Cabo-verdiano combateu as adversidades e virou a história ao seu favor, ilustrado pela passagem “Teimosamente continuamos de pé num desafio aos Deuses e aos homens” (pág. 13,14). Referindo novamente a Sidnei Schneider: “ao preocupar-se com o destino de Cabo Verde, Ovidio Martins¹⁸⁷ não o desconecta da luta progressista na África e no mundo, irmanando-se com os povos de todos os lugares, junto as recordações identitárias do seu país e de si mesmo, enquanto sujeito”¹⁸⁸.

- *Portão das Companhias, Solidão, Lema e Regresso de Onésimo Silveira*

Esses quatro poemas de Onésimo Silveira estão incluídos no livro *Poemas do Tempo de Trevas / Saga e Hora Grande*¹⁸⁹ com publicação, pela primeira vez, em 1962, reeditado em 2008. Na análise global dos referidos poemas¹⁹⁰, o sujeito poético denuncia a frieza e a indiferença perante o

¹⁸⁷Ovídio Martins publicou em 1962 *Caminhada* (poemas), em Lisboa, e *Tchutchinha* (contos), em Angola. E, depois do aclamado *Gritarei Berrarei Matarei: nao vou para Passárgada* de 1973, o livro *Independência* (crónicas) foi publicado em Cabo Verde em 1983.

¹⁸⁸<https://horadopovo.com.br/ovidio-martins-nao-vou-para-passargada/> aceso em 21.11.2019. 10.59 min

¹⁸⁹Os Poemas do *Tempo das Trevas* constituem, conforme o autor, “testemunhos de um período doloroso da história de Cabo Verde”, marcado tanto pelas sucessivas fomes que foram moldando o povo das ilhas como o êxodo para S. Tomé e Príncipe e Angola, por isso, segundo este, ele tinha de denunciar através da ficção: “Não havia processos, nem convocatórias da Procuradoria que me pudessem silenciar. Contra tudo e contra todos, eu queria ser testemunha, por isso fiz poesia”. (Silveira O. , 2008, p. 18)

¹⁹⁰(Silveira O. , 2008, pp. 43, 80, 117 e 135)

sofrimento das pessoas, como a alma dos exploradores, os servidores dos braços dos homens, a inocência das crianças para alimentar a luxúria dos homens do poder, a arrogância e a soberba da sua riqueza. Através desses textos literários este sujeito poético, criado por Onésimo Silveira mostra uma face negra do Homem cabo-verdiano com a fome derivado da seca e outros males sociais.

Sem alternativas o Cabo-verdiano tinha de optar, ou por sair rumo as “malditas” roças de São Tomé e Príncipe, ou ficar na terra e submeter a uma vida dura. Os poemas e outros escritos de intervenção de Onésimo Silveira, na opinião da Prefaciadora da obra, Maria José Maurício, são “retratos fiéis da dureza e da realidade contemporânea, no contraste entre o poder de explorar e viver condenado pela miséria num estado sem justiça” (pág.19 á 23).

- *Porton d'nos ilha* de Renato Cardoso¹⁹¹ : música

No dizer de César Monteiro, “A música cabo-verdiana, para além de construir um dos símbolos identitários da Nação cabo-verdiana, é, também um dos marcadores estruturantes desta sociedade insular, que se prolonga no exterior”. Para este sociólogo, a música “encontra-se ao serviço da construção identitária, através de processos de construção criativos e contínuos e, por isso mesmo, tem uma função interpeladora de Identidades sociais” e ela “evoca, com intensidade, memórias coletivas e individuais de um povo acossado no passado por estiagens e mortalidades frequentes”¹⁹².

No ensaio sobre a Vida e Obra de Manuel d'Novas¹⁹³, César Monteiro, escreve que “em íntima ligação com a Língua crioula, que a corporiza, a música cabo-verdiana lutou no passado contra a opressão na sociedade cabo-verdiana, enquanto fator de identidade, impondo-se como elemento de consciência nacional”¹⁹⁴. Na linha de pensamento deste autor, destacamos, um breve olhar na música *Porton d'nos ilha* de Renato Cardoso¹⁹⁵ comentado por Brito-Semedo em *A Morna-Balada - o Legado de Renato Cardoso* (pág.58):

Porton d'nos ilha

Kuand un mundu novu kunkí
Na porton di nos ilha...
- Pamode kin fogon sem paia

¹⁹¹ Esta música de intervenção de Renato Cardoso, de acordo com Manuel Brito-Semedo foi gravada pela primeira vez em disco pelo conjunto “Os Tubarões”, na voz de Ildo Lobo, em 1994 (Brito-Semedo, 2008, p. 41 & 58)

¹⁹² (Monteiro C. A., 2008, p. 805)

¹⁹³ (Monteiro C. A., 2003)

¹⁹⁴ (Monteiro C. A., 2002, p. 35)

¹⁹⁵ Renato de Silos Cardoso (nasceu em Mindelo, em 1/12/1951 e morreu na Praia, 29/12/1989)

Na ladera sem sinbron
Tud mãe tcheu de fidju sem storia?

Tud gril quebra sê pedra
Pamode manhã ka tem prutchida
Y no kema morabeza
Ma distinu triste d'ilheu
Y no spaiá sês pontinha
Na pratu fundu sen ftur.

Di tudu ben sirvidu ki kriás
Di tudu ben sirvidu ki kriás

Y no kruzá un enxada
Ma un broka y no spaia
Un nova ideia na nos mar

Sol y morabeza pa tud jent.
Tud nos farol di morti

Ma sumitériu di nos água.
No vrá tera pa tud jent Lei.

Tud kriston, tud sinbron
Tem direit na sê gota d'água.

Brito-Semedo, 2008, p. 58

Esta balada de intervenção elucidada o sofrimento do povo cabo-verdiano, mas a esperança de um dia melhor. Nela o autor mergulhou em eufemismos¹⁹⁶ : “Pamode kin Fogon sem paia e ladera sem simbron”¹⁹⁷ para atenuar a triste sina da falta de pão nos lares e conseqüente fome, os efeitos nefastos da seca para os cabo-verdianos e a decisão controversa e dura de emigrar para as roças de São -Tomé e não só.

A pedra que cobre o grilo, de acordo com o sujeito poético, deve ser demolida pela força humana, a junção de esforços do Cabo-verdiano rumo a uma justiça, oportunidade e igualdade para todos, porque quando “o Sol nascer é para todos” e aproveitando da abundância do amor, morabeza e amabilidade dos cabo-verdianos, para bater a porta de um mundo novo: “Sol y morabeza pa tud jent / Tud nos farol di morti”¹⁹⁸ . Na esperança de não deixar a pedra em cima do grilo, o sujeito poético

¹⁹⁶Eufemismo é uma figura de linguagem que emprega termos agradáveis para suavizar uma expressão. Ocorre quando se aceita e usa-se uma palavra ou expressão em lugar de outra, por diversos motivos, em diferentes situações.” in www.figurasdelinguagem.com eufemismo acesso em 17/11/2019 pelas 11h e 18 min.

¹⁹⁷ Por que razão o fogão não tem palha / Na ladeira sem simbrão. (tradução)

¹⁹⁸ Sol e morabeza para toda a gente / Acabemos com todo o nosso farol da morte (tradução)

exprime a realidade vivida em Cabo Verde e pousa asas de esperança de um futuro melhor afundando no Oceano atlântico todos aqueles que nos atrapalham no caminho da felicidade “Na pratu fundu sem ftur”¹⁹⁹.

Na escrita de Brito-Semedo “essa balada anuncia a chegada de um mundo novo e dá instrução ao Homem cabo-verdiano do que deve fazer quando este grande acontecimento lhe bater à porta” e que a entrada far-se-á pelo portão e “terá a participação ativa do povo.”²⁰⁰

¹⁹⁹ No fundo do oceano

²⁰⁰ (Brito-Semedo, 2008, p. 58)

4 - CONCLUSÃO

Chegados ao fim desta dissertação, esperamos ter conseguido demonstrar os propósitos iniciais da sua elaboração ou seja: a identificação e caracterização dos fatores identitários que deram a sua contribuição na formação da Identidade Cultural cabo-verdiana no romance *O Escravo*, de José Evaristo d'Almeida, complementados com uma pequena proposta de literatura com textos de denúncia, na linha do romance em estudo, para auxiliar os leitores na leitura e compreensão deste tipo de literatura. Procurámos assim, ajudar na formação e promoção de uma consciência cívica e cidadã no aluno cabo-verdiano, conforme Nelo Canuto Monteiro de Pina,

A leitura literária é uma atividade de extrema relevância na formação do aluno leitor, uma vez que lhe permite interagir com os textos e interpretar a dimensão humana, cultural, cívica e social que o circunda e assim adotar, de forma ponderada, competências e valores fundamentais para o seu desenvolvimento e afirmação enquanto cidadão culturalmente responsável pelo meio em que se insere.

Pina, 2017, p. 1

Sendo o romance *O Escravo* pioneiro na abordagem da temática cabo-verdiana, justifica-se a sua escolha para este trabalho, pois o seu autor foi um português que escreveu com influências do romantismo, cujos pressupostos assentavam, primeiramente, na denúncia das atrocidades sofridas pelos seres humanos (escravos) em Cabo Verde, e no intuito de chamar a atenção das autoridades da metrópole, transmitindo uma imagem positiva do povo das ilhas (mestiço) que se formou através do processo da mestiçagem biológica e cultural; deixou-nos assim um testemunho para formação da consciência identitária e cívica das futuras gerações.

Segundo Liziane Monteiro, o processo de Miscigenação, referido na dissertação, resultou da junção de culturas que deram origem a “um mosaico de culturas, um espaço híbrido e diaspórico, mobilizando a construção de uma identidade aberta, em construção permanente, o que supõe que tal como as outras culturas, a cabo-verdiana não é pura”²⁰¹.

Em suma, diríamos que, do confronto de múltiplas identidades e classes sociais (europeus²⁰² e africanos²⁰³), se originou / se reinventou uma nova fórmula onde reinou a cedência ou fusão de

²⁰¹ (Monteiro L. P., 2013, p. 6)

²⁰² Portugueses e outras nacionalidades europeias que, apesar de constituírem a minoria, seriam os homens livres, que comandavam os destinos da administração, economia, política, educação, religião etc.

²⁰³ Escravos de varias etnias (maioritária), de países da Costa africana como Golfo da Guiné, Senegal, Serra Leoa etc.

elementos característicos das diferentes culturas em presença. A junção desses diferentes elementos socioculturais viria a originar um “novo produto”, ou seja, o Homem cabo-verdiano, num processo que foi designado, pelo francês Édouard Glissant de “crioulização”.

Para Glissant, crioulização “define-se no âmbito de um contacto de várias culturas ou ao menos vários elementos de culturas distintas, num canto do mundo, tendo por resultado num dado novo totalmente imprevisível por relação à soma ou à simples síntese desses elementos”²⁰⁴. Nesta circunstância, o autor de *O Escravo* fez uma sobreposição entre a história de Cabo Verde e a narrativa de ficção para, por um lado, condenar o colonizador, e por outro, valorizar o negro e o mestiço, através da exaltação de aspetos negativos em relação ao primeiro e, de qualidades positivas para os segundos. Para isso, José Evaristo d'Almeida misturou uma série de momentos de puro romantismo²⁰⁵ e elementos realistas²⁰⁶, bem como fatos históricos, inspirados precisamente, no contexto histórico / cultural em que se viviam no arquipélago.

Constatamos, deste modo, que Cabo Verde é um país propício ao estudo do fenómeno da Identidade Cultural pois, são encontrados conteúdos interessantes que permitem ao estudante construir uma ideia clara do seu objeto de estudos. Portanto, a escolha do romance *O Escravo* foi feita pensando-se na valorização de uma obra pioneira de intervenção social em Cabo Verde, onde subsistem fatores Identitários cabo-verdianos como a escravatura, o amor, a mestiçagem, a aculturação, a língua crioula e a portuguesa, a morabeza, a hospitalidade e outras manifestações culturais que penduram até à atualidade, raras perdas de alguma originalidade, resultantes das interferências da modernidade.

Nota importante foi é a luta constante do Cabo-verdiano para preservação da “essência da sua personalidade cultural”²⁰⁷ “numa criação secular” e em mutações permanentes. Contribuíram para essa criação fatos histórico-culturais²⁰⁸ e ideológicos mencionados, bem assim os paradigmas ou dilemas relacionados com : a emigração,²⁰⁹ o mar, a seca, a partida, o regresso, a saudade, a tristeza,

²⁰⁴ (Glissant, 1997, p. 37)

²⁰⁵ Figuras de herói, (João) heroínas, (Luiza, Júlia e Maria) amor, intrigas, morte coletiva, romântica e trágica, etc.

²⁰⁶ Sociedade escravocrata, miscigenação, atrocidades sofridas pelos escravos, a flora cabo-verdiana, histórias pessoais e tradicionais, acontecimentos marcantes da vida deste país, os espaços físicos, geográficos, sociais e psicológicos, a denominação das personagens, crenças, mitos, etc.

²⁰⁷ (Bettencourt, 2015, p. 73)

²⁰⁸ A escravatura, mestiçagem biológica e cultural, a insularidade, a independência, etc.

²⁰⁹ Para Liziane Patrícia Monteiro “Esta nova oportunidade, simultaneamente vivida com o dilema “ter que partir e querer ficar ou querer ficar e ter que partir”, começou a se fazer sentir, sobretudo na camada jovem masculina em idade ativa provenientes maioritariamente de famílias mais vulneráveis. Trabalhando essencialmente na construção civil e nos navios, sujeitos a más condições de vida, vivendo em bairros degradados ou nos próprios locais de trabalho, marginalizados socialmente, tudo para manter o compromisso com a família nativa, expressado através de envio de remessas financeiras revelando como um fator de grande peso na economia cabo-verdiana. Da necessidade ao sonho de partir, de conhecer

e a nostalgia, desenvolvidos com mais pormenor nos textos de denúncia da Proposta de leitura da literatura de denúncia ou de intervenção social em Cabo Verde (capítulo III).

Esses fatos e paradigmas, aliados ao abandono de Cabo Verde pelas autoridades coloniais, às consequências da primeira e segunda guerras mundiais, ao neorrealismo em Portugal, à luta armada nas matas da Guiné, ao fim do regime fascista e muitos outros, “obrigaram” o povo cabo-verdiano à construção de um ideal chamado *morabeza* (hospitalidade) que lhe permitiu diferenciar-se de outros povos e facilitou a sua sobrevivência. Salientamos que essas dinâmicas e diversidades culturais têm contribuído para fortificação e incrementação de uma moldagem singular na Identidade do país e têm servido de veículo para criação de amizades, solidariedades, convívios, resgates e preservação dos valores morais éticos e históricos da jovem Nação cabo-verdiana que, ascende para além do território nacional.

Recordamos que o país sempre aderiu à emigração, ou seja, aberto ao mundo, desde da colonização com chegada dos europeus e africanos, para mais tarde o Cabo-verdiano começara a emigrar por diversos cantos do mundo e ter contacto com culturas distintas. Aliada à facilidade na comunicação via rádios, televisão, internet, entre outros, fez com que a Cultura cabo-verdiana perdesse muitos traços da originalidade e ganhasse elementos novos. Essa assimilação / interferência ou adoção de traços de outras culturas acabara por se repercutir nos nossos hábitos, costumes e tradições tanto nas artes, nas línguas (Crioula e Portuguesa) nas músicas, na dança, na culinária, no vestuário, nas crenças populares, na religião, nas formas de trabalhar ou mesmo no consumo de bens e produtos com consequências positivas²¹⁰ e negativas²¹¹.

Por fim, ressalvamos o papel da Cultura na afirmação do Homem cabo-verdiano dentro e fora do país, na transmissão de valores que conduziram ao seu crescimento e maturação e também ao respeito em relação pelo e com os outros. Nesta mesma linha, o Presidente da República de Cabo Verde Jorge Carlos Fonseca, afirma, referindo-se ao cabo-verdiano, que, “não interessa se nasceu no país ou no exterior, no campo ou na cidade, se conhece ou não o chão das Ilhas”... “o que conta é que o seu ser é ritmado pela Cultura de Cabo Verde” ou seja “pela música, pela língua, pelo modo de estar, de lidar e de relacionar com os outros”²¹².

terra longe, lugares distantes e ‘melhores’, os cabo-verdianos levaram a saudade, a ilusão e o objetivo de ter oportunidade de triunfar e voltar “com o dever cumprido”, pois, as raízes ficaram em Cabo Verde”. (Monteiro L. P., 2013, p. 9)

²¹⁰ Enriquecimento ou fortalecimento cultural

²¹¹ Perda da originalidade da Cultura cabo-verdiana, a intranquilidade, o consumismo e conseqüente degradação da paz social em algumas ilhas de Cabo Verde

²¹² (Fonseca, 20015, p. 65).



Universidade de Cabo Verde

Faculdade de Ciências Sociais, Humanas e Artes - São Vicente

Tema: A Identidade Cultural cabo-verdiana no romance *O Escravo*, de José Evaristo d'Almeida

Mestrado em Ensino de Língua Portuguesa, Língua Segunda / Língua Estrangeira

Terminamos mais esta etapa de estudos com a consciência de tudo ter feito para apresentar uma dissertação modesta e de qualidade que reflita a nossa caminhada académica, tendo, devido às nossas limitações, deixado por desenvolver alguns pontos que poderiam ser incluídos para o seu maior enriquecimento.



Universidade de Cabo Verde

Faculdade de Ciências Sociais, Humanas e Artes - São Vicente

Tema: A Identidade Cultural cabo-verdiana no romance *O Escravo*, de José Evaristo d'Almeida
Mestrado em Ensino de Língua Portuguesa, Língua Segunda / Língua Estrangeira

5- BIBLIOGRAFIA

Alcântara, O. (1991). *Cântico da Manhã Futura*. Lisboa: ALAC.

Almada, D. H. (2006). *Pela Cultura e Pela Identidade - Em Defesa da Cabo-verdianidade*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.

Almada, J. L. (2006). *Considerações preliminares: Das tragédias históricas do povo cabo-verdiano e da saga da sua constituição como Nação Crioula soberana*. In M. C. Cabo Verde, *O Ano Mágico de 2006 / Olhares Retrospectivos sobre a História e a Cultura Cabo-verdianas* (pp.106-109).²¹³

_____ (2008). *Um Excurso Complementar a História e a Cultura Cabo-verdianas a partir do Ano - Miradouro de 2006*. In *O Ano Mágico de 2006 - Olhares Retrospectivos sobre a História e a Cultura Cabo-verdianas*. Praia: IBNL.

Almeida, C. B. (2009). *O Escravo: entre a Identidade cabo-verdiana e a literatura europeia*. São Paulo: USP.

Almeida, J. E. (nov.2016). *O Escravo & Epístola A...Edição Crítica*. Lisboa: Rosa de Porcelana.

Amarante, N. M. (2006). *A nova Igreja de S. Miguel analisada sob Ponto de vista de Obra de Arte e seu Valor Patrimonial (Monografia)*. Praia - Cabo Verde: ISE.

Barbosa, J. (1993). *Obra Poética*. Portugal: ALAC.

_____ (1989). *Poesias*. Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro.

Barcellos, C. J. (2003). *Subsídios para História das Ilhas de Cabo Verde Vol: I, II, III e IV*. Praia, Cabo Verde: IBNL.

Bernardi, B. (1978). *Introdução aos Estudos etno-antropológicos*. Lisboa.

Bettencourt, F. (2015). *Crioulidade - Cheiros e Sabores*. In S. C. Gomes, *Contravento, Pedra-a-Pedra - Conferências do Iº Seminário Internacional de Estudos Cabo-verdianos* (p.73 e 74). Praia - Cabo Verde: Biblioteca Nacional de Cabo Verde.

Bhabha, H. (1992). *A questão do outro. A diferença, discriminação e o discurso do colonialismo*. Rio de Janeiro: 3º edição.

Brásio, A. (1963). *Descobrimento / Povoamento / Evangelização do Arquipélago de Cabo Verde*. Praia.

²¹³ A Introdução foi escrita em Lisboa em 2006, revista em 2007 e a publicação foi na Cidade da Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro



Universidade de Cabo Verde

Faculdade de Ciências Sociais, Humanas e Artes - São Vicente

Tema: A Identidade Cultural cabo-verdiana no romance *O Escravo*, de José Evaristo d'Almeida
Mestrado em Ensino de Língua Portuguesa, Língua Segunda / Língua Estrangeira

- Brito - Semedo, M. (2006). *A Construção da Identidade Nacional - Análise da Imprensa entre 1877 e 1975 (Tese Doutoramento)*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional de Cabo Verde e do Livro.
- _____ (1998). *Caboverdianamente Ensaçando V. II*. Praia-Cabo Verde: Ilhéu Editora
- _____ (1995). *Caboverdianamente Ensaçando V.I*. Praia Cabo Verde: Ilhéu Editora
- _____ (2008). *A Morna - Balada - o Legado de Renato Cardoso (IIª ed.)*. Praia-Cabo Verde: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- _____ (31 de março de 2016). *Esquina do Tempo*. Obtido em 12 de novembro de 2019, de O "Escravo" de Evaristo d'Almeida.
- _____ (s.d.). *Esquina do Tempo / Morreu Dulce Almada Duarte - Pioneira do Estudo do Crioulo*. Praia, Cabo Verde.
- Cabral, A. L. (1974). *PAICV, Unidade e Luta*. Lisboa: Nova Aurora.
- Cabral, J. J. (2019). *Acushnet Avenue*. Praia: SOCA / José Cabral.
- Cal, E. G. (1981). *Língua e Estilo de Eça de Queirós (Vol. IV)*. Coimbra - Portugal: Livraria Almedina.
- Cândara, P. (2008). *Construindo Germano Almeida - A consciência da desconstrução*. Lisboa: Assírio Barcelar.
- Cardoso, A. F. (2005). *As interferências linguísticas do cabo-verdiano no processo de aprendizagem do português (Dissertação de Mestrado)*. Lisboa - Portugal: Universidade Aberta.
- Carreira, A. (2000). *Cabo Verde - Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460-1878)*. Praia - Cabo Verde: Instituto de Promoção Cultural.
- Castrillon, S. M. (2010). *O romance O Escravo (1856), de José Evaristo d'Almeida no sistema literário português*. Universidade de São Paulo, Departamento de Letras Vernáculas.
- _____ (2010). *o escravo, na literatura portuguesa*.
- _____ (2017). *O espaço do batuque em O Escravo, de José Evaristo d'Almeida*. Brasil - Mato Grosso: ISSN.
- Costa, P. (2008). *A formação da identidade cabo-verdiana na Obra de Germano Almeida*. Brasília.
- Cuche, D. (1999). *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC.
- D. D., L. R., & M. V. (2000). *Estatuto Sociolinguístico do Crioulo*. Praia: Instituto Nacional da Investigação Cultural.
- Duarte, D. A. (1985). Identidade Cultural cabo-verdiana como síntese da Cultura. *Identidade Cultural cabo-verdiana*. Praia.



Universidade de Cabo Verde

Faculdade de Ciências Sociais, Humanas e Artes - São Vicente

Tema: A Identidade Cultural cabo-verdiana no romance *O Escravo*, de José Evaristo d'Almeida
Mestrado em Ensino de Língua Portuguesa, Língua Segunda / Língua Estrangeira

_____ (2009). *O Escravo: entre a Identidade cabo-verdiana e a Literatura europeia*: Obtido em 25 de julho de 2019, de Bilinguismo ou diglossia? As relações entre o Crioulo e o Português na sociedade cabo-verdiana: pro-africa.org«figurafeminina-esc.

_____ (2003). *Bilinguismo ou Diglossia*. Praia: Spleen - Edições.

Évora, B. S. (2006). *Análise teórico - Literário da Obra O Escravo numa visão espaço - temporal*. Instituto Superior de Educação. Praia. (Monografia).

Fernandes, I. C. (2008). *Língua cabo-verdiana - Da oficialização a transição para uma Língua de ensino*. Praia - Cabo Verde: ISE

Fernandes, M. F. (2015). Literatura Cabo-verdiana contemporânea : Pensamentos e percursos. In S. C. Gomes, *Contravento, Pedra-a-Pedra-Conferências do Iº Seminário Internacional de Estudos cabo-verdianos (2008)* (p. 85). Praia: Biblioteca Nacional de Cabo Verde

_____ (2017). Nota explicativa da segunda edição . In E. Tavares, *Pelos Jornais* (p.5). Praia: Biblioteca Nacional de Cabo Verde.

_____ (2016). (Prefácio). In J. E. d'Almeida, *O Escravo*. Praia: Pedro Cardoso Livraria.

_____ (2006). *Percursos Identitários e Estéticos na Literatura Cabo-verdiana. Contemporânea*. Praia: Livraria Pedro Cardoso.

Ferreira, M. (1985). *A Aventura Crioula*. Lisboa: Plátano Editora.

_____ (2010). A propósito de duas obras: *O Escravo e Conto Singelos, dois autores: José Evaristo d'Almeida e Guilherme Dantas, fundadores da ficção cabo-verdianas*. In M. C. Cabo Verde, *Simpósio Internacional sobre Cultura e Literatura cabo-verdianas* (p. 247). Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.

_____ (1989). *O Discurso no Pensamento africano*. Vendas-Novas - Amadora: Plátano Editora.

Ferro, M. H. (1998). *Subsídios para História da Ilha de Santo Antão (1462-1900)*. Praia: IPC - Instituto de Promoção Cultural.

Filho, J. L. (2006). *Cabo Verde - Abolição da Escravatura-Subsídios para o estudo*. Praia: Spleen Edições.

_____ (1985). *Defesa do Património Sócio-Cultural de Cabo Verde*. Lisboa: Biblioteca Ultramarino.

_____ (2003). *Introdução á Cultura cabo-verdiana*. Cabo Verde - Praia: ISE.

filhos, T. (2012). *Mundo em circulação. Pespctivas sobre Cabo Verde*. Obtido em 5 de setembro de 2019, de <https://studentunicvedu-mysharepoint.com>



Universidade de Cabo Verde

Faculdade de Ciências Sociais, Humanas e Artes - São Vicente

Tema: A Identidade Cultural cabo-verdiana no romance *O Escravo*, de José Evaristo d'Almeida
Mestrado em Ensino de Língua Portuguesa, Língua Segunda / Língua Estrangeira

- Fonseca, J. C. (20015). *Magistratura de Influência - Construir o Desenvolvimento em Liberdade e com Justiça, Realizando a Constituição (Intervenções 2014 - 2015)*. Praia: Casa Civil da Presidência da República de Cabo Verde.
- Freire, G. (2003). *Casa-Grande e Senzala*. Recife - Brasil: Globo-Editora.
- _____ (1998). *O Escravo, entre a Identidade cabo-verdiana e a Literatura europeia*. Obtido em 28 de agosto de 2019, de *Casa grande e Senzala: Formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal*.
- Furtado, C. A. (1993). *A transformação das Estruturas Agrárias numa Sociedade em Mudança - Santiago, Cabo Verde*. Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco.
- Fyle, C. (2000). Intervenção do Representante da UNESCO na sessão de abertura do Iº Colóquio Linguístico sobre o Crioulo de Cabo Verde. In M. C. Cabo Verde, *Iº Colóquio Linguístico sobre o Crioulo de Cabo Verde (Org. de Manuel Veiga)* (p. 207). Praia: INIC.
- Gimenez, I. C. (Iº Semestre de 2013). *Os Flagelados do Vento Leste*, de Manuel Lopes : Uma Leitura da Praxis discursiva. *Revista Trama*, p. 82.
- Glissant, É. (1997). *Traité du tout mond*. Paris: Gallimard.
- Gomes, S. C. (2008). *Uma recuperação de raiz: Cabo Verde na Obra de Daniel Filipe*. Praia.
- Hall, S. (2006). *A Identidade Cultural na pós-modernidade* (Vol. 11.ed). (T. T. Louro, Trad.) Rio de Janeiro - Brasil: DP&A.
- _____ (2003). *Da diáspora: Identidade e Mediações Culturais*. Belo Horizonte - Brasil: UFMG.
- J.Szymaniak, W. (2016). *A vida de um romance*. In J. E. d'Almeida, *O Escravo & Epistóla A...* (Edição Crítica) (p.13 e 22). Lisboa: Rosa de Porcelana Editora.
- Lopes, A. F. (2010). *Uma Leitura do romance O Escravo de José Evaristo d'Almeida* . Universidade do Porto - Portugal, Faculdade de Letras (Dissertação Mestrado)
- Lopes, A. M. (2006). *As Línguas de Cabo Verde - Uma radiografia sociolinguística*. Praia-Cabo-Verde: UNICV
- Lopes, B. (1956). *Cabo Verde visto por Gilberto Freyre*. Praia: IN
- Lopes, B., & Reis, J. A. (2017). *Breve comentários às "Mornas"*. In E. Tavares, *Poesia Conto Teatro* (2ª edição ed., p. 222). Praia: Biblioteca Nacional de Cabo Verde
- Lopes, M. (2017). Eugénio Tavares - *O Poeta do amor e da Saudade*. In E. Tavares, *Viagens Tormentas Cartas Postais* (p. 288). Praia: Biblioteca Nacional de Cabo Verde
- _____ (2017-3ª edição). *Os flagelados do Vento Leste*. Lisboa: Nova Vega Lda.



Universidade de Cabo Verde

Faculdade de Ciências Sociais, Humanas e Artes - São Vicente

Tema: A Identidade Cultural cabo-verdiana no romance *O Escravo*, de José Evaristo d'Almeida
Mestrado em Ensino de Língua Portuguesa, Língua Segunda / Língua Estrangeira

- Madeira, J. P. (Maio de 2016). A morabeza cabo-verdiana: Contributo para a sua análise. *Revista de estudos cabo-verdianos*. Número especial / UNICV, p. 1.
- Madeira, J. P. (2015). *A Nação e Identidade : A Singularidade de Cabo Verde*. Lisboa: Universidade de Lisboa - Instituto Superior de Ciências. (Tese Doutoramento).
- Mariano, G. (1973). *A mestiçagem - Seu papel na formação da Sociedade cabo-verdiana*. Cabo Verde - Praia
- _____ (1993). *Ladeira Grande*. Lisboa: Vega
- Mariconi, L.V. (2014). *Pertencimento e Identidade*. Campinas - Brasil. (Disert. Mestrado)
- Martins, O. (1998). *Gritarei, Berrarei, Matarei - Não vou para passárgada*. Praia Cabo Verde: Instituto de Promoção Cultural - Direção do Livro
- Mata, I. (2008). *Jorge Barbosa - Nos Trilhos Cinquentenários de um Ilhéu*. In M.C.Cabo Verde. *O Ano Mágico de 2006 - Olhares retrospectivos sobre a História e a Cultura cabo-verdianas* (p. 437). Praia: IBNL
- Monteiro, C. A. (2008). *Contribuição do Agrupamento "Os Tubarões" para a Mudança do Paradigma Musical cabo-verdiano*. In M. C.C.Verde. *O Ano Mágico de 2006 - Olhares retrospectivos sobre a História e a Cultura cabo-verdianas* (p. 805). Praia: IBNL.
- Monteiro, C. A. (2002). *Manuel d'Novas - Música, Vida, Caboverdianidade*. Mindelo: Ed. do autor.
- Monteiro, F. (1958). *Bandeiras da Ilha do Fogo*. SV: Claridade
- Monteiro, L. P. (2013). *A Educação Básica na relação com a Diversidade Cultural e a Heterogeneidade Linguística em Cabo Verde*. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. (Dissertação Mestrado).
- Monteiro, S. E. (2010). *Contributo de Tomé Varela para a valorização e preservação da Cultura cabo-verdiana*. Praia: UNICV (Monografia)
- Morigi, V. J., Laroque, L. F., Magalhães, N. M., Gomes, C. R., & Barden, J. E. (1996). *Memória Cultural na construção das Identidades e mapas imaginários de prática culturais étnicas*. Rio Grande do Sul-Brasil: UFRGS
- Neves, J. M. (2010). *Uma Agenda de Transformação para Cabo Verde*. Cidade da Praia (Cabo Verde) e Lisboa (Portugal): Letras Várias - Edição e Arte, Lda
- Oliveira, D. S. (2015). *O papel da memória na formação da Identidade Cultural : Diálogos entre possibilidades de Leitura*. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Paraná - Brasil: Londrina. (Dissertação de Mestrado)
- Oliveira, F. O. (2008). *A busca de adequação entre formas literárias e momento histórico*.



Universidade de Cabo Verde

Faculdade de Ciências Sociais, Humanas e Artes - São Vicente

Tema: A Identidade Cultural cabo-verdiana no romance *O Escravo*, de José Evaristo d'Almeida
Mestrado em Ensino de Língua Portuguesa, Língua Segunda / Língua Estrangeira

- Osório, O. (1980). *Cantigas de trabalho-Tradições Orais de Cabo Verde*. Praia-Cabo Verde: Comissão Nacional para comemorações do 5º aniversário da Independência de Cabo Verde - Sub-comissão da Cultura
- Pina, N. C. (2017). *Narrativa cabo-verdiana contemporânea: Da Leitura Literária a Formação Cultural e Cívica*. Lisboa: Universidade de Lisboa-Faculdade de Letras. (Tese Doutoramento em Linguística Aplicada)
- Pinto, M. C. (2017). *Identidade Cultural na (e em) rede: as redes sociais digitais (Facebook) como espaço de revivificação e afirmação da Identidade Cultural dos jovens migrantes portugueses, na Suíça*. Lisboa, Portugal: Univ. Aberta.
- Ramos, A. M. (2009). *Conflitos de Identidades em Cabo Verde: Análise dos Casos de Santiago e São Vicente*. Universidade do Porto - Portugal (Dissertação de Mestrado)
- Reis, E. (26 de janeiro de 2017). *A Figura feminina em " O Escravo" de J.E.A.* p. 1.
_____ (nov.2016). *A imagem literária da sociedade escravocrata*. In J. E. d'Almeida, *O Escravo* (p. 33). Lisboa: Rosa Porcelana
- Rocha, E. (2010). *Marginais*. Mindelo - São Vicente
- Rodrigues, E. S. (1997). *O Escravo, romance do séc.XIX de José Evaristo d'Almeida e as primeiras marcas da nacionalidade cabo-verdiana*. In C. F. Carvalho. Lisboa: cosmos
- Rodrigues, H. M. (1998). *A Regeneração em Cabo Verde (1850-1860)*. In A. H. C. Verde, *Africana* (pp.157-380): Universidade Portucalense e Arquivo Histórico Nacional de Cabo Verde
- Rodrigues, M. J. (2006). *Subsídio para História da Igreja católica em Santo Antão* (Praia: ISE. (Monografia).
- Rowland, R. (1986). *Antropologia, História e Diferença - Alguns Aspetos*. Lisboa: Edições Afrontamento.
- Rufin, W. K. (2007). *Identidade em Diálogo*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica SP
- Santos, D. (25 de janeiro-junho de 2012). *Catolicismo cabo-verdiano: Retratos da vida religiosa dos cabo-verdianos nos textos portugueses (1784-1844)*. Revista Lusitânia Sacra , pp. 101-114.
- Santos, E. R. (2008). *A Literatura Cabo-verdiana dos Primórdios a Geração de 50*. In M.C.Cabo Verde, *Ano Mágico de 2006* (p. 334). Praia: IBNL.
_____ (1988). *As máscaras poéticas de Jorge Barbosa e a mundividência cabo-verdiana*. Praia: ICL.
- Santos, L. & Madeira, M. E. (1975). *História Geral de Cabo Verde*. Lisboa / Praia: Instituto de investigação científica.



Universidade de Cabo Verde

Faculdade de Ciências Sociais, Humanas e Artes - São Vicente

Tema: A Identidade Cultural cabo-verdiana no romance *O Escravo*, de José Evaristo d'Almeida
Mestrado em Ensino de Língua Portuguesa, Língua Segunda / Língua Estrangeira

- Santos, M. E., & Soares, M. J. (1997). *Religião e Sociedade numa Cidade Colonial: A Ribeira Grande da Ilha de Santiago: Séculos XVI-XVII*. Funchal: Secretaria Regional do Turismo da Madeira-Região Autónoma da Madeira-Funchal.
- Santos, R. (2000). *Política geral da pesquisa em África sobre as Línguas Nacionais e a Educação*. In M.C.Cabo Verde, *1º Colóquio Linguístico sobre o Criolulo de Cabo Verde* (pp. 101-102). Praia: INIC.
- Saraiva, J. A., & Lopes, Ó. (2001). *História da Literatura Portuguesa*. Portugal: Porto Editora.
- Schneider, S. (1 de fevereiro de 2007). *Hora do Povo*. Obtido em 21 de novembro de 2019, de <https://horadopovo.com.br/ovidio-martins-nao-vou-para-passargada>
- Semedo, J. M. (2016). *A construção do Estado - Nação em Cabo Verde*. Obtido em 26 de julho de 2019, de www.portaldoconhecimento.gov.cv.
- Semedo, J. M., & Turano, M. R. (1997). *Cabo Verde: o ciclo ritual das festividades da Tabanca*. Praia: Spleen - Edições.
- Silva, A. B. (1990). *A Odisseia Crioula*. Suécia: Alpha Beta Sigma.
- Silva, B. L. (1997). *Chiquinho*. S.Vicente: Calabedotche.
- Silva, R. V. (2005). *Ribeira Grande de Santiago: No rasto do berço crioulo*.
- Silveira, O. (2015). *A construção da Nação em Cabo Verde / Homegeinidade*. Obtido em 26 de julho de 2019, de <https://www.repository.utl.pt>
- _____ (2005). *A Democracia em Cabo Verde*. Lisboa: Fernando Mão de Ferro.
- _____ (2008). *Poemas do Tempo de Trevas - Saga - Hora Grande*. Praia: IBNL.
- Silveira, O., & Santos, H. B. (1973). *Gritarei, Berrarei, Matarei, nao vou para passárgada*. (Prefácio). Rotterdam-Holanda.
- Sobrinho, G. R. (2008). *Eugénio Tavares. Um percurso da caboverdianidade*. Congresso Internacional da ABRALIC (p. 1). São Paulo: USP - SP Brasil.
- Spinola, D. (2004). *A ilha de Santiago e a Cultura cabo-verdiana*, in: *invocações*. Praia: V.1.
- Tavares, E. (2017). *Poesia Contos Teatro*. Praia: Biblioteca Nacional de Cabo Verde.
- _____ (2017). *Viagens Tormentas Cartas Postais*. Praia: Biblioteca Nacional de Cabo Verde
- Tavares, G. B., & Maio, M. C. (2011). *História e Geografia de Cabo Verde 8º ano*. Portugal: Porto Editora. (Versão experimental).
- Varela, B. (2011). *A Educação, o Conhecimento e a Cultura na Práxis da Libertação Nacional de Amílcar Cabral*. Praia



Universidade de Cabo Verde

Faculdade de Ciências Sociais, Humanas e Artes - São Vicente

Tema: A Identidade Cultural cabo-verdiana no romance *O Escravo*, de José Evaristo d'Almeida
Mestrado em Ensino de Língua Portuguesa, Língua Segunda / Língua Estrangeira

- Veiga, M. (2004). *A Construção do Bilinguismo*. Praia: IBNL.
- _____ (1997). *A Construção do Bilinguismo*. (pp. 58 - 65). *Cultura - Revista semestral*.
- _____ (2008). *A poesia de Cabo Verde: Um trajeto identitário*. In S. C. Gomes, *Cabo Verde- Literatura em Chão de Cultura* (p. 127). Praia-C. V: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- _____ (1994). *A propósito de "o primeiro Romance cabo-verdiano"*. In: *A sementeira*. Lisboa: ALAC.
- _____ (2000). *Falar a nossa Língua é também, um ato de Cultura*. In M.C.-Cabo Verde. *Iº Colóquio Linguístico sobre o Crioulo de Cabo Verde* (p.81). Praia: Instituto Nacional de Investigação Cultural.
- _____ (2000). *Introdução ao Iº Colóquio Linguístico. 21 Anos depois*. In M.C.Cabo Verde *Iº Colóquio Linguístico sobre o Crioulo de Cabo Verde* (p.9). Praia: INIC.
- _____ (2006). *Uma Leitura Plural do Romance O Escravo*. In M. C. Cabo Verde, *O Ano Mágico de 2006 - Olhares retrospectivos sobre a História e a Cultura cabo-verdianas* (Vol. I, p. 371). Praia: IBNL.
- Verde, G. C. (1975). *Primeiro Programa do Governo de Cabo Verde* . Praia. (páginas soltas)
- Vieira, H. (1986). *Nova versão da revolta dos escravos em 1835*. In M. C. Cabo Verde, *Simpósio Internacional sobre a Cultura e a Literatura Cabo-verdianas* (p.339). Mindelo: INBL.



Universidade de Cabo Verde

Faculdade de Ciências Sociais, Humanas e Artes - São Vicente

Tema: A Identidade Cultural cabo-verdiana no romance *O Escravo*, de José Evaristo d'Almeida
Mestrado em Ensino de Língua Portuguesa, Língua Segunda / Língua Estrangeira

6 – ANEXOS

6.1- Anexo 01

A OBRA E O AUTOR: *O ESCRAVO* E JOSÉ EVARISTO D'ALMEIDA

Esta obra centra-se, de uma forma geral, na temática da escravatura, “uma das fases mais negras da história da humanidade”. Segundo João Lopes Filho “durante vários séculos o tráfico de escravos dominou o comércio europeu, acrescido de fato de a posse daqueles simbolizar para muitos a concentração de riquezas e mesmo ostentação”²¹⁴. Ainda de acordo com o autor, a partir da exploração dessa mão-de-obra que “se construiu uma Europa enriquecida à custa do sofrimento e escravidão forçada de seres humanos”. Testemunhos desta época são muitos que ilustram esta crueldade sobre esses seres humanos. Em um deles António Barbosa da Silva, defende que:

a única coisa que o colonizador valorizou no negro, para além dos dentes, era a força física. Mas por isso mesmo o preto foi assemelhado ao animal de carga e doméstico, fato este que levou o colonizador a transformá-lo como animal em escravo que foi vendido, usado e abusado só por causa da sua cor da pele.”

Silva A. B., 1990, p. 75

Desta forma, formou-se uma sociedade dita “escravocrata” que tinha como entreposto comercial a ilha de Santiago em Cabo Verde onde estes serem humanos, (os que chegavam vivos) provenientes da Costa Ocidental africana, de forma desumana e em porões de navios, eram desembarcados / despejados para serem ladinizados, aproveitados para trabalhos locais e também vendidos para Europa e América como mercadorias²¹⁵.

Os escravos faziam os trabalhos domésticos, cuidavam do gado, semeavam o grão e colhiam os frutos para os seus senhores. Para além disso, trabalhavam nas plantações de algodão, de cana sacarina, entre outras.

O autor do romance *O Escravo* nasceu em Portugal no século XIX e morreu em Guiné-Bissau no século XX, onde durante a sua vida adulta, participou em vários episódios históricos e

²¹⁴ (Filho, 2006, p. 9).

²¹⁵ De salientar que “a partir da carta de 1466, todos os moradores de Santiago gozavam de estatuto de mercadores. Este estatuto permitiu o surgimento dos primeiros mercadores de escravos, um grupo social cuja atividade principal era serem os importadores de escravos da Costa da Guiné. Com as formações de parcerias entre si e com mercadores estrangeiros, os mercadores de escravos tornaram-se uma camada social poderosa, pois deles dependia o abastecimento da mão-de-obra para trabalhar nas ilhas”. (Tavares & Maio, 2011, p. 25)



Universidade de Cabo Verde

Faculdade de Ciências Sociais, Humanas e Artes - São Vicente

Tema: A Identidade Cultural cabo-verdiana no romance *O Escravo*, de José Evaristo d'Almeida
Mestrado em Ensino de Língua Portuguesa, Língua Segunda / Língua Estrangeira

nas mudanças políticas e socioculturais que caracterizaram a vida colonial portuguesa nos séculos XIX e XX. Foi “Cavaleiro da Ordem de Cristo, Oficial da Contadoria, Escrivão, Deputado da Junta da Fazenda Pública da Província de Cabo Verde e Costa da Guiné”. Em 1849 foi eleito deputado por Cabo Verde, onde viveu vários anos e em várias ilhas”²¹⁶

Para relançar o romance *O Escravo*, Manuel Ferreira apresentou-o numa comunicação no Simpósio sobre Cultura cabo-verdiana realizado em Mindelo, integrado nas comemorações do 50º Aniversário da fundação da Claridade, com o nome de “*A propósito das duas obras: O Escravo e Contos singelos de dois autores, José Evaristo d'Almeida e Guilherme Dantas, fundadores da ficção cabo-verdiana*” onde a obra de José Evaristo d'Almeida começou a destacar-se ou ser mais conhecida no mundo intelectual cabo-verdiano²¹⁷. De acordo com Manuel Veiga, o romance *O Escravo*, “mostra-nos a sensação de que a obra, mais do que uma história de escravatura, é uma saga de amor, já que retrata a história de um escravo apaixonado por uma mestiça”²¹⁸.

João, seu herói principal, é um escravo negro que se sente agrilhado e despedaçado mais pela dor de um amor impossível, de que pelo sofrimento da condição de escravo, cuja situação de impiedade é delicada pela própria intensidade de um amor antes espiritual do que carnal.

Na opinião de José Luís Hopffer Almada o romance “*O Escravo* testemunha um estilo romântico - realista” e ajudou na formação “de uma sociedade com identidade própria”. Segundo este poeta, é através da “personagem central do romance, o João, que é literalmente proferido o primeiro grito da Negritude nas ilhas de Cabo Verde”²¹⁹. Um grito que veio numa altura em que “grandes potências mundiais como a Inglaterra ditavam o fim da escravatura. A narrativa passa-se no ano de 1835 e inicia-se com a descrição da casa de Maria, localizada à vila da Praia. O narrador descreve o ambiente e os cuidados de Maria para com as flores, juntamente com os zelos dedicados a ela pelo escravo João. Este chega a desabafar, dizendo preferir não ter o conhecimento recebido, já que na sua condição, o destino era imutável. No fim, Maria ofereceu-lhe a liberdade, mas rejeita-a argumentando que aos escravos libertos não são oferecidos os direitos dos nascidos

²¹⁶ (Salústico, 2005, p. 38)

²¹⁷ (Ferreira, 2010, p. 247)

²¹⁸ (Veiga, 2006, p. 371)

²¹⁹ (Almada J. L., 2006, p. 19)



Universidade de Cabo Verde

Faculdade de Ciências Sociais, Humanas e Artes - São Vicente

Tema: A Identidade Cultural cabo-verdiana no romance *O Escravo*, de José Evaristo d'Almeida
Mestrado em Ensino de Língua Portuguesa, Língua Segunda / Língua Estrangeira

livres. Na verdade, a maior escravatura do João, desenvolvida na intriga, é a de amor platónico por sua senhora que por sinal era sua sobrinha.

Cláudio Pimentel, pai da Maria, viaja para uma missão em Guiné-Bissau, ficando a Maria e a mãe que recebem a visita de Lopes²²⁰, “um verdadeiro tipo português”, que trouxe uma carta de recomendação. Apresentando como oficial rebaixado por motivos políticos, é bem-recebido na casa Pimentel com morabeza, simpatia e cordialidade que caracterizam o povo cabo-verdiano. Porém, encantado à primeira vista com a beleza da Maria, declarar-se-á de imediato. Maria considera o ato indigno acreditando que ele a quer por ser uma linda mulata e ele branco europeu. Nesta trilha amorosa entra a personagem Luiza, uma escrava negra, apaixonada pelo João. Percebendo que o João nutria amor doentio pela Maria resolveu ajudá-lo, colocando-o no quarto da senhora enquanto ela dormia²²¹.

Mas, antes Luísa convida João para irem ao batuque. A ação adianta no tempo e é apresentada a casa do batuque – um lugar de festas sagradas - na vila da Praia. É o lugar de reunião e diversão dos negros escravos. Há tambores, dança do torno, contações de histórias e outros. Neste encontro lembraram uma história da filha de um rico lavrador chamado Miguel Gomes, que foi oferecida em casamento ao filho de um Sargento. (pp. 130-140). Porém a moça tinha um amor secreto e na noite de núpcias quando não correm os tiros de aviso de sua inocência, (virgindade) o pai ofendido vai atrás do noivo e desafia-o para um duelo. O noivo acabou por morrer. Os ouvintes perguntam o destino de Mariana e Domingos, outra personagem diz que talvez tinha virado feiticeira em quem poderia responder era Júlia uma negra feiticeira, contadeira de histórias que morava nas montanhas do interior da ilha.

O narrador muda de cenário para a Taverna do Tio Tesoura (pág.154) onde Lopes e alguns militares se reúnem para conspirarem contra o atual governo em favor do rei deposto, D. Miguel. Planearam a revolta dos militares.

Nessa mesma noite, João entrou no quarto de Maria e, não resistindo aos seus encantos, beija-a a mão. Despertando-a diante do ocorrido, Maria ofereceu-lhe, de imediato, a alforria. João

²²⁰ Lopes é nesta narrativa o “ elemento de perturbação” (Ferreira, 2010, p. 250)

²²¹ (Almeida J. E., nov.2016, p. 117)



Universidade de Cabo Verde

Faculdade de Ciências Sociais, Humanas e Artes - São Vicente

Tema: A Identidade Cultural cabo-verdiana no romance *O Escravo*, de José Evaristo d'Almeida
Mestrado em Ensino de Língua Portuguesa, Língua Segunda / Língua Estrangeira

desesperado segue-se para a monte a procura da sua mãe. Era o dia 21 de março de 1835 e a caminhada durou três dias. Ao chegar ao Monte Vermelho não encontrou Júlia, e cansado adormeceu. Quando Júlia aparece expõe as suas suspeitas e ela o reconhece como filho. Júlia conta-lhe as atrocidades recebidas e jura a vingança, porém, João teme pela família de Maria. Neste instante, ouvem-se os tiros da revolta de Lopes e Júlia sente-se vingada. João sente-se desesperado e tenta ir socorrer Maria das garras de Lopes, porém, Júlia ao tentar retê-lo, rola numa ribanceira, Júlia morre e João sobrevive.

Ao mesmo tempo, acontece o levantamento planejado por Lopes onde os revoltosos cedem aos oficiais e, Lopes é elevado a comandante com vivas ao rei D. Miguel nas ruas. Durante os combates ocorrem assassinatos de oficiais e saques. O narrador compara a crueldade dos soldados ao método da inquisição. Lopes envia um grupo de soldados para vigiar a casa de Maria. Três dias depois do levantamento militar, a mãe de Maria pede socorro ao João, pois a tropa de Lopes havia levado a sua filha. João pega uma arma com dois tiros e sai a cavalo atrás do Lopes e quando o alcança, perto da Calabaceira, atira o seu cavalo derrubando-o. Travam-se uma luta de espada e João é atingido. Maria coloca João em seus braços, beija-o e, no mesmo instante, João falece. Maria é levada pela tropa e João é abandonado ao Pé da Calabaceira. Cenas contrastante, pois de tragédia da morte colidiu com uma autêntica cena de romantismo da época.

Na cena seguinte Luiza e um escravo aparecem carregando o corpo de João até o Monte Vermelho. Ela havia pago para que o escravo a enterrasse junto ao corpo de João. Uma pedra esmaga-lhe a cabeça e cumpriu a promessa de ser enterrada junto ao João. A narração termina com a Maria e a mãe, mudando-se para Guiné a fim de encontrarem o pai e marido Cláudio Pimentel.

Mindelo, dezembro 2020